Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23329 DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA QUINTA-FEIRA 20 SETEMBRO 90 70$00

EDITORIAL

O Presidente deve ser eleito pelo povo?

Se as próximas eleições presidenciais corresponderem às previsões, isto é, se assumirem a configuração de uma espécie de referendo à figura do Presidente da República, sem que existam competidores à altura, debate ideológico ou, sequer, candidatos tipo «lebre» que permitam um simulacro de luta eleitoral, ganhará todo o sentido a pergunta: devemos eleger o Presidente por sufrágio universal?

Se o PR limita a sua acção ao uso de poderes simbólicos, então poderá perguntar-se: fará ainda sentido a sua eleição por sufrágio directo e universal ou será preferível que seja escolhido pelo Parlamento ou por um colégio eleitoral próprio, composto por um número restrito de *notáveis*?

Ou seja: se a componente parlamentar do nosso regime se acentua de tal modo que o Presidente adquire características similares à dos Chefes de Estado dos regimes parlamentares, quer se trate de monarcas, quer de políticos eleitos por deputados e outros quadros políticos, não será mais lógico adequar a forma de eleição ao estilo de um Presidente poderes políticos?

O sentido da eleição do Presidente por sufrágio universal é conferir-lhe poder político próprio e evitar que se limite a manifestações simbólicas, embora existam efectivamente regimes (raros) onde está consagrada a eleição directa por sufrágio universal do Presidente, mas este actua como se fosse um Chefe de Estado parlamentar - caso, por exemplo, da Áustria (por sinal, actualmente, um triste símbolo!).

Em qualquer caso, se as próximas presidenciais se resumirem a um esforço titânico de «marketing» político, destinado a referendar o presidente Mário Soares, poderá colocar-se a questão da «economia» da eleição por sufrágio universal do Presidente. Se assim vier a acontecer, as presidenciais

Mário Mesquita

continua na pág. 4

Golfo: 4 cenários de guerra e paz

Quatro especialistas analisaram para o «DL» cenários prováveis de uma evolução da crise no Golfo. Da guerra à solução diplomática, passando pela conferência internacional e pelo prolongamento do bloqueio, foram apresentadas as implicações da crise.

Pág. 2 e 3

Cenário 1: *Se houver guerra.../por François Martins*

Cenário 2: *O pecado mora ao lado/por Carlos Gaspar*

Cenário 3: *Bloqueio interminável/por A.E. Sacchetti*

Cenário 4: *Salvar as faces/por J. Calvet de Magalhães*

Reuter

Ela saiu, ele ficou. Felisbela Wells é portuguesa e ontem conseguiu sair do Iraque com as suas duas filhas, Joana, de 7 anos, e Rebeca, de 2, (na foto, à espera de voo no aeroporto de Bagdad). O marido de Felisbela, o britânico Colin Wells, ficou retido como «escudo humano».

Pág. 8

Numa esplanada da Rua Augusta

«Água» causa lesões a um jovem cliente

João Luís Ferreira Torres Poupinha, de 21 anos, encontra-se internado no Serviço de Cuidados Intensivos do Hospital de S. José por ter ingerido um líquido engarrafado numa embalagem de água mineral e que lhe provocou graves lesões internas.

O incidente ocorreu na noite de terça-feira, depois de João Luís e um grupo de amigos terem entrado na esplanada de um sanck-bar, da Rua Augusta, e solicitado água mineral.

O director do Serviço de Cuidados Intensivos do Hospital de S. José, Santos Bessa, confirmou ao «DL» que o líquido foi entregue à Polícia Judiciária, em cujos laboratórios já foi analisado. A «água» encontra-se, agora, na Inspecção de Actividades Económicas.

O mesmo médico acrescentou que as lesões de João Luís indiciam que ele possa ter bebido um ácido ou lixívia. Neste momento, a equipa médica procura determinar uma forma de minimizar as lesões do jovem de Almada.

Rui Bicho, outro dos jovens que provou o líquido sem, no entanto, o ingerir, ficou apenas com marcas nos lábios, embora também tivesse sido sujeito a tratamento hospitalar.

As eliminatórias das Taças europeias

Só o Porto resolveu a questão

Das equipas portuguesas participantes nas competições da UEFA, só Porto arrumou já a questão. As restantes alimentam esperanças, em grau diverso. O Benfica, que perdeu à tangente, garantiu já casa cheia para a Luz, quando se tratar de receber o Roma, como se conta nas páginas 14 a 17 em reportagem com o patrocínio de

urbicidade MEDIADORES ALMADA

PSD impede debate parlamentar *Pág. 4*

Soares confia segredo a Mitterrand *Pág. 5*

Cinema Condes 200 anos antes de Dick Tracy *Pág. 20*

URSS: Rizhkov sob grande pressão *Pág. 9*

Hoje: Suplemento Literário

PORTE PAGO

GRANDE ANGULAR

Cenários de guerra e paz *no Golfo foram pedidos pelo «DL» a quatro especialistas que, sem qualquer exercício de profecia, mostram nestas páginas as implicações que cada uma das hipóteses acarretaria O embaixador Calvet de Magalhães apresenta a solução diplomática. O brigadeiro François Martins a guerra. O almirante António Sacchetti um bloqueio naval prolongado e o assessor da presidência Carlos Gaspar a conferência internacional. São quatro hipóteses para a imprevisível crise no Golfo*

Se sempre houver guerra...

Uma questão que preocupa as pessoas quando pensam no que se está a passar no Golfo é a de saber se acontecerá ou não a guerra. E interrogam-se sobre o que poderá ocorrer, se ela se verificar.

Ambas as questões exigem a ponderação de muitos factores, complexamente inter-relacionados. A decisão de empregar a Força Armada vai depender, principalmente, da forma como os decisores avaliarem a evolução da situação, valorizarem o que «está em jogo», estimarem as consequências de cada uma das várias opções, bem como da pressão das opiniões públicas e da disponibilidade que elas permitirem. Ou seja, dependerá da personalidade dos homens que decidem, da dinâmica dos acontecimentos, das diversas culturas dos povos, da relação das forças.

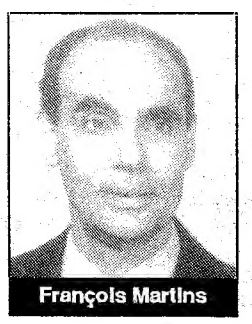
Do lado do Iraque, aquele que é conhecido por «carniceiro» de Bagdad tem mostrado ser um megalómano sem escrúpulos que não honra os seus compromissos. Não será detido nem pela consideração dos mortos e das destruições possíveis, nem pela lei, nem pela moral, mas apenas pelo cálculo que fizer das Forças em presença, e da determinação dos seus adversários. Para ele, a anexação do Kuwait representa a riqueza, o Poder, o caminho para a hegemonia do mundo árabe, enquanto o seu recuo representaria o fim dos seus sonhos de grandeza e, talvez, da sua vida. A sua actuação tem imprimido aos acontecimentos um cariz de «tudo ou nada».

Largas parcelas das populações do Iraque, e de outros estados muçulmanos da área, em especial na Jordânia, na Palestina, no Irão, por motivos religiosos e, ou, nacionalistas, tendem a ignorar o desrespeito pela lei internacional e as repercussões dos acontecimentos sobre a economia mundial, vendo tudo através de três ideias-chave: pretenso conluio entre ocidentais e israelitas, a suposta cupidez dos ocidentais que pretenderiam apoderar-se do petróleo árabe e ocupar os lugares santos, e a alegada corrupção dos ex-governantes do Kuwait. Essas massas estão fanatizadas, disponíveis para todas as violências, e acreditam que têm Deus e a razão consigo.

Para os israelitas, bem como para as elites dirigentes da Arábia Saudita, dos Emiratos, do Egipto, da Síria, a vitória de Saddam Hussein representaria enormes ameaças no futuro próximo. Para os ocidentais, como para o mundo em geral, é a estabilidade política e económica de todo o sistema internacional que está posta em causa pelas insolentes infracções da lei e da moral cometidas pelo Iraque, pelo controlo de cerca de 20 por cento do petróleo mundial que o seu êxito lhe permitiria, pela era dos graves conflitos no Médio Oriente que esse êxito inevitavelmente instalará como consequência imediata.

Quatro modalidades

A dinâmica dos acontecimentos, a partir da situação actual, pode conformar-se segundo uma de quatro modalidades gerais. A modalidade da «erosão do bloqueio» agrupa os vários possíveis cenários da falha do embargo. É aquela que daria uma clara vitória final de Saddam Hussein, que nela aposta. A modalidade da «solução negociada» inclui todos os cenários de diversos acordos possíveis por acção diplomática, que podem resultar da variada combinação de mútuas cedências territoriais, económicas e políticas, e que, conforme o que for cedido, darão a imagem de vitória parcial de uma das partes, ou de solução equilibrada. É a modalidade que as Nações Unidas e os aliados no Golfo vêm tentando implementar. Uma terceira modalidade, a da «solução interna», agrupa todos os cenários que perspectivam o derrube de Saddam Hussein por acção dos seus próprios súbditos. É a que melhor resolveria a crise, mas que, de momento, parece pouco provável. A quarta modalidade será a da «solução militar».


François Martins

A resolução da crise dentro de qualquer destas modalidades depende do que acontecer com o bloqueio. Porém, a manutenção deste em termos de eficácia durante o tempo suficiente, meses, talvez mais de um ano, com custos estimados de cerca de 50 milhões de dólares por dia, com elevados prejuízos para as economias de muitos países, com pressões contraditórias de opiniões públicas e de interesses nacionais, será certamente uma muito difícil tarefa. E se falhar?

Nesse caso, se essa possibilidade for percebida como inevitável, a coligação formada em apoio da resolução das Nações Unidas ver-se-ia perante um dilema claro: aceitar a vitória de Saddam, com todas as suas consequências negativas para o Sistema mundial das Relações Internacionais, e para a estabilidade do Médio Oriente, ou decidir-se por uma acção armada.

Esta pode também resultar de uma iniciativa deliberada de Saddam. Mas, o Iraque já ocupou o Kuwait, e, *de momento*, a conservação desta conquista bastar-lhe-á. A abertura de hostilidades por sua vontade não me parece credível a não ser em situação de desespero, por agravamento incontrolável da situação interna. Se isso acontecesse, seria quase certamente através de provocação a Israel, que arrastasse este país para a guerra, dando força aos insistentes apelos à «guerra santa».

A guerra poderá ainda resultar de um erro de conduta dos iraquianos, como a violação de imunidades diplomáticas, ou violência grave contra reféns, ou, quarta hipótese, resultar de um incidente de fronteira, verdadeiro ou provocado. Em ambas as hipóteses, erro ou incidente, o ocorrer a guerra dependerá muito da predisposição das partes envolvidas, o que nos reconduz às duas primeiras, as da decisão deliberada, ligadas ao que suceder com o bloqueio, e ao empenhamento das partes.

A hipótese militar

Tomada a decisão do emprego da Força Armada, esta poderia revestir uma de duas modalidades, a das acções pontuais, ou a do empenhamento generalizado. Esta, por sua vez, poderia ter como objectivo limitado a libertação do Kuwait, ou visar a derrota completa do Iraque. A modalidade das acções pontuais, utilizando exclusivamente vectores aéreos contra alvos escolhidos para levar o Iraque a ceder, parece-me ter muito poucas possibilidades de êxito, dado o carácter de Saddam e a atitude emocional de grande parte dos iraquianos. Quase certamente o emprego dos meios militares acabaria por cair na modalidade do empenhamento generalizado, que, por sua vez, e pelas mesmas razões, dificilmente poderia limitar-se ao território do Kuwait. E não poderia ser feito sem a participação da Arábia Saudita, cujo apoio logístico seria indispensável.

Penso, por isso, que uma acção militar quase certamente seria iniciada por ataques aéreos em grande escala visando, em primeiro lugar, destruir bases aéreas, baterias e radares anti-aéreos, bases de mísseis. Conseguido o domínio absoluto do espaço aéreo, seria possível então às forças terrestres aliadas, tirando partido de um poderosíssimo e constante apoio aéreo, do apoio logístico e de fogo dos navios, da sua grande superioridade no domínio da guerra electrónica, ultrapassar os obstáculos representados pelas linhas defensivas fortificadas que o Iraque está construindo e pela muito desfavorável relação quantitativa de cerca de dez para um.

Este conflito, ao contrário do que por vezes tem sido afirmado, não alastraria para fora da região. A acontecer, muito provavelmente restringir-se-ia aos territórios do Iraque e do Kuwait, com eventual utilização de mísseis iraquianos, com ou sem gases tóxicos, contra territórios vizinhos. A intervenção de Israel, que o Iraque tentaria, talvez arrastasse outros países para o conflito, mas apenas muçulmanos, dentro da região, provavelmente o Irão, e a Jordânia. Mas poderia alterar as alianças. No entanto, a intervenção de Israel seria evitada até aos limites do possível e, se acontecesse, procuraria limitar-se a um quadro que fosse minimamente aceitável para os países árabes que se opõem ao Iraque.

Vitória final

A supremacia aérea, e a superior capacidade tecnológica dos aliados, acabariam por garantir-lhes a vitória final, num prazo máximo de algumas semanas, dado as características dos armamentos em presença, e do próprio teatro de operações. Mas o preço a pagar seria certamente muito elevado, quer em muitos milhares de vidas, dos reféns, dos militares, e dos civis, quer em armas e infra-estruturas destruídas, e em abastecimentos consumidos, cujos custos, em poucos dias de combate, poderiam atingir centenas de biliões de dólares, ultrapassando largamente os de mais de um ano de bloqueio militar.

Estes prováveis custos, face ao que para ele está em causa, tornam para os EUA e para os países ocidentais, não desejável, embora aceitável em último recurso, a solução militar. A posição de Israel, como a dos dirigentes dos países árabes moderados, porém, porque para todos eles, embora de forma diferente, o conflito envolve interesses verdadeiramente vitais, poderá ser menos desfavorável à acção armada. É que, e isso não deve ser esquecido, a decisão de utilizar a Força Militar depende muito do que se pensa estar em causa, daquilo porque se quer, ou não, lutar. Os EUA e os aliados ocidentais só muito dificilmente decidirão tomar a iniciativa do emprego das armas. Saddam sabe disso, e tal como Hitler, pretende explorar em seu proveito o humanitarismo dos adversários.

O pecado mora ao lado

Entre os cenários possíveis para a resolução da crise no golfo Pérsico, o mais cínico é o que está implícito na proposta soviética para a realização de uma conferência internacional, em cuja agenda se incluiriam, em pé de igualdade, a anexação iraquiana do Koweit e os territórios árabes ocupados por Israel.

A qualidade moral deste nivelamento é evidente: ninguém de boa fé pode resistir à comparação entre os imperativos de sobrevivência que motivam a ocupação israelita de um *glacis* circunscrito em face de adversários agressivos e a estratégia de hegemonia que levou o Iraque a riscar do mapa um pequeno Estado, incapaz de o ameaçar fosse de que modo fosse. As suas consequ^encias imediatas são igualmente equilibradas, quando tornam crítica a vulnerabilidade de Israel, nomeadamente face à Síria, em troca da restauração do *status quo ante* no Koweit, que em nada prejudica a segurança iraquiana e evita punir o agressor. Mais exacamente, seriam os israelitas severamente punidos por uma agressão que não cometeram, nem lhes é imputável: o pecado mora ao lado.

Em todo o caso, a qualidade moral não é o factor que determina se este cenário é mais ou menos provável. Neste momento, o seu ponto de partida - a conferência internacional - existe apenas em suspenso e não existe isoladamente. De facto, a oposição norte-americana a esta proosta, e a resistência soviética à criação de uma estrutura de segurança regional, defendida pelos Estados Unidos, fizeram com que ambas as partes, na cimeira de Helsinki, omitissem estas suas posições prévias, sem no entanto as eliminarem do quadro de possibilidades. Deste modo, as duas propostas, ao mesmo tempo que eram postas em surdina, ficaram ligadas entre si, e uma e outra podem voltar a entrar em cena.

Esta *reprise* depende de três condições. A primeira resulta da duração da crise, sem decisão nem pelas armas, nem pelos efeitos do bloqueio. A segunda pressupõe que o Iraque resiste a uma negociação minimalista, da qual sairia com uma parte do território e dos recursos do Koweit restaurado *pro forma*. A terceira corresponde a uma alteração da estratégia regional das duas grandes potências.

A primeira e a segunda condições têm um grau elevado de probabilidade. O momento da intervenção militar contra os agressores do Koweit pode já ter desaparecido, e a eficácia do bloqueio é difícil de garantir. Por outro lado, até à data, a diplomacia iraquiana esteve à altura das circunstâncias e, com o tempo a passar, a pressão para ceder a termos de troca mínimos diminui - se é que estes são de todo aceitáveis e não implicam a queda do regime. Neste contexto, a necessidade de encontrar uma alternativa tornar-se-á urgente.

Para que essa alternativa possa ser a conferência internacional *cum* aliança regional de segurança à volta das reservas petrolíferas, eventualmente avalizada pelas duas grandes potências, é preciso que estas mudem as suas estratégias regionais radicalmente. Naturalmente, é mais difícil avaliar a probabilidade desta viragem, que implicaria uma preferência norte-americana por uma coligação árabe, o que diminuiria substancialmente a anterior relação com Israel, bem como a aceitação soviética de uma presença militar dos Estados Unidos numa região contígua da URSS, para evitar a emergência de uma potência árabe hegemónica e os riscos inerentes de subversão das repúblicas islâmicas que ainda pertencem à União Soviética. É certo que este percurso não é evidente, embora não ponha em causa nenhum interesse essecial, a não ser, bem entendido, o estatuto regional e internacional de Israel.

Por uma ironia insuportável, a extrema vulnerabilidade de Israel acabaria por coincidir com o momento da reunificação da Alemanha. Aparentemente, perante a necessidade de assegurar a todo o preço o fluxo regular do petróleo, os Estados Unidos não valorizam devidamente esta dimensão e, em qualquer caso, estão a prestar-lhe menos atenção do que a União Soviética, que acaba de normalizar as suas relações com o aliado dos seus adversários. É que, neste cenário, a segurança de Israel ficaria, em boa parte, nas mãos da URSS e, *mutatis mutandis*, o resultado mais importante da crise do golfo poderia ser a cooptação soviética de um aliado crucial dos Estados Unidos.

Carlos Gaspar

A guerra, ou a maneira de a evitar, dominam os cenários de evolução da crise

Um bloqueio interminável

Os responsáveis pela condução de uma crise complexa como a que se vive hoje no Médio Oriente terão que imaginar tantos cenários quantos os que possam resultar do admissível relacionamento das intenções dos antagonistas. Os cenários são construções imaginativas mais ou menos prováveis.

Um dos cenários a considerar será o que resulta da manutenção do bloqueio naval ao Iraque. O bloqueio naval é um dos actos previstos na definição de agressão aprovada pela ONU em 12 de Abril de 1974 e, no caso presente, tem como objectivo obrigar o Iraque a cumprir as decisões do Conselho de Segurança, nomeadamente a retirada do Kuwait e a restauração, neste país, do seu Governo legítimo.

É necessário admitir que o bloqueio naval poderá não ser absolutamente eficaz, uma vez que o Iraque dispõe de dezenas de aviões das suas linhas aéreas, agora sem qualquer serviço e utilizáveis como aviões de carga. No caso de haver algum país que aceite furar as sanções económicas decididas pela ONU, e se não for decretado o bloqueio aéreo, muito mais difícil de impor do que o naval, o Iraque poderá sustentar o seu isolamento por mais algum tempo. Porém, essa ponte aérea terá custos elevadíssimos, não será suficiente para abastecer o país e o Iraque continuará privado das receitas de que cada vez mais necessita e que só poderá obter com a exportação de petróleo por mar. E isto apesar de o Iraque ocupar a bacia dos rios Tigre e Eufrates que, com o vale do Nilo, constituem o «Crescente Fértil», as regiões agrícolas mais produtivas de todo o mundo árabe.

Portanto, as forças militares internacionais têm toda a capacidade para impor o bloqueio, que será mais ou menos prolongado conforme for permitido ou não o tráfego aéreo.

Mas será que o bloqueio consegue o objectivo de libertar o Kuwait?

O presidente Hussein assumiu atitudes que são irreversíveis para um ditador. A intervenção militar, a declaração de anexação política do território do Kuwait e a imagem que quis criar perante a nação e o mundo árabe, tornam impossível qualquer cedência ou qualquer recuo forçado, isto é, qualquer recuo que não possa ser apresentado como manobra táctica, tal como o foi o abandono dos territórios conquistados ao Irão na guerra dos oito anos. A imposição estrangeira da reposição da situação anterior à anexação significaria, inquestionavelmente, o seu fim. Não havendo qualquer possibilidade de saída «honrosa», um ditador, assim coagido, luta.

António Emílio Sacchetti

Se o bloqueio, por si só, não alcança o objectivo de obrigar a libertação do Kuwait sem violência, parece poderem considerar-se quatro hipóteses, na evolução da situação.

Primeira, o mal-estar interno provocado pelo bloqueio origina a sublevação do povo iraquiano, com deposição dos actuais governantes e reposição da legalidade no Kuwait. Segunda, um incidente provocado por qualquer das partes origina um conflito militar, certamente impossível de suster. Terceira, a propaganda que o presidente Hussein vem desenvolvendo e o apelo à guerra santa, num período mais prolongado, pode provocar reacções graves do povo árabe contra os «estrangeiros» e os seus próprios governos, obrigando a ONU ou a comunidade internacional a decidir a intervenção militar para por fim a uma situação excepcionalmente perigosa. Quarta, o presidente Hussein, perante uma situação de bloqueio que prevê insustentável, decide actuar militarmente.

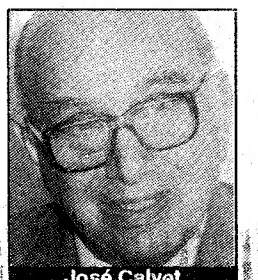
Destas quatro hipóteses, três terminam em conflito militar, sendo as duas últimas as que se apresentam como mais prováveis. Se o conflito militar ocorrer não parece possível que o Iraque saia vitorioso.

Salvar, diplomaticamente, as faces

As perspectivas de uma guerra na região do Golfo são de tal maneira catastróficas que se torna imperioso encontrar uma solução pacífica para o conflito criado pela invasão do Kuwait pelas forças militares iraquianas. Actualmente, estamos em presença de uma situação de impasse, na qual Saddam Hussein considera a anexação do Kuwait como um facto consumado e as Nações Unidas, com os EUA como o seu principal braço militar, condena a anexação como uma clara violação da Carta, exigindo a retirada das forças iraquianas do Kuwait e a restauração da independência deste país-membro.

A manter-se esta situação, chegar-se-á em breve a um estado de coisas inconveniente para ambas as partes em litígio. A escalada das sanções económicas que levará a um total bloqueio económico (marítimo e aéreo) colocará o Iraque numa posição desesperada, promotora de reacções as mais surpreendentes e calamitosas.

Por outro lado, o prolongamento da situação de impasse vai tornando cada vez mais difícil uma decisão americana de empregar as armas, em virtude das dúvidas e hesitações que se vão criando na opinião pública americana e mundial sobre a justificação do emprego da força. Nestas circunstâncias, uma fórmula negociada que permita salvar a face, pelo menos parcialmente, a ambas as partes poderia, eventualmente, resolver o conflito evitando a guerra.



José Calvet de Magalhães

Essa fórmula consistiria, nas suas linhas gerais, no seguinte:

1) O Iraque retiraria as suas forças do Kuwait e assumiria o compromisso de não interferir na política interna deste país.

2) Os EUA e os outros países que enviaram forças para a Arábia Saudita retirariam igualmente essas forças.

3) Seria criada uma Confederação árabe composta pelo Iraque, o Kuwait e a Jordânia, e possivelmente outros países árabes.

4) O Kuwait assumiria o compromisso de coordenar a sua política petrolífera com o Iraque.

5) Uma força das Nações Unidas composta de unidades de pequenas nações, entre as quais algumas nações árabes, seria mantida na fronteira entre a Arábia Saudita e o Iraque.

6) Uma conferência internacional, em que participariam as principais potências financeiras do mundo, procuraria resolver os problemas financeiros do Iraque.

Um tal plano obrigaria a importantes recuos por parte de todos os intervinientes. Por isso, seria necessário que uma entidade, suficientemente poderosa, promovesse a aceitação de um tal compromisso. Essa entidade deveria ser a União Soviética, que no momento presente é a grande potência que se encontra na melhor posição para desempenhar uma tal função.

No mundo ocidental uma solução pacífica desta natureza será certamente considerada como pouco aceitável e contra ela certamente se oporá a Srª Thatcher. Para mim ela também não me satisfaz.

Mas para a justificar poderei lembrar o que disse Benjamin Franklin, um ilustre americano: «Nunca houve uma guerra que fosse boa, nem uma paz que fosse má».

COMENTÁRIO

A visão *Superman*

As crises são férteis, fazem avançar o mundo. Nesta perspectiva, há menos disponibilidade para profecias de guerra, para conceber cenários terríficos, para cair em tentações maniqueístas, para confundir pretextos com motivos, para ver tudo negro.

A crise do Golfo é gravíssima, pois sim, senhor, constitui tremenda ameaça à paz, há um crescendo de tensão, mas, como escreveu nestas páginas o prof. Medeiros Ferreira e o embaixador Calvet de Magalhães agora também lembra, o prolongamento da situação actual afasta em grande medida a possibilidade de um conflito armado. Não terá mesmo outro objectivo senão o de fazer esmorecer ímpetos guerreiros, partilhados a Ocidente e a Oriente.

Os ímpetos ocidentais não representam, todos, necessariamente, uma firme disposição de levar até às últimas consequências a recusa de aceitar uma violação flagrante do direito internacional como a conquista do Kuwait pelo Iraque; no caso da Europa comunitária, trata-se mais de uma declaração de independência relativamente aos Estados Unidos. O Golfo está dando aos europeus um pretexto formidável para aproximar um objectivo fundamental e necessário, que é o da construção da unidade política, através de fugas para a frente na gestão da crise. (Tem havido outros, infelizmente desaproveitados e também regados a petróleo, como o de Timor-Leste, invadido pela Indonésia, sem bloqueio nem sete resoluções da ONU).

Nem tudo, pois, é inquietante ou negativo entre as ameaças que se acastelam. Entre o preto e o branco há o cinzento. Uma ameaça que convém notar, decorrente da crise é a da presença prolongada de forças militares norte-americanas na região, porque representa, sob a aparência de proteger uma nova ordem internacional, a insistência na vocação pentagonista de patrulhar a Terra. O Médio-Oriente, especificamente, não pode continuar a ser visto como uma coutada ocidental, as nações árabes têm o direito de reassumir no mundo um papel à altura do seu fulgurante passado; a visão simplista desta crise, muito *Superman*, ignora ser este o sentimento por detrás do culto de um tirano como Saddam Hussein, que séculos de pilhagem fazem surgir aos olhos mouros como um resistente ou libertador.

Problemas assim não se resolvem, salvo artificialmente, por via de guerras, para mais quando está por demonstrar a segurança absoluta da teoria kissingeriana da «intervenção cirúrgica», isto é, de um *blitz* extirpador, cujas ondas de expansão se contenham no teatro de guerra original. Nada garante, na verdade (talvez até pelo contrário) que uma intervenção rápida e eficaz no Iraque não rastilhasse uma guerra de proporções catastróficas. Todas as vozes, todos os esforços que, sem quebra de princípios ou justas indignações, visem esconjurar este perigo são de apoiar sem reservas, principalmente se rejeitarem visões maniqueístas e assumirem erros passados. De outro modo, o que nos espera é a recorrência de crises, assomos de um conflito crónico do qual ninguém está isento de culpas.

João Paulo de Oliveira

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção **Acácio Barradas**
Chefes de redacção-adjuntos: **José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho**

Redactor-principal **João Paulo de Oliveira**

Coordenadores de Secção: **António José Teixeira, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Neves de Sousa e Vítor Leitão**

Repórter-coordenador: **Adelino Cardoso**

Redacção e reportagem fotográfica: **Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco**

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo, Brito e Pedro Palma**

Grafistas: **Ribeiro da Silva** (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores: **Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães**

Secretária de Direcção **Maria Eduarda Soutello**

Secretaria de Redacção: **José Agostinho** (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade **Luísa Valadas**

Gestor de Informática **Luís Canteiro**

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

Na Assembleia da República

PSD impede debate sobre a crise no Golfo

O PSD impediu ontem no Parlamento a possibilidade de o ministro das Finanças Miguel Beleza comparecer na Assembleia antes do debate do Orçamento para esclarecer os deputados sobre as consequências da crise no Golfo na economia portuguesa. A proposta partira do PCP, fora apoiada por toda a Oposição, mas a Maioria considera que «o momento privilegiado» para esse debate é a próxima apresentação do Orçamento de Estado.

O exemplo citado de outros parlamentos europeus, que estão a analisar os efeitos provocados pela situação no Golfo, não colheu junto da bancada social democrata, sobretudo porque o PSD pretende evitar que um debate sobre a situação internacional crie um clime de pessimismo. Tal clima poderá será atenuado por ocasião do debate do Orçamento, altura em que o Governo anunciará o reforço de verbas para áreas chave, nomeadamente a educação.

Mas as negativas do PSD não se ficaram por aqui. Os representantes da maioria na comissão permanente da Assembleia da República também recusaram uma proposta socialista («de carácter preventivo») que visava a elaboração de um relatório com um levantamento exaustivo das empreitadas de obras públicas atribuídas sem concurso pelo Ministério das Obras Públicas, desde o início do corrente ano. Para o PS, o Governo está também a «exercer pressões sobre os empreiteiros para encurtar prazos, com graves custos para o erário público, apenas porque é necessário acabar as obras antes das eleições». A isto repondeu o PSD, pela voz de Silva Marques, que, «o que vos dói, é que o Governo tenha intensificado o ritmo das obras e tenha atacado as grandes questões nacionais»

PSD não vai ouvir comissão da Rádio

A comissão parlamentar de assuntos constitucionais não vai ouvir a comissão consultiva da rádio sobre a atribuição de frequências regionais, devido à extinção deste órgão - disseram fontes parlamentares ouvidas pela Lusa. A audição, que fora solicitada pelo PSD, foi inviabilizada pela entrada em funcionamento da Alta Autoridade para a Comunicação Social, que recolheu as competências anteriormente atribuídas à comissão consultiva.

A iniciativa surgira em Julho, depois de o PS ter requerido a realização de um inquérito parlamentar à atribuição de frequências regionais à Correio da Manhã Rádio e à Rádio Press e pouco antes da promulgação da lei que criou a Alta Autoridade. Este último facto levou, aliás, a oposição a classificar como «palhaçada» a audição que o PSD se propunha levar a cabo.

Homenagem à memória de Ângelo Veloso

Na sessão de ontem, os deputados foram unânimes na homenagem à memória do comunista Ângelo Veloso, recentemente falecido. Todas as bancadas tiveram palavras de respeito para com o ex-deputado e aprovaram um voto de pesar apresentado pelo PCP.

«Roberto Ivens» poderá ir para o Mediterrâneo oriental

A fragata portuguesa «Roberto Ivens» poderá ser deslocada para a zona oriental do Mediterrâneo, de acordo com uma decisão da NATO que pretende alargar aquela zona o exercício naval que está a decorrer no Mediterrâneo ocidental e em que se integra aquela fragata portuguesa.

O Governo português ainda não respondeu à solicitação da NATO, devendo, no entanto, fazê-lo a curo prazo.

O exercício «Deterrent force» em que participa a «Roberto Ivens» conta também com vasos de guerra da Alemanha Federal, Espanha, Estados Unidos, Grã Bretanha, Grécia, Itália e Turquia.

A zona para onde a NATO pretende transferir os exercícios, o Mediterrâneo Oriental (Turquia) é ainda área da Aliança. Por isso e porque também não se trata de envolvimento na região do conflito, a autorização do Governo deverá ser concedida

Frota da Soponata não foi afectada

Entretanto, o petroleiro português «Marão» navega para Das Island , nos Emirados Árabes, devendo ali chegar no dia 28 para carregar 125 mil toneladas de ramas de petróleo para a Petrogal. Outro petroleiro português, o «Montemuro», que recebeu um carregamento naquele porto, está, agora, a descarregar em Casablanca.

Matias Fernandes, administrador da Soponata, disse à Lusa que as companhias transportadoras de crude têm registado um menor afluxo de contratos desde a crise no Golfo. Referiu que a frota da Soponata (dez navios) «ainda não foi afectada no transporte de ramas, pelo facto de se ter procurado utilizar os navios em países que deles necessitavam. A nossa função, disse, é manter os navios em actividade, garantir o abastecimento de ramas e produtos ao país, na medida das nossas possibilidades , e garantir também a segurança dos navios e tripulações».

Argelinos compreendem posição portuguesa

O ministro argelino dos Negócios Estrangeiros classifica a posição portuguesa sobre a crise no Golfo como «hábil e prudente».

Falando à Lusa em Marrocos, Sid Ahmed Ghozali disse que Portugal, membro da NATO e da CEE está limitado nas suas posições independentes, mas que, mesmo assim, tem dado uma resposta aos seus aliados que revela uma certa atenção pela evolução dos acontecimentos no Golfo e as consequentes reacções do povo português.

Ghozali considerou curiosa a semelhança que o primeiro ministro português faz entre o Kuweit e Timor Leste e sublinhou que a Argélia sempre considerou o direito do povo timorense à autodeterminação.

A fragata »Roberto Ivens» que participa em exercícios navais da NATO

EDITORIAL

O Presidente deve ser eleito pelo povo?

Continuação da pág. 1

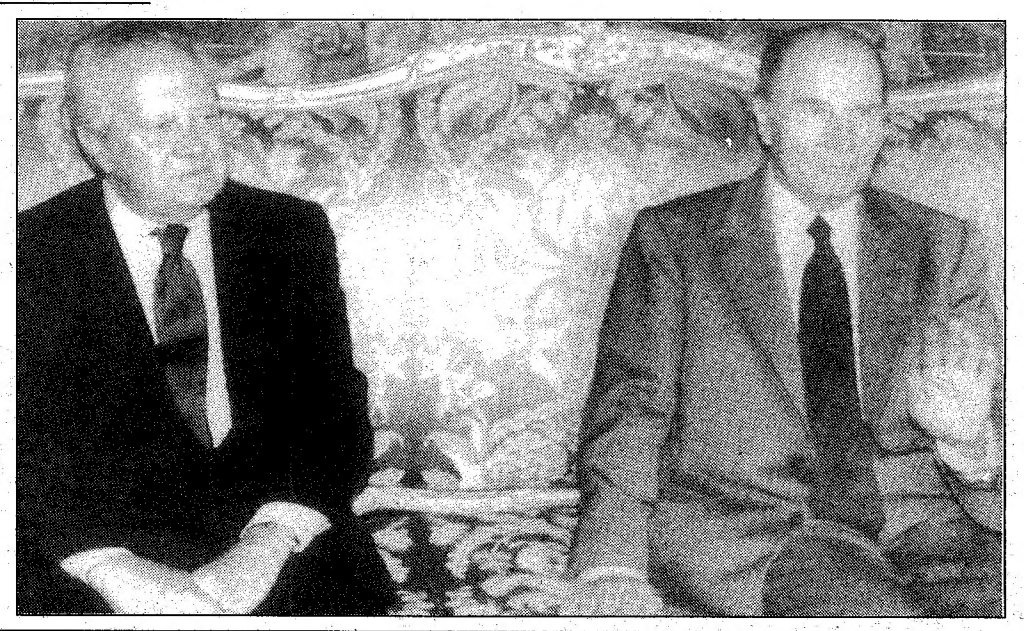
de 1991, apesar de «desvalorizadas» pelo seu eventual carácter referendário, acabarão por adquirir um significado institucional relevante, favorecendo a perspectiva dos que pretendam «fechar» o sistema político português num parlamentarismo bipartidário.

Essa evolução, em nosso entender, é indesejável. Por três ordens de razões. Por *motivos de natureza conjuntural:* é razoável admitirmos que a maioria absoluta monopartidária actualmente existente seja uma situação excepcional e de difícil repetição; se assim for, isso conduzirá à revalorização do poder presidencial, enquanto elemento compensador da inexistência de maiorias absolutas no Parlamento. Por *motivos ligados à cultura política portuguesa,* que valoriza a personalização do poder estatal, bem como a natureza imediata dos elos entre o cidadão e o Presidente. E ainda por *motivos de equilíbrio de poderes*: o modo de eleição do Presidente é, pelo menos teoricamente, o único contrapeso ao poder dos estados maiores partidários e à sua própria cooptação do pessoal político.

Os constituintes de 1975-76 tinham presente a síndroma do colégio eleitoral fantoche criado por Salazar após as eleições de Humberto Delgado. O desaparecimento da eleição presidencial por sufrágio universal - mesmo viciada pela censura, pela polícia e pelas fraudes - foi um dos factores que contribuíram para que o regime salazarista, fechando-se cada vez mais sobre si próprio, não tenha encontrado, ao contrário do que sucedeu em Espanha, uma forma de transição gradual para a democracia política.

M.M.

Soares conta a Mitterrand segredo da candidatura



O Presidente Mário Soares abordou ontem com o seu homólogo francês, François Mitterrand, a questão da sua eventual recandidatura, no decorrer de uma audiência, a sós, durante uma hora, em Paris.

«Como temos relações de amizade, ele (Mitterrand) colocou-me a questão, mas não posso dizer a resposta que dei», acrescentou.

Fonte da Presidência disse à agência Lusa que foi a primeira vez que Soares deu uma resposta sobre o assunto. «Em Portugal, o Presidente recusa sempre fazer comentários sobre o assunto», adiantou o mesmo informador.

Assuntos de actualidade dominaram o encontro e, sobre a crise do Golfo, Soares afirmou que Portugal e França sustentam posições semelhantes de «condenação total pela atitude de Saddam Hussein».

«É necessário uma coordenação de esforços para que essa atitude de atentado à ordem internacional não subsista», preconizou Soares, que se escucou a prever uma solução do conflito, preferindo manifestar-se favorável a «uma saída pacífica, não conflituosa, sem cedências a Hussein».

Referindo-se à Europa, Soares mostrou-se satisfeito com os resultados da cimeira franco-alemã, a qual, em sua opinião, reflecte o desejo de se continuar a impulsionar a unidade política da Europa.

Soares em colóquio sobre Sakharov

Mário Soares, aceitou ontem um convite para participar, em Moscovo, num colóquio sobre a vida e a obra do dissidente soviético, Andre Sakharov. O convite foi-lhe feito pela viúva de Sakharov, durante um debate em que ambos participaram, ontem à noite, na televisão francesa.

«É com todo o prazer que aceito, a título pessoal, esse convite e, desde já, posso afirmar que estarei em Moscovo quando da realização do colóquio», disse Mário Soares quando Helena Boner o convidou a integrar a comissão de honra de um colóquio sobre Sakharov.

De acordo com a Lusa, o programa em que Soares e Helena Boner participaram, contou ainda com a participação de Simone Veil, ex-presidente do Parlamento Europeu, a dissidente romena Doria Cornea, Robert Badinter, presidente do Conselho Constitucional Francês, e Nelson Mandela, vice-presidente do ANC sul-africano.

Mário Soares declarou que os momentos mais difíceis que viveu na luta contra a ditadura portuguesa ocorreram durante a deportação em S. Tomé e quando defendeu a família do general Humberto Delgado após o seu assassinato pela PIDE.

Laborinho Lúcio na TSF

Sistema judicial atravessa crise de crescimento

O ministro da Justiça, Laborinho Lúcio admite que os serviços de justiça têm lacunas, ao nível da morosidade dos processos, condições de trabalho dignas para os intervenientes e acesso do cidadão à justiça. «Não vou negar alguma crise que o sistema comporta, mas deve-se fazer uma análise comparada dos últimos dez anos para projectar o futuro. A situação que hoje temos é melhor», afirmou Laborinho Lúcio. O governante fez questão de sublinhar o trabalho realizado pelos ministros da Justiça (todos do PSD) dos sucessivos governos nos últimos dez anos, «um trabalho que permite ao actual ministro fazer agora uma política de justiça». «É uma crise de crescimento», adiantou.

Laborinho defendeu uma filosofia que privilegia o cidadão «fulcro do exercício da justiça».

Apesar de a sua formação como cidadão o levar a preferir «a transparência utópica à opacidade da realidade», a postura de homem de Estado obriga-o a encontrar em todas as situações mais polémicas do seu mandato aquilo que considera «o fiel do possível».

Não admira que durante o debate no programa Grande Juri da TSF, Laborinho Lúcio apenas se tenha comprometido com o possível, remetendo para a Assembleia da República, para o Presidente e para os Tribunais a decisão da amnistia dos presos do caso FP-25 de Abril, questão colocada por Isabel do Carmo, que durante três horas esteve acompanhada à mesa por representantes dos sindicatos de trabalhadores da Polícia Judiciária, situação que apresentou como um exemplo de tolerância «neste mundo em mudança».

Em resposta a Jorge Lacão, do PS, o ministro não garantiu que o orçamento da justiça seja apresentado ainda este ano com a transparência formal desejada, embora se tenha comprometido a apresentar aos deputados os elementos que formalmente não estiverem explícitos.

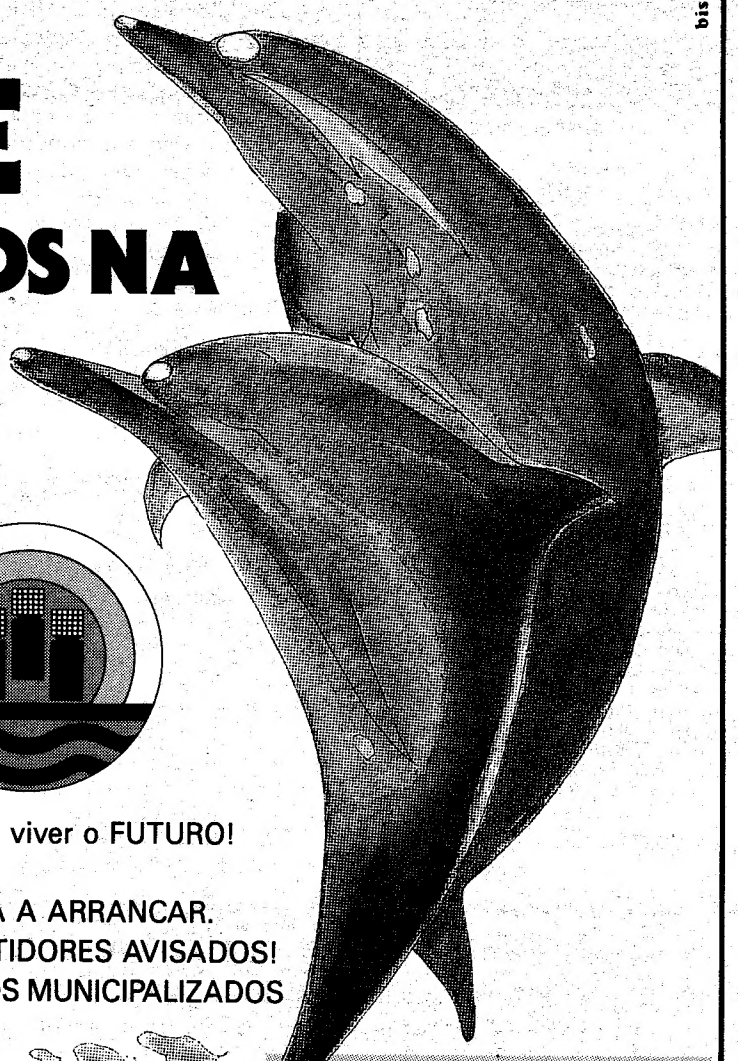
Durante cerca de três horas Laborinho Lúcio respondeu a questões sobre a formação de advogados, a nova Lei Orgânica da Policia Judiciária, as fugas de informação sobre assuntos em segredo de justiça, bem como as dificuldades da PJ actuar em casos de crime económico, devido ao acesso limitado a informações importantes, como as transferências bancárias.

COMPRE APARTAMENTOS NA COSTA AZUL

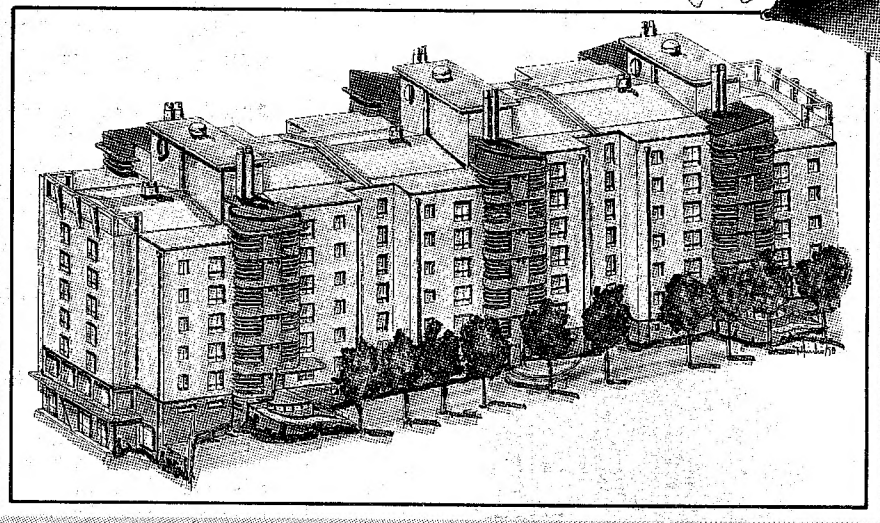
TORRES DO SADO

SETÚBAL

bisturi



A dois passos de Lisboa, SETÚBAL –
– A CAPITAL DA COSTA AZUL – começa já a viver o FUTURO!
Já lhe chamam SILICON BAY... E com razão...
OS GRANDES PROJECTOS COMEÇARAM JÁ A ARRANCAR.
SETÚBAL é um caso muito sério para INVESTIDORES AVISADOS!
AS **TORRES DO SADO** – JUNTO AOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL – SÃO UM **INVESTIMENTO CERTO**, COM **VALORIZAÇÃO GARANTIDA.**



Apartamentos de 2, 3 e 4 assoalhadas.

MESMO NO–
–CORAÇÃO–
–DA CIDADE!

Estou interessado em receber todas as informações sobre os vossos andares nas **TORRES DO SADO** em SETÚBAL.

Nome

Morada

Tel.

TETRA CONSTRUÇÃO, S.A.

ANDAR MODELO EM SETÚBAL: Av. Bento Jesus Caraça - defronte do posto Mobil
Telefone **065 / 72 11 44** Telex 63810 ARTET P
Sede: Av. Defensores de Chaves, 27-1.º Esq. – 1000 LISBOA
Telefone 54 10 10 (rede de Lisboa) Telex 13012 ESTIL P Fax 352 63 71

Recebido hoje pelo imperador Aikihito

Cavaco sensibiliza Japão para Timor-Leste

O primeiro-ministro português tem desenvolvido esforços a vários níveis, nesta sua primeira visita oficial ao Japão, para sensibilizar os responsáveis deste País para o problema de Timor-Leste. Se bem que os resultados não sejam, por ora, concludentes, poderá dizer-se que as autoridades nipónicas, embora com interesses na região, estão abertas à mediação da ONU. A posição do primeiro-ministro japonês terá evoluído num sentido que não desagradará ao Governo português.

Cavaco Silva disse aos jornalistas portugueses ter havido uma convergência de pontos de vista quanto à crise no Golfo e, quanto a Timor-Leste, esperanças nos esforços da ONU. Para já, portanto, Cavaco ligou de certo modo a invasão do Kuweit pelo Iraque à anexação de Timor pela Indonésia, uma vez que foram as duas grandes questões tratadas no encontro que manteve com os eu homólogo Toshiki Kaifu.

Cavaco com Aikihito

Numa declaração inicial feita aos jornalistas portugueses durante a conferência de Imprensa que ontem promoveu, Cavaco referiu-se em pormenor ao encontro que manteve com o seu homólogo, com o qual apreciou a situação no Golfo, a comemoração dos 450 anos da chegada dos portugueses ao Japão e situação na África Austral. Acerca da Timor-Leste, disse Cavaco que Kaifu apoi os esforços de negociação que estão a ser desenvolvidos pelo secretário-geral da ONU com vista a assegurar o direito do povo amubere a escolher livremente o seu destino, recordando que neste momento a questão está concentrada nas mãos de Perez de Cuellar e muito particularmente na visita de deputados portugueses ao território.

Investimento e turismo

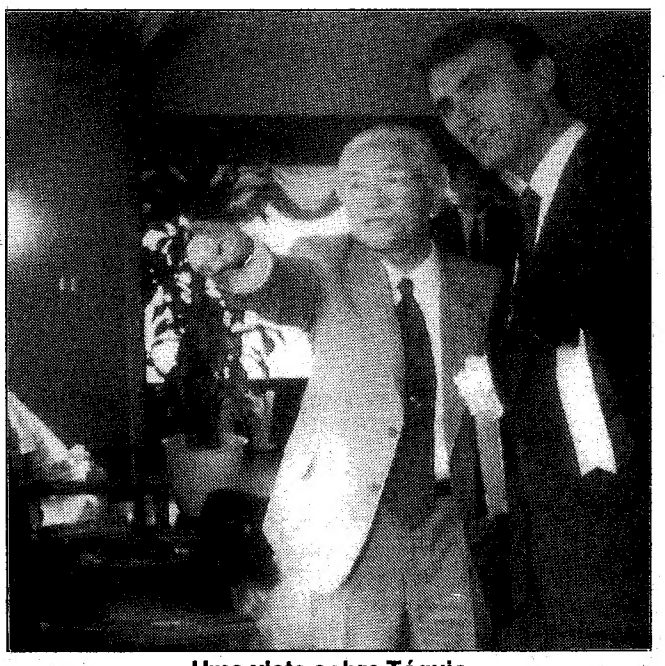
O primeiro-ministro português, que hoje é recebido pelo imperador Aikihito, convidou Kaifu a visitar oficialmente Portugal. O chefe do Governo nipónico conhece Lisboa de uma visita privada e fez questão de salientá-la a Cavaco. Kaifu aceitou o convite: passo importante para o desenvolvimento das relações entre os dois países, tanto mais que os portugueses chegaram ao Japão há cerca de 450 anos.

A nível cultural e até comercial os contactos entre os dois povos têm avançado, mas ainda aquém do nível desejado em relação às nossas pretensões e necessidades.

A audiência que Aikihito hoje concede a Cavaco é considerada como um dos pontos mais altos desta visita oficial. O primeiro-ministro português presidirá, depois, à sessão de abertura de um seminário sobre investimentos estrangeiros em Portugal, sendo um dos principais intervenientes nos trabalhos. Cavaco discursará durante a sessão, assim como os ministros do Comércio e dos Negócios Estrangeiros.

Na ponta final da sua estada em Tóquio, pois hoje mesmo parte para Osaca, onde amanhã conclui esta visita oficial deslocando-se ao pavilhão português presente na «Expo» mundial, o primeiro-ministro encontrar-se-á com o presidente da Associação de Empresários Japoneses.

Note-se que a captação de investimentos japoneses - cuja tecnologia é mais importante que os ienes - foi um dos três objectivos da sua visita. Os outros dois foram o turismo e as trocas comerciais, salientou Cavaco Silva numa conferência de Imprensa que reuniu apenas os jornalistas portugueses que o acompanham e na qual fez o balanço da sua missão em Tóquio.



Uma vista sobre Tóquio

Forum da Cooperação e Solidariedade

- IRÃO -
Março de 1981 - Guerra Irão / Iraque

Estou à cabeça de uma equipa cirurgica no Golfo Pérsico para socorrer as vítimas do lado Iraniano desta terrível guerra.

Esta noite trouxeram-me várias pessoas vítimas de um bom ardeamento aéreo, entre elas, uma criança de 8 anos terrivelmente qu mada. Chamava-se Fátima.

A extensão das queimaduras e a falta de uma unidade de cuidad s intensivos fizeram-me sentir uma impotência terrível. A Fátima, e tava portanto, irremediavelmente condenada, a sua vida duraria apenas algumas horas.

Durante esse período de enorme sofrimento, gostaria de lhe ter proporcionado todo o conforto a que uma criança inocente tem direito e merece, o conforto que a ncompreensão e a intolerância dos homens não deixaram que fosse possível.

Limpei as suas feridas e deitei-a numa cama limpa..., era tudo o que estava ao meu alcance fazer.

(Excerto do diário de um Médico Sem Fronteiras Português da A.M.I. - Assistência Médica Internacional)

Assistência Médica Internacional
organização humanitária não governamental
AMI; Av. Gago Coutinho, 66 — 1700 LISBOA
Telef.: 895192

Consultadoria e secretariado do Forum: GESTIMAGEM · Telef. 532171 · Fax: 532172

B R E V E S

Monumento a Delgado onde ele foi morto

As Câmaras Municipais andaluzas de Olivença e Vila Nueva del Fresno estão receptivas à ideia de erigir um monumento perpetuando Humberto Delgado, no local (em Olivença) onde foi assassinado pela PIDE/DGS - informa a Comissão Nacional de Homenagem ao «general sem medo». Numa reunião mantida por elementos da comissão com representantes daquelas duas autarquias, ficou também acordada a colocação de um memorial no sítio onde foram descobertos os cadaveres do general e da sua secretária, Arajir Campos, próximo de Vila Nueva del Fresno. As edilidades de Elvas e de Mourão, que se fizeram representar nestes encontros, cederão o material português necessário à construção dos monumentos, que ficarão a cargo do escultor Lagoa Henriques.

Assassinato de Trotsky assinalado em Lisboa

Meio século depois do assassinato de Trotsky, no México, às ordens de Estaline, em condições ainda por esclarecer cabalmente, o Partido Socialista Revolucionário (PSR) promove um colóquio intitulado «A oposição contra Estaline». António Reis (PS), Fernando Rosas (historiador), Francisco Louçã (PSR) e João Arsénio Nunes (PCP) dinamizam esta iniciativa marcada para as 21 horas e 30 de hoje, no Centro Nacional de Cultura. Trata-se de «um debate entre gente de esquerda acerca da memória e da herança da luta contra o estalinismo», salienta a organização do colóquio.

Autarcas socialistas opõem-se a Cavaco

A Associação Nacional de Autarcas do PS (ANAPS) manifestou a sua «total oposição» à proposta de Cavaco para alterar o método de eleição para as autarquias. Uma fonte da organização disse à Lusa que «é ao cidadão eleitor que compete o julgamento da actividade dos autarcas e a sua continuidade ou não». Os autarcas socialistas admitem, contudo, a possibilidade de alteração à constituição dos órgãos autárquicos e aceitam discutir as candidaturas independentes. O presidente desta organizção socialista, Joaquim Couto, afirmou que «o primeiro-ministro pretende, por métodos incorrectos, violar o princípio da proporcionalidade, criando maiorias absolutas artificiais e desrespeitando a vontade dos cidadãos, numa autêntica batota eleitoral».

CGTP discute concertação e orçamento com o PRD

A CGTP/IN reuniu-se a seu pedido com o PRD para debater questões relacionadas com a preparação do Orçamento de Estado para 1991 e as negociações na concertação social. Carvalho da Silva, coordenador da central sindical, salientou que a elaboração deste instrumento é sempre importante pela definição de parâmetros da política orçamental e em particular da política de rendimentos, que em 1991 será «ainda mais importante por dizer respeito a um ano de eleições presidenciais e legislativas, as quais têm sempre grande influência na postura do poder em relação às reivindicações dos trabalhadores».

A ÉTICA, O DIREITO INTERNACIONAL E A AMÉRICA DO NORTE

Quando em determinada conjuntura internacional duas potências entram em confrontação e se equilibram em termos de poder militar, uma acabará por ser vencida, enquanto a outra caminhará, fatalmente, para formas de domínio.

De um modo geral este é o cenário que com uma certa periodicidade a história nos oferece e nos revela de quando em quando o nascimento de um ou outro império.

Algo diferente, porém, é o que se passou recentemente com o enfrentamento, a «guerra fria» entre as duas superpotências: os Estados Unidos e a União Soviética, que no conjunto dispõem de meios bélicos mais do que suficientes para destruir cinco ou mais vezes a Terra... Poder militar mais ou menos em equilíbrio, empatado, à base da dissuasão nuclear, diferente, portanto, do poder militar convencional, pelos seus efeitos globais e definitivos de extermínio, sem controlo, que levou directamente o poder mundial à sua bipolarização entre aquelas duas superpotências, os dois grandes impérios, que assim tiveram de coexistir, lado a lado, durante dezenas de anos, angustiados, sempre com o dedo no gatilho nuclear.

Este caso-pesadelo que todos nós vivemos, tem ainda mais a particularidade de uma das forças em confrontação (a URSS), se ter retirado da liça, o que em termos objectivos favoreceu a força que se manteve activa (a USA), a qual por força viva e falta de pressão da outra parte, tende a expandir-se por estímulos vitais inerentes à condição imperial e próprio ao sistema capitalista, onde aquele poder se insere.

Se insere e serve. E, aqui, surge a questão objecto destas notas ligada à razão de ser dessa confrontação, aos motivos que levaram as duas superpotências, aliadas na Segunda Grande Guerra Mundial a afastarem-se e logo depois a enfrentarem-se numa longa e desesperada guerra fria, onde se esgotaram em orçamentos armamentistas, a pretexto de defender princípios e ideologias...

Dizemos *pretexto*, porque os factos, objectivamente, apontam para outra causa, aliás bastante real a todos os níveis: o poder, simplesmente o poder.

Nem sequer, quanto a nós, se trata de defender os respectivos ideários e sistemas (liberalismo/capitalismo - socialismo/economia centralizada), embora estes estivessem presentes na confrontação e se tivessem envolvido por motivos óbvios nessa «guerra», dita ideológica. Nem que o capitalismo, que se tem nutrido fartamente dos favores do colonialismo, neocolonialismo, do sarcasmo, da exploração do trabalho, da especulação, da repressão e da violência e de autocratas e ditadores vários, tenha alguma vez preocupações dessa natureza e recuado perante estas condenáveis situações e procedimentos se os seus interesses corressem perigo.

O que é certo, sem recorrer à história, é que o tempo e as conjunturas fomentaram e acirraram os ânimos de ambos os lados e a ideologia e os sistemas surgiram como armas e bandeiras de posições, pelo efeito moral e aliciante que possuíam na opinião pública internacional, e assim foram utilizadas em força em todo o género de campanhas contra os pontos fracos dos sistemas e práticas políticas adoptadas pelas respectivas partes.

Do lado dos países capitalistas essa propaganda, compacta mas eficaz, integrou-se na «guerra fria» e tocava directamente na segurança, direitos e liberdades do homem, em valores democráticos.

É evidente que toda esta propaganda gerou, e isto já vinha de muito longe, um certo tipo de medo, que se estendeu por todo o mundo capitalista, aglutinando determinantemente os governos do mundo dito ocidental na cruzada contra o comunismo.

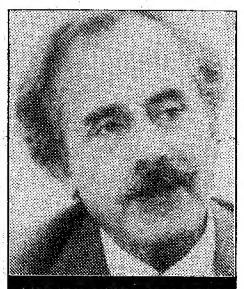
O fomento e a mobilização destes movimentos contrários e campanhas de ódio em relação a tudo que era comunismo e soviético facilitou e fez concentrar globalmente no poder dos Estados Unidos a missão defensiva/ofensiva contra essa ideologia e mais concretamente contra a URSS e, daí, os USA já sendo a maior potência económica erguer-se como a primeira potência militar desse mundo capitalista, enquanto os outros países desse mesmo mundo desenvolviam as suas potencialidades produtivas e tecnológicas, transformando-se em grandes centros industriais, económicos e financeiros, potencialmente seus rivais, como o Japão, a Alemanha, os Árabes produtores de petróleo e não só.

É verosímil, pois, que os Estados Unidos dado o seu poder acumulado e disperso estrategicamente pelo mundo (bases militares e aero-navais, indústria bélica, organização, alianças militares e económicas, etc. etc.), e sem a oposição activa por parte da União Soviética que, entretanto, se automarginalizou, tentem conservar esse poder militar e coordenador, e se apresentem ali e além a intervir e a decidir nos destinos do mundo. Desejo tendencial que resolveria também em grande parte as dificuldades económicas que hoje aquela superpotência experimenta aos níveis da dívida pública interna, défice da balança comercial e desemprego.

Neste contexto, veja-se o seu comportamento de agora em relação ao Panamá (questão do grande Canal), invadido por suas tropas e duramente castigado (3000 a 4000 mortos) pela sua aviação, apesar de expressa condenação do Conselho de Segurança das N.U. e da Organização dos Estados Americanos (OEA), e logo depois a sua precipitada intervenção no golfo Pérsico, a propósito da condenável invasão e anexação do Koweit pelo Iraque (questões de petróleo), forçando uma solução americana, punitiva, diferente daquela que o Conselho de Segurança tomou sobre o caso.

Atitudes que contrastam com as que os Estados Unidos tomaram em relação a esse mesmo Iraque, que silenciaram, quando este invadiu o Irão de Khomeiny, então inimigo declarado dos americanos; ou aquela outra, consentida, que tomou a respeito da invasão da Palestina e de terras do Líbano e da Síria por Israel, tudo sinais, em que a ideologia, a defesa dos direitos humanos e dos valores democráticos foram completamente ignorados, mas que não esqueceram os interesses imperiais, em honra do seu poder. O mesmo poder que está na sua intervenção nos negócios internos de Angola e na indiferença, interessada, que nos choca particularmente, perante a anexação de Timor pela Indonésia. Com esta postura hegemónica, os Estados Unidos estão a desencadear, por incoerência e abusos de poder nas suas acções, sérios motivos de descontentamento e de desconfiança não só por parte da Nação Árabe e da América Latina mas também do mundo inteiro, reacções naturais de contrapoder, ao mesmo tempo que anima certos apetites como agora o de Saddam Hussein sobre o Koweit.

A soma destes atropelos à moral e à lei internacionais cria assim as condições de instabilidade internacional e de ameaça à paz mundial que estamos vivendo, e os Estados Unidos, superpotência arrisca-se a perder, no quadro da opinião pública, a sua autoridade e credibilidade, tão necessárias na defesa da ética e ordem internacionais e à alta missão das Nações Unidas.



Ulpiano Nascimento

LETRA DE FORMA

PÚBLICO

De um artigo de Adriano Moreira:

(...) A evidência parece ser a de que os países do Terceiro Mundo com mais recursos mostram tendência para substituírem as armas convencionais, dispendiosas e sem fornecerem uma segurança proporcional aos custos, por armas de destruição maciça, procurando justamente armas atómicas, armas químicas e mísseis de longo alcance.

Acontece que as armas químicas são mais baratas, dependem de uma tecnologia mais acessível e os produtos necessários encontram-se nos circuitos comerciais privados.

Pensa-se que dezenas de países do Terceiro Mundo estão na posse de arsenais químicos e não se conhece proposta de sistema credível para instaurar uma política eficaz de desarmamento. (...)

19.SET.90

Diário de Notícias

De um editorial:

(...) A ameaça pendente sobre a representação espanhola na capital do anexado Koweit motivou já a reacção do Governo de Madrid - que anunciou a intenção de se envolver mais amplamente no conflito, reforçando de forma substancial a sua presença militar no Golfo. Recorde-se que Felipe González se mostrara partidário de um apelo às Nações Unidas com vista à aprovação de «medidas complementares» às resoluções tomadas por aquela organização, se etas não conseguirem, de facto, os objectivos pretendidos. A circunstância de Saddam parecer querer agora voltar-se contra a representação espanhola, à semelhança e na sequência do que antes fizera com a França, dará a González ainda maior razão para levar por diante as suas intenções.

Cada vez mais o ditador de Bagdad é um homem isolado face à comunidade internacional, quebradas que estão as últimas posições de certo modo cordatas e contemporizadoras com que suporia poder contar. Mas, com a obstinação e a cegueira características de todos os ditadores, é evidente que não se disporá a ceder. (...)

19.SET.90

CAPITAL

Da coluna «Independentemente», de José Vacondeus:

(...) De facto, está esgotada a afirmação de que não há democracia sem pluripartidarismo. Mas, também não é possível negar o que o exclusivo que tem existido, de apenas os agrupamentos políticos exercerem a actividade cívica se trata de uma limitação das liberdades. Porque, sobretudo, no que respeita às eleições autárquicas, ficar o País sujeito aos acordos, aos arranjinhos, às conveniências partidárias, em que, muito particularmente nos pequenos concelhos, naqueles em que as pessoas que lá residem e que são bem conhecidas pela sua capacidade, pelo comportamento do dia-a-dia, que merecem o respeito dos conterrâneos são impedidas de figurar no quadro dos elegíveis ou porque não estão filiados em qualquer partido ou porque, mesmo estando, não beneficiam da «protecção» dos manda-chuvas políticos, tal situação requer uma revisão na altura azada. (...)

19.SET.90

O DIA

Da coluna «A propósito...», de Silva Resende:

(...) Ocorrerá então perguntar qual o balanço da luta contra a droga. Possuo algumas informações sintomáticas. Apesar dos meios às ordens dos traficantes e das suas vantagens e cumplicidades no labor homicida, a actividade sente-se empalidecer. O modo de avaliação tira-se da «bolsa» instituída nos Estados Unidos. O preço da cocaína subiu nas cidades americanas a 35 000 dólares o quilo, o que se traduz por aumento da ordem de cinquenta por cento desde o ano passado. Por outro lado, o teor do produto baixou na composição de 70 para 55 por cento, pelo que o primeiro índice se situa ainda mais desfavorável do que oficialmente anunciado. (...)

19.SET.90

INTERNACIONAL

BREVES

Chissano desconfia das pretensões da Renamo

O Presidente de Moçambique, Joaquim Chissano, afirmou ontem que o seu Governo não sabe exactamente quais são as exigências dos rebeldes da Renamo com vista à assinatura de um cessar-fogo no país, acrescentando que as suas pretensões «foram variando e nunca foram muito claras». Num discurso efectuado durante a sessão de abertura da oitava reunião da Assembleia Popular acusou os rebeldes de pretenderem apenas a tomada do poder, afirmando ainda que «não se podem fazer democracias com processos anti-democráticos». As palavras de Joaquim Chissano surgem dias depois da Renamo se ter recusado a participar na terceira ronda de conversações em Itália, afirmando que não podia estar simultanemamente a negociar um cessar-fogo e fazer frente a uma ofensiva conjunta das tropas da Frelimo e do Zimbabué contra as suas posições.

UNITA deixa Luanda sem água e luz

A UNITA voltou ontem a sabotar a conduta de água potável e 15 postes que trasportam a energia eléctrica que abastecem Luanda a partir da barragem das Mabubas. Segundo um comunicado do Estado Maior General das Forças Armadas, a UNITA atacou ainda as sedes municipais da Ganda e Alto Catumbela, na província de Benguela, matando 21 pessoas e ferindo outras quatro. Entretanto, em Lisboa, uma delegação composta por membros da comissão coodenadora do Movimento Amplo para a Paz e Pluripartidarismo em Angola (MAPPA) foi ontem recebida pelo secretário de Estado da Cooperação, Durão Barroso. O movimento, que tem o objectivo de promover a discussão da revisão da lei constitucional entre os angolanos residentes no estrangeiro, reafirmou o seu apoio e a confiança na mediação portuguesa para a resolução do conflito. O MAPPA apresentou ainda um programa para a implementação do processo de paz em Angola, dando particular destaque para a necessidade de «responsabilizar cada vez mais os angolanos dos resultados do conflito, exortando-os a participar activamente nos destinos da nação».

PAIGC prepara-se para a democracia

Duzentos quadros do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo-Verde (PAIGC) iniciaram hoje, em Bissau, a discussão do ante-projecto da plataforma programática de transição para um regime multipartidário. O objectivo do encontro é preparar os quadros do partido para uma campanha de divulgação do ante-projecto da plataforma, dos estatutos e do programa do partido, que se realizará em todo o país entre o dia 15 e 26 do próximo mês. O seminário é ministrado pelo suplente do Bureau Político e ministro da Justiça, Mário Cabral e por Marcelino Mendes Moreira e Helder Proença, membros do Comité Central. O ante-projecto da plataforma programática de transição foi preparado ao longo de meses de trabalho pela comissão alargada de reflexão e é a base das negocições que o partido único da Guiné-Bissau vai promover com as «forças vivas da nação». O documento prevê a liberdade de criação de novas formações partidárias e, no âmbito das propostas que apresenta, propõe a institucionalização da liberdade sindical e do direito à greve, bem como a liberdade de Imprensa.

Se embargo e diplomacia não convencerem Bagdad

Bush preparado para «medidas adicionais»

Os EUA estão prontos a tomar «medidas adicionais» se o embargo contra o Iraque e as tentativas diplomáticas falharem, disse ontem George Bush. Embora o Presidente norte-americano não tenha precisado de que medidas se tratavam, a Casa Branca reafirmou que não excui o uso da força. O embargo ao Iraque poderá ser amanhã estendido ao tráfego aéreo por resolução do Conselho de Segurança da ONU. Os cinco membros permanentes chegaram ontem a acordo sobre a questão.

«Nós mostraremos a Saddam Hussein o que é, verdadeiramente, este grande país», disse Bush num discurso em São Francisco, durante um comício eleitoral republicano. Continuando a não ceder ao Iraque em nenhuma das suas exigências, o Presidente norte-americano declarou que « a humanidade não tolerará menos que isso. Se o Iraque não aceitar estas condições não negociáveis, o seu isolamento não terá fim. Estamos pronto a tomar medidas adicionais se as sanções e a busca de uma solução pacífica não funcionarem».

Quanto ao embargo aéreo, que nos últimos dias tem movimentado os diplomatas acreditados junto às Nações Unidas, foi ontem anunciado por Margaret Thatcher que os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança - EUA, URSS, China, Grã-Bretanha e França - tinham chegado a acordo sobre a questão e que deverão apresentar amanhã a proposta de resolução aos restantes membros.

Segundo vários diplomatas, nos termos do acordo, todos os Estados são instados a impedir o sobrevoo do seu espaço aéreo por qualquer avião em voo de ou para o Iraque, salvo quando transporte fornecimentos médicos ou esteja autorizado por uma comissão do Conselho, encarregada de fiscalizar o cumprimento das sanções. O documento prevê ainda a adopção de medidas contra os países que continuam a manter relações comerciais com o Iraque, em violação do embargo.

Ainda no âmbito da ONU, o secretário-geral, Perez de Cuellar, que na terça-feira se declarou muito pessimista sobre as hipóteses de uma solução pacífica da crise, disse que está sempre pronto a ir a Bagdad se isso for produtivo. Cuellar, através de um porta-voz, reagia a declarações do líder da OLP, Yasser Arafat, afirmando que Saddam Hussein estava pronto a recebê-lo.

Mas, como, sublinhou o porta-voz, o secretário-geral da ONU só irá a Bagdad se na volta trouxer a certeza que o Iraque mudou substancialmente a sua atitude em relação ao Kuwait.

Arafat esteve ontem em Bagdad onde avistou com Saddam Hussein. Segundo o líder palestiniano, o Presidente do Iraque está disposto a negociar, com condições, a retirada das suas tropas do Kuwait e a formação de um Governo local.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Portuguesa e duas filhas abandonam Iraque

A portuguesa Felisbela Wells e as suas duas filhas já estão a são e salvo em Londres, onde chegaram ontem à noite procedentes de Bagdad. Felisbela Wells, portadora de um passaporte da Grã-Bretanha, é casada com o cidadão britânico Colin Wells, que está a servir de «escudo humano» em instalações militares na segunda maior cidade iraquiana, Bassorá. Depois de Saddam Hussein ter autorizado a saída a mulheres e crianças, Felisbela e as suas duas filhas - Joana, de 8 anos, e Rebeca, de 2 - já poderiam ter deixado o país, mas só agora ela decidiu se separar do marido.

Segundo a embaixada portuguesa em Bagdad, todo o processo que levou à saída de Felisbela e das suas filhas foi tratado através da embaixada britânica. Quando recentemente o embaixador português, Mesquita de Brito, se ofereceu para tratar da repatriação, Felisbela recusou, argumentando que não se queria separar da família.

A família Wells morava no Kuwait quando se deu a invasão iraquiana. Ainda lá se encontram quatro portugueses: um homem, uma mulher e os seus dois filhos, de 17 e 19 anos. A embaixada portuguesa em Bagdad tem tido dificuldades em contactá-los.

Redacção «DL»/Lusa

De Klerk em guerra aberta contra a violência

O Presidente sul-africano, Frederic De Klerk, anunciou uma série de medidas suplementares para fazer frente ao clima de violência, que desde Agosto já causou mais de 800 mortos nos *ghettos* negros da África do Sul. Integrando este «pacote de medidas» suplementares o Presidente sul-africano afirmou que todas as pessoas que estavam em posse ilegal de armas e explosivos seriam obrigados a entregá-los até 1 de Outubro, acrescentando que o Governo amnistiará todos quantos, por sua livre iniciativa, entregarem as armas à polícia, sendo esta medida extensiva não só a individuos como também a organizações.

De Klerk, durante uma conferência de Imprensa concedida ontem em Pretória, referiu que as autoridades concederiam recompensas até ao valor de 100 randes (cerca de cinco mil e 500 contos) por informações que levem à detecção de esconderijos de armas.

O Presidente sul-africano revelou também que o seu Governo está a estudar a nomeação de «uma pessoa independente e altamente respeitada, para dar seguimento a alegações de uso incorrecto ou excessivo do poder por instituições governamentais, organizações e indivíduos».

De Klerk anunciou que o seu Governo ratificou todas as decisões tomadas pela polícia no âmbito da operação «punho de ferro» com o objectivo de pôr fim à violência no país, acrescentando que actualmente, «não há alternativa às negociações».

As medidas anunciadas por De Klerk surgem numa altura em que o Comité Nacional Executivo do ANC se encontra reunido para analisar a situação interna no país, criada pelo clima de confrontação. O prolongamento da reunião do Comité Nacional Executivo do ANC parece, segundo fontes diplomáticas citadas pela AFP, corresponder aos indícios quanto à existência de a um aceso debate no seio do movimento nacionalista suscitado, sobretudo, pela ala mais radical. Nelson Mandela referiu-se já várias vezes, nos últimos dias que, face ao actual clima de violência na África do Sul, era cada vez mais difícil conter os pedidos no sentido de um rearmamento da população negra.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Externato Flor do Campo

PREPARA O FUTURO!

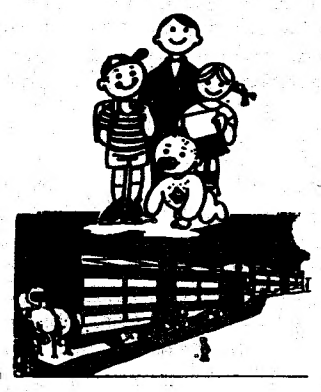
INÍCIO DAS AULAS NO DIA 90/9/24

Casal dos Apréstimos – B.º Bons Dias – 2675 ODIVELAS

Temos:
- Transporte próprio
- Infantil – Primário
- Ciclo Preparatório e Secundário
- Parque infantil e campo de futebol
- Música – Natação
- Ginástica

Aberto todo o ano das 7 às 20h

☎ 932 74 22 (a partir das 20 h.) – 931 54 63



O desarmamento Leste-Oeste

A paz é muito cara

Do nosso enviado especial em Nuremberga

Uma boa meia dúzia de peritos diplomáticos e militares, sediados na Alemanha, chamaram-me a atenção para o facto de a paz poder ser, pelo menos por ora, mais cara do que a guerra.

Os acordos de desarmamento obrigam à destruição de um impressionante número de armas.

Só para dar um exemplo e limitado ao caso soviético, Moscovo poderá ter que levar para o matadouro qualquer coisa como entre 20 mil e 30 mil tanques e entre 3 mil e 4 mil dos seus aviões de guerra, dotados da melhor tecnologia. E isto para não falar do armamento nuclear.

Em termos mais gerais e do lado das duas superpotências, o que se faz aos dois milhões de militares repentinamente desempregados? Há que financiar a sua reconversão profissional, há que pagar reformas antecipadas e indemnizações, prover ao seu transporte e, em muitos casos, ao das suas famílias (sobretudo quando se trate do encerramento de bases militares no estrangeiro).

Tanto a Ocidente como a Leste, ninguém espera que a parte oposta ponha na lista dos condenados à morte os seus melhores tanques e aviões. Será o equipamento mais velho a suportar o peso da sentença. E, se é certo que esse armamento envelhecido pode ser dado grátis a aliados, quem aguentará os custos do transporte?

E por que não converter para usos pacíficos os equipamentos mais sofisticados? A URSS acha que sim, os EUA acham que não. Os soviéticos querem poupar. Os norte-americanos têm suspeitas. Pensa Washington que certas «reconversões» para usos pacíficos podem ser facilmente, em dias ou poucas semanas, revertidas para a plena capacidade do combate.

Os novos tratados de desarmamento impõem, como mecanismo essencial, a montagem de um desenvolvido esquema de verificações, em uma e outra parte, das destruições feitas, das bases realmente desmanteladas. Quanto custará? Há informações, por exemplo, de que os soviéticos estariam a guardar a leste dos Urais tanques que já deveriam ter sofrido a sentença de morte.

Os custos da paz e dessas destruições de armamento parecem tão elevados que já alguém comentou que »...seria mais barato fazer uma guerra».

Paulo David

O tanque voador

Em um almoço, ontem, com peritos militares, em Nuremberga, falou-se da necessidade de que, a haver uma guerra no Golfo, ela deveria ser extremamente rápida. Por isso circulou a brincadeira de dizer que seria «A Guerra dos Seis Minutos». Durante esses seis minutos, o lugar de grande vedeta caberia ao tanque norte-americano M-1. Dadas as suas características e sofisticação, só ele é considerado capaz de enfrentar, embora estando em menor número, as largas centenas de tanques soviéticos T-72 de que Saddam Hussein dispõe.

Desde a Segunda Guerra Mundial que o tanque se mostrou o «senhor da guerra» (exemplo no Vietname) e em vários tipos de terreno, especialmente no deserto. Agora, o M-1, com as suas 63 toneladas de peso, o canhão dirigido por raios laser e grande mobilidade está apontado para o presidente iraquiano.

De uma das suas bases, nos arredores de Nuremberga, levará apenas duas semanas a ser transportado para a Arábia Saudita.

E tem a graça de ser o tanque que anda tão bem na areia fina como na neve mole (o que para o Golfo não interessa), podendo ainda voar. Dada a velocidade que atinge, faz como os automóveis ao passarem uma lomba de estrada: voa o seu bocadinho antes de voltar a pôr as suas 63 toneladas no terreno.

P.D.

Delors e Havel juntos em Praga

Do nosso correspondente em Bruxelas

O presidente da Comissão Europeia partiu esta manhã para Praga, onde foi recebido quase com honras geralmente conferidas aos chefes de Estado. Jacques Delors encontrar-se-á com o Presidente Vaclav Havel esta tarde. Logo depois de uma reunião com o vice-primeiro-ministro, Delors foi doutorado *honoris causa*, em Direito, pela Universidade de Saint Charles.

Amanhã, o visitante desloca-se a Bratislava e à noite estará em Bruxelas. Jacques Delors faz-se acompanhar de uma reduzida delegação: sete pessoas, incluindo a esposa e utilizou na viagem um «Falcon 20» com lotação para apenas oito passageiros.

O segundo na hierarquia desta delegação de Jacques Delors é o economista português Jorge Braga de Macedo, ultimamente em foco devido aos contactos com as economias do Leste e em particular com a da União Soviética. Braga de Macedo é um dos peritos que participa nos estudos e aplicação do programa PHARE (Ajuda à Reconstrução Económica da Polónia e Hungria), agora também extensivo à Checoslováquia e a outros países.

José Rui Cunha

Crise aprofunda-se na URSS

Apelos à demissão de Rizhkov surgem de todos os quadrantes

O Soviete Supremo (Parlamento) da Federação da Rússia adoptou, por esmagadora maioria, um apelo dirigido ao Parlamento da URSS, no sentido de se «tomarem medidas urgentes para a formação de um Governo de confiança popular», segundo foi anunciado em Moscovo.

Esse apelo, assinado pelo muito popular presidente da Federação, Boris Ieltsin, seguiu-se a um voto «de princípio», adoptado ontem pelo Parlamento russo, sobre a demissão do Governo de Nikolai Rizhkov, muito criticado no país por recusar-se, com obstinação, a aplicar um programa radical de transição à economia de mercado.

O Soviete Supremo da Federação russa «constata que o Governo da URSS é incapaz de fazer sair o país da profundíssima crise económica, é incapaz de cumprir o seu dever constitucional de defesa da soberania da Rússia, perdeu a confiança do Soviete Supremo da Federação e já não tem o apoio de largas massas populares» refere o preâmbulo do têxto, que registou 164 votos a favor, um contra e 16 abstenções.

O Parlamento russo «propõe ao Soviete Supremo da URSS para que resolva o problema da demissão do Governo da URSS e de tomar decisões urgentes para formar um Governo de confiança popular», acrescenta a declaração.

Deputados visivelmente contentes aplaudem no final da votação parlamentar a favor da exoneração do primeiro-ministro Rizhkov e do seu gabinete

Mas os ataques ao Governo soviético surgem de todos os quadrantes políticos.

O «Bloco Centrista Unido», que reagrupa 12 movimentos e pequenos partidos políticos, por seu turno, também apelou para a demissão do Governo e propôs a nomeação do presidente da Câmara de Leninegrado, Anatoli Sobtchak, à cabeça de um Governo reduzido.

Estes apelos simultâneos surgiram três dias após mais de 30 mil pessoas se terem manifestado junto dos muros do Kremlin, para exigir a demissão do Governo da URSS.

Nikolai Rizhkov tornou-se particularmente impopular após ter-se oposto ao programa económico radical de passagem para a economia de mercado, elaborado pelo economista Stanislav Chataline e apoiado pelo presidente da Federação da Rússia, Boris Ieltsin.

Ontem, o presidente da Câmara de Moscovo, Gavril Popov, um reformador radical próximo de Ieltsin, em visita a Viena, excluiu o perigo de um golpe militar na URSS, onde essa possibilidade foi recentemente aventada.

Redacção «DL»/AFP

CÂMARA·MUNICIPAL·ALMADA

A SUA FUTURA MORADIA É EM VILA NOVA DE CAPARICA

Um lote de terreno com a área de 160,27 metros quadrados, situado em Vila Nova de Caparica, vai ser vendido em hasta pública no próximo dia 26, às 10 horas, no auditório do edifício do Urbanismo e Obras Municipais, na Av. D. Nuno Álvares Pereira, 67, Almada.
O lote destina-se à construção de uma moradia unifamiliar, com cave (não habitável), rés-do-chão, 1.º andar e sótão (para arrecadações), com uma área de implantação de 81,84 metros quadrados.
Mais informações na Divisão de Gestão Urbanística 2, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 67, ou na Repartição de Património, Largo Luís de Camões, 2800 Almada.

O julgamento de Winnie Mandela acusada de ter participado no rapto e espancamento de um jovem de 14 anos será talvez o primeiro acto de condenação pública da «mãe da nação» sul-africana que apesar de muito ter lutado pela causa do Apartheid arrisca-se a ofuscar definitivamente a imagem do ANC e do seu marido Nelson Mandela

Winnie Mandela deixa ANC no embaraço

O Congresso Nacional Africano (ANC) foi confrontado, na passada terça-feira, com um facto que o deixou perante um embaraço político considerável, após a inculpação de Winnie Mandela na morte de um adolescente negro. A decisão dos tribunais sul-africanos em prosseguirem com o processo contra a mulher do líder do ANC foi tornada pública no momento em que o Comité Nacional Executivo (NEC), a instância dirigente do movimento nacionalista, se encontrava numa reunião extraordinária de dois dias para debater a actual vaga de violência no país, uma questão considerada crucial para o futuro do processo de reformas do regime.

A importância política do processo judiciário contra Winnie Mandela ficou bem ilustrado pelo facto do NEC ter imediatamente publicado uma circular assinada pelo próprio secretário-geral, Alfred Nzo, reafirmando o seu «apoio inequívoco ao vice-presidente e à sua família».

Terça-feira de manhã, o Procurador Geral de Witwatersrand (região de Joanesburgo) tinha anunciado que, «depois de uma amadurecida reflexão», Winnie Mandela deveria responder perante o Supremo Tribunal de Joanesburgo sobre oito factos susceptíveis de condenação: quatro referentes a rapto e quatro outros por espancamentos e ferimentos provocados premeditadamente a terceiros. As acusações referem-se aos acontecimentos de 29 de Dezembro de 1988, quando quatro jovens negros foram levados à força para a residência de Winnie Mandela, por vários membros da sua segurança pessoal.

A esposa do vice-presidente do ANC teria então agredido com um «jambok» (chicote) um adolescente de 14 anos, James Moeketsi Seipei, também conhecido por «Stompie», acusado por Winnie de ter «entregue» alguns militantes do ANC à polícia. O cadáver do adolescente foi encontrado dias depois num baldio. Jerry Richardson, treinador do Mandela Football Club, ao qual pertenciam os agressores de «Stompie», foi considerado responsável pelo homicídio, facto que lhe valeu a condenação à morte, em Agosto.

Foi comovente ver Nelson Mandela a sair da prisão, a 11 de Fevereiro, de mão dada com a sua mulher, Winnie. Sete meses mais tarde o cenário alterou-se profundamente: Winnie, «a mãe da Nação», surge envolvida, juntamente com a sua guarda pessoal, num caso de homicídio.

Sobretudo uma mulher problemática

Os primeiros ecos deste caso obscuro chegaram aos ouvidos de Nelson Mandela quando ainda se encontrava na prisão. Logo após a sua libertação o líder do ANC empenhou-se em afastar Winnie de toda a suspeita. «Uma mulher brilhante, corajosa, dedicada ao nosso combate e que me apoiou ao longo do meu cativeiro», declarou então Mandela, para calar as más línguas.

Afastada durante oito anos num burgo do Estado livre de Orange, vítima de incessantes humilhações, não terá ela dado um contributo suficiente «à causa»? Sem nunca abandonar o seu marido, Winnie viveu com ele as horas gloriosas e inebriantes da sua redescoberta do mundo, frequentou ao seu lado tanto fortes como fracos, recusando-se a desempenhar um papel de simples figurante que, manifestamente, recusa.

Será que a notoriedade lhe subiu à cabeça? Um pouco, provavelmente. Mas apesar de ter aprendido muito depressa a gostar das suas comodidades ela não é propriamente uma dona de casa. Pelo contrário, é sobretudo uma mulher problemática...

«É uma mulher provocadora, que divide as pessoas à sua volta», comenta um deputado liberal, branco. O seu ponto fraco são os «jovens leões» do ANC, aos quais ela desculpa os excessos e encoraja as impaciências.

Nelson Mandela, o líder carismático, não estará, talvez, descontente com o facto da «impetuosa» Winnie ter dado ouvidos a esta ala radical, tão pouco dada a escutar os apelos ao compromisso com o regime sul-africano.

Esta «pasionaria» tinha a seu tempo enaltecido os méritos do «suplício do colar», que consiste num pneu em chamas colocado em volta do pescoço dos «colaboracionistas do poder branco». Há algumas semanas que ela tem vindo a mostrar um certo prazer em «pôr os pés pelas mãos» tanto ao apelar à luta armada, como ao apresentar-se vestida de um camuflado durante os funerais de «camaradas» seus do Soweto ou ainda ostentando um *crachat* do Partido Comunista sul-africano. A actitude provocatória de Winnie chegou a tal ponto que fez desesperar alguns militantes do movimento nacionalista, que agora contestam abertamente a sua nomeação para responsável dos serviços sociais do ANC.

Seja como for, a próxima aparição desta estrela perante o Tribunal parece satisfazer muitos militantes desejosos de assistirem à sua queda. Será Winnie capaz de sobreviver à esta situação? Esta questão é tanto mais pertinente uma vez que se o julgamento for para a frente assumirá forçosamente, nas actuais circunstâncias, os contornos de um processo político. Ora, como é sabido, os processos políticos acabam por se virar contra aqueles que os levantam ou, pelo menos, que os fomentam.

Jacques de Barrin
Exclusivo «DL»/
Le Monde

O sorriso de Winnie Mandela resistirá ao julgamento pela morte do adolescente de 14 anos?

Novas Tecnologias — Espaços Inteligentes

Lisboa • Forum Picoas • Lisboa • Forum Picoas • Lisboa • Forum Picoas • Lisboa • Forum Picoas • Lisboa • Forum Picoas •

Seminário

Lisboa — Forum Picoas
24 de Setembro de 1990
Programa

09h00 *Recepção e café.*
09h30 *Abertura do Seminário.*
Prof. Eng. Luís Valente de Oliveira, Ministro do Planeamento e Administração do Território
09h50 *Estratégia do Espaço Inteligente*
★ *Abordagem Geral. A Situação na Europa, EUA e Japão.*
Arq.º Karel Marivoet - Arplan
10h20 *Aspectos de Planeamento e Arquitectura*
★ *Cidades Inteligentes, Teleportos, Parques Tecnológicos e Edifícios Inteligentes.*
Prof. Arq.º Jaap Engel - World Teleport Association
10h45 *Pausa para café.*
11h00 *Vídeos — Duas Soluções Inteligentes*
★ *Docklands (Londres), Sophie-Antipolis (Nice).*
11h30 *Videoconferência*
Consequência da Evolução Tecnológica
★ *Tecnologias de Informação e Telecomunicações na Organização de Empresas.*
Moderador — Prof. Arq.º Jaap Engel, em Lisboa.
Participantes — Dr. Paull Robathan — INFACT, em Londres com ligação a Paris.
12h30 *Aperitivo e almoço no Hotel Sheraton.*
14h00 *Tecnologias de Informação — Perspectivas*
★ *Evoluções Tecnológicas e de Mercado: o Caso Português.*
Dr. Carlos Horta e Costa — Administrador da C.P.R. Marconi
14h30 *Aspectos Técnicos e Económicos nos Edifícios Inteligentes.*
Prof. Eng.º Carlos Alegria — Instituto Superior Técnico
15h00 *Imobiliário e Novas Tecnologias*
Luís Cancella de Abreu — Imoreal
15h30 *Pausa para café.*
15h50 *Planeamento Municipal*
Prof. Arq.º Nuno Portas — Faculdade de Arquitectura do Porto
16h15 *Perspectivas Nacionais*
Dr.ª Isabel Mota
Secretária de Estado do Planeamento e Desenvolvimento Regional
16h45 *Painel — Debate*
17h45 *Encerramento do Seminário*
Dr. Carlos Costa
Secretário de Estado da Habitação
18h15 *Cocktail*
Tradução simultânea assegurada

Workshops

Lisboa — Forum Picoas
25 de Setembro de 1990

10h00-12h30 Workshop 1 (Globalsis/Geometral)
Gestão Integrada do Território
★ *Integração Completa do Processamento e Transmissão de Informação*
Workshop 2
Tecnologias de Informação
★ *Melhorar a Produtividade e Qualidade do Trabalho*
14h30-17h00 Workshop 3 (Linha Verde)
Centros Empresariais e Tecnológicos/Parques Tecnológicos
★ *Planeamento, Produção e Utilização*
Workshop 4 (Philips)
A Indústria Electrónica
★ *Desenvolvimento de Produtos e Fornecimento do Mercado*

Informações/Incrições:
Av. João XXI, 78 r/c, 1000 Lisboa. Telef. 7932355/75
e na FIL — EXPOTELECOM
Data limite: 21 de Setembro (capacidade limitada)
Apoios: BCP (Banco Comercial Português)
FLAD (Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento)

Eleições livres no Gabão terminam num autêntico fiasco

Realizadas com o objectivo de se desenrolarem num clima de «honra, dignidade e respeito mútuo», segundo as palavras do Presidente Omar Bongo, as eleições legislativas pluripartidárias desde o últimos 25 anos, no Gabão, transformaram-se num verdadeiro fiasco. Passadas mais de 48 horas depois do início do escrutínio, o veredicto final ditado pela urnas ainda permanece desconhecido. Muitas delas foram destruídas pelos manifestantes descontentes pela forma como o processo eleitoral estava a decorrer, ou simplesmente violadas.

O ministro da Administração do Território, encarregue de apurar os resultados finais, foi o próprio a reconhecer a existência de «desordens, e irregularidades» no processo. Em 32 circunscrições, o escrutínio foi já anulado. Quanto aos 52 deputados que foram «eleitos» (para um total de 120), tudo indica que o seu triunfo será efémero.

Os principais partidos da oposição - ou que pelo menos os que estão a competir com o Partido Democrático Gabonês, no poder - exigiram a anulação, pura e simples, da primeira volta das eleições.

Cada uma das formações - o MORENA-Bucheron, de Paul Mba Abbessole; a União Socialista Gabonesa, de Serge Mba Bekale, ministro da Saúde; e o Partido Gabonês do Progresso, de Magondjo-Okawe, que liderou a agitação em Port-Gentil, em Maio - denunciaram as «fraudes massivas que rodearam o escrutínio».

Em muitos locais de voto faltaram os boletins, para já não falar dos numerosos cidadãos sem cartão de eleitor. Só em Libreville as forças da ordem tiveram que intervir 14 vezes, mas o momento actual é mais de desânimo que propriamente de revolta.

Catherine Simon
Redacção «DL»/Le Monde

QUOTIDIANO

Soares dirige apelo à juventude europeia

Ministros da Juventude do Conselho da Europa estão reunidos em Lisboa, até sábado, para debater a questão da mobilidade dos jovens no continente europeu

«A Europa tem, agora, a sua grande chance de estabelecer a unidade na diversidade» - afirmou, esta manhã, Mário Soares, durante a sessão de abertura da 3ª Conferência de Minstros da Juventude do Conselho da Europa, a decorrer em Lisboa e que se prolonga até sábado.

O Presidente da República acrescentou ainda que é aos jovens que cabe revalorizar o princípio da solidariedade. «Os jovens não só querem viver na alegria de se poder encontrar como também sabem que essa alegria é a base para a paz e para o respeito pelos outros» - disse.

No seu discurso, Mário Soares chamou a atenção para o papel das organizações de juventude e para a necessidade de o Estado e não o Governo de lhes facultar os elementos indispensáveis para o seu desenvolvimento em autonomia.

Uma Europa sem contornos geográficos, do Atlântico aos Urais, foi outro dos aspectos defendidos pelo Presidente da República, durante esta conferência que tem como principal objectivo falar da mobilidade dos jovens na Europa e reestabelecer um diálogo enriquecedor entre várias culturas.

Por seu lado, o ministro da Juventude, Couto dos Santos, havia anunciado já ontem, durante a inauguração da exposição «Evento Jovem», que decorre paralelamente à conferência, que «Portugal combaterá qualquer tentativa de periferias, mantendo a sua tradição de mobilidade da juventude».

Esta conferência conta, pela primeira vez, com a presença da maioria dos países do Leste europeu, facto elogiado pelos representantes portugueses. Para os novos participantes, esta experiência é, sobretudo, uma primeira oportunidade para se estabelecer contactos em matéria de política de juventude, o que aconteceu já com Portugal. Couto dos Santos anunciou ontem ter acordado com os seus homólogos da Polónia, Hungria e Checoslováquia o estabelecimento, em breve, de um protocolo de cooperação na área da juventude.

No que diz respeito ao primeiro Conselho de Ministros da Comunidade Europeia, marcado para 22 de Novembro sob a presidência italiana, mas anulado posteriormente, Couto dos Santos considerou «lamentável que a CEE ainda não tivesse percebido que mais de 30 por cento da sua população é jovem».

«Se a Europa não trabalhar neste sector vamos assistir, a curto termo, a acentuação de desiquilíbrios regionais e a fluxos migratórios desnecessários» - referiu.

No final da conferência, será elaborado um documento com todas as resoluções aprovadas, as quais terão aplicação obrigatória nos países do Conselho da Europa.

B R E V E S

Governo e Função Pública iniciam conversações

Os sindicatos da Função Pública e o Governo iniciam hoje as negociações para o estabelecimento do contrato colectivo que vigorará em 1991 para os cerca de 400 mil trabalhdores da Administração Central, Regional e Local. A secretária de Estado do Orçamento, Manuela Leite, recebeu, às 10 horas, o Sindicato dos Quadros Técnicos do Estado, seguindo-se-lhe a Frente Sindical da Administração Pública e a Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública.

Missão contra a fome em Benguela

A organização não-governamental portuguesa Missão de Estudo para o Desenvolvimento e Cooperação (MEDEC) vai lançar o projecto de emergência e combate à fome, «Missão de boa vontade a Benguela», a província mais afectada pela fome em Angola. A designação foi dada pelo vice-ministro dos Negócios Estrangeiros de Angola, Venâncio de Moura. O projecto relaciona-se com a próxima geminação desta cidade com Oeiras, um dos apoios aos projectos da MEDEC. Ainda este ano é esperado em Benguela o presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Isaltino Morais. A visita será retribuída palo comissário provincial Paulo Jorge.

Venda de carros roubados julgada amanhã em Olhão

O primeiro dos cinco processos instruídos pela Judiciária de Faro, respeitantes à falsificação e venda de carros roubados, será julgado amanhã no Tribunal de Olhão. São arguidos José Isidoro Silva Sousa, comissionista da firma Sotimobil e seu irmão Fernando Manuel da Silva Sousa, ambos detidos desde a descoberta dos delitos, em Outubro de 1988. Entre as 23 testemunhas e declarantes a serem ouvidas nas audiências conta-se o deputado do PRD Carlos Lilaia e o presidente do Olhanense, João Gomes, ambos proprietários da Sotimóvel.

Fogos consumiram áreas protegidas

Os incêndios ocorridos este ano em áreas protegidas já consumiram cerca de 11.900 hectares, 7.600 dos quais no Parque Nacional da Serra da Estrela. Os números, ainda provisórios, sobre o balanço da área queimada foram fornecidos pelo secretário de Estado do Ambiente e de Defesa do Consumidor à Comissão Eventual para a Problemática dos Incêndios. Os 11.900 hectares queimados aproximam-se do total ardido em 1989 - 13.189 - mas estão muito acima da área que ardeu no ano anterior - pouco mais de mil hectares.

Sismo de 1980 debatido na Ilha de Terceira

Especialistas nacionais e estrangeiros participam num encontro sobre o tema «Dez anos após o sismo de 1980», a decorrer de 2 a 5 de Oututubro em Angra do Heroísmo, anunciou a organização. Promovido pale Secretaria Regional da Habitação a Obras Públicas dos Açores, o encontro visa fazer a síntese de conhecimentos sobre o sismo de 1 de Janeiro de 1980, nas suas múltiplas facetas técnico-científicas.

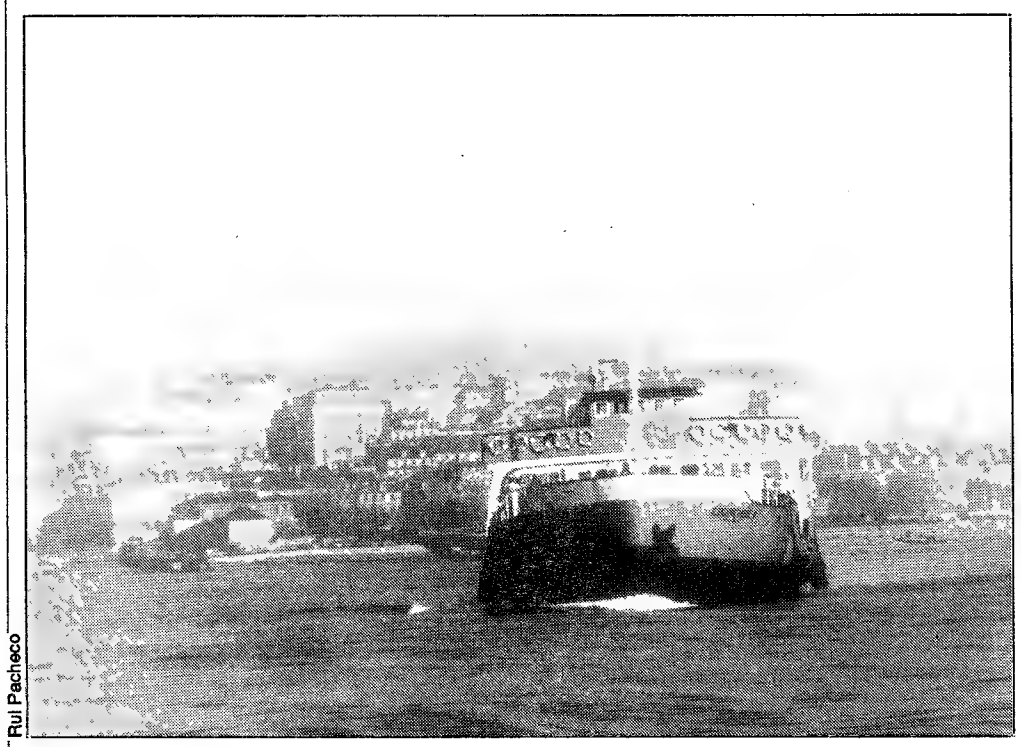
Quinhentas tabelas de basquete nas ruas da capital

A Câmara Municipal de Lisboa aprovou ontem, por unanimidade, a instalação de 500 postes com cestos de basquetebol em vários locais da cidade. Os primeiros 100 serão entregues pelo fabricante até 15 de Outubro e mais 200 até final do ano. A localização dos postes estará vinculada a pareceres do Departamento de Ambiente da Câmara e da Comissão de Publicidade.

Na reunião dos vereadores foi também decidido submeter à apreciação da Assembleia Municipal a adjudicação, por concurso público, da exploração de publicidade em dois lotes de 30 dispositivos cada, com relógio e termómetro.

O aumento das taxas praticadas nas três escolas municipais de natação existentes em Lisboa foi aprovado, com abstenção dos vereadores do PSD.

Os vereadores aprovaram, por unanimidade, uma proposta para solicitar ao Governo a elaboração de um diploma que possibilite aos municípios uma intervenção eficaz em matéria de regulamentação do trânsito nas vias de comunicação sob a sua jurisdição.



Rui Pacheco

A frota da Transtejo vai ser reforçada com novas unidades

Empresas privadas à compita nas travessias do Tejo

A Transtejo, empresa pública que detém o exclusivo do transporte de passageiros na travessia do Tejo, vai ter concorrência de empresas privadas -- anunciou ontem o ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, Ferreira do Amaral.

Falando na cerimónia de tomada de posse do novo Conselho de Gerência da Transtejo, o governante disse ainda que serão «concedidas facilidades portuárias às empresas privadas de transportes, por forma a que possa existir uma competitividade real». Segundo a Lusa, que citou uma fonte do sector, os novos portos de embarque serão em locais de fácil acesso aos utentes.

O ministro dos Transportes realçou, também, no seu discurso, que existem empresas nacionais e estrangeiras do sector dos transportes interessadas em explorar as ligações fluviais no Tejo.

Por seu turno, a gerência da Transtejo anunciou, na sua estratégia a curto prazo para a empresa, a renovação da frota com a aquisição de novas unidades, especialmente destinadas às linhas do Montijo, Seixal e Cacilhas, além do incremento da actividade turística.

Como prioridades de actuação, apontou ainda a conclusão do novo terminal do Barreiro, a reformulação da estação do Cais do Sodré, a construção de novas estações no Montijo e Seixal .Está ainda prevista a introdução de obliteradores magnéticos nas principais estações, por forma a permitir um melhor controlo das lotações e títulos de transportes.

Pizzas por telefone em Lisboa

A maior cadeia de pizzas do mundo, a Pizza Hut, inaugura hoje o seu primeiro restaurante em Lisboa. A nova unidade, instalada na Avenida Fontes Pereira de Melo, fornece também refeições ao domicílo, através de pedidos telefónicos. A Pizza Hut é representada em Portugal através da Ibersol, empresa do grupo Sonae.

O restaurante é o terceiro da referida cadeia a abrir as portas em Portugal, depois dos Vila Nova de Gaia e Albufeira. A Pizza Hut dispõe de sete mil unidades em funcionamento em vários países.

TRIBUNAL DO TRABALHO DO FUNCHAL

1.ª Secção de Processos

ANÚNCIO

A Doutora Élia da Costa Mendonça São Pedro, M.ª Juiz de Direito do Tribunal do Trabalho do Funchal faz saber que por este Tribunal correm seus termos uns autos de execução por custas registadas sob o n.º 25/85, em que é exequente o Ministério Público e executada a Inter-Hotel — Sociedade Internacional de Hotéis, SARL, com sede na Rua Castilho, n.º 50 — Lisboa, e neles correm éditos de vinte dias, contados da data de publicação do segundo e último anúncio, citando os credores desconhecidos para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, deduzirem os seus direitos, nos termos do disposto no art.º 864.º e seguintes do Código de Processo Civil.

Para constar se passou o presente anúncio que será publicado.

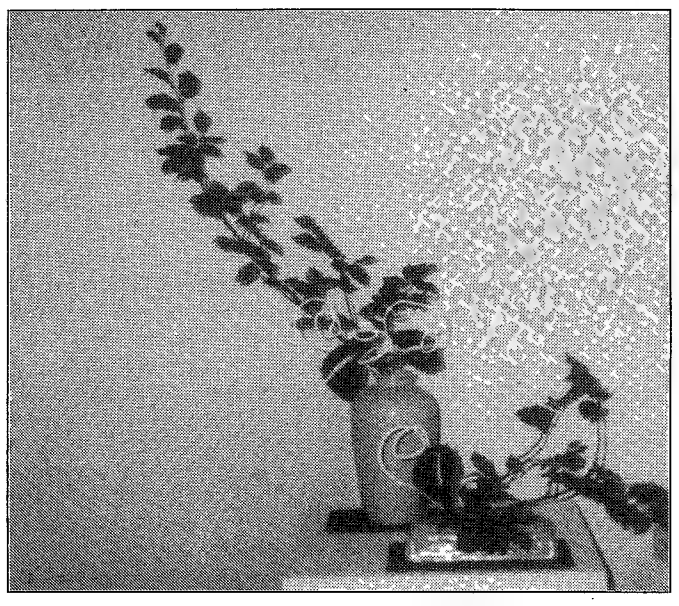
Funchal, 1 de Junho de 1990

A JUIZ DE DIREITO,
Élia da Costa Mendonça São Pedro

O ESCRIVÃO ADJUNTO,
António Manuel de Oliveira Roovers Ribeiro

«DL» — 1.º pub. — 20/9/90

QUOTIDIANO



A arte japonesa propõe levar a beleza da natureza a todos os cantos da casa, ao escritório e aos lugares públicos

Arte floral japonesa

Hoje, em Lisboa, no Fórum Picoas, é o último dia em que poderemos visitar uma exposição de arranjos florais, organizada pela Fundação Moa de Portugal. Esta iniciativa integra-se num conjunto de acções intituladas «Convite à cultura japonesa: Setembro 90», promovidas pela Embaixada do Japão.

Ao método de fazer o arranjo floral, «de modo a prolongar a vida delicada das flores, juntamente com os ramos e as folhas, harmonizando-os com o vaso e o ambiente em que será colocado», chamam os japoneses Ikebana.

O Ikebana é uma arte tradicional no Japão que pode ser executada em vários estilos. A Fundação Moa adopta o estilo Sanguetsu (derivado de Sanguetsu-an que significa «Casa de Chá, Montanha e Lua»), criado por Mokiti Okada.

Até ao fim do mês decorrem, ainda, as seguintes exposições: desenhos e pinturas de alunos japoneses da cidade de Atami, no Museu do Mar, em Cascais, xilografia japonesa (UKYIO-É), na sede da Fundação Moa (Av. Marquês de Tomar) e desenhos infantis de crianças de escolas de Nagasaki, no salão do Orfeão, no Porto.

O Presidente da República e um secretário de Estado participam num dos inúmeros actos que assinalam os 20 anos da central sindical. Mas há mais...

CGTP conta com todos para festa de aniversário

O Presidente da República e um membro do Governo participam num acto comemorativo do 20º aniversário da CGTP, que se assinala a 1 de Outubro. O clima de pluralidade dos festejos da central sindical constituída ainda no regime que proibia a livre associação e prática sindicais é reforçado pela integração, na Comissão de Honra que preside às comemorações, de vários dirigentes de sindicatos da UGT.

Com efeito, Mário Soares inaugura, na próxima segunda-feira, uma exposição intitulada «CGTP-IN: 20 Anos com os Trabalhadores», primeira manifestação do calendário das comemorações promovidas pela estrutura sindical. A inauguração contará também com a presença do secretário de Estado Adjunto do ministro do Emprego e Formação Profissional, Almeida Seabra.

Em conferência de Imprensa ontem realizada, foi apresentada a composição da Comissão de Honra das celebrações, integrada por 70 actuais e antigos dirigentes sindicais. Entre os 39 elementos da referida Comissão que participaram nas primeiras reuniões da Intersindical Nacional (designação da CGTP antes do derrube do regime de Marcelo Caetano) encontram-se três presidentes de sindicatos da UGT: Armando Santos, dos Seguros do Sul, Fernando Oliveira, dos Seguros do Norte e Osório Gomes, dos Bancários do Centro.

Segundo Carvalho da Silva, coordenador da CGTP, os temas da primeira reunião da Intersindical Nacional, realizada em 1970, e as «aspirações actuais dos trabalhadores têm uma ligação profunda». Na conferência de Imprensa, recordou que a primeira reunião da Intersindical discutiu os horários de trabalho, a negociação colectiva e a reclamação de liberdade com exigência do fim da censura.

Para o coordenador da central, a redução de horários de trabalho e a negociação colectiva estão hoje na ordem do dia, e o problema das liberdades, embora numa base diferente, também.

Carvalho da Silva considerou que o projecto da CGTP «está profundamente actualizado» e que se «mostrou justo e adequado nestes anos todos e continua adequado para o futuro».

Considerou que estes 20 anos são um tempo muito reduzido do ponto de vista histórico mas «muito rico» numa perspectiva da evolução do País.

Afirmou que a intervenção sindical que há 20 anos «era difícil, continua hoje a sê-lo em muitos aspectos», sublinhando que a CGTP se afirmou como instituição na sociedade portuguesa e é uma das referências do processo democrático.

Para o coordenador da CGTP, «as teses neoliberais estão hoje um pouco ultrapassadas, o sindicalismo tem futuro assumindo a sua posição autónoma na sociedade e as suas características essenciais de inserção e dinâmica nas bases e intervenção em todos os órgãos e instâncias onde os trabalhadores podem participar».

Comícios e provas desportivas

No âmbito das comemorações dos 20 anos da CGTP estão previstas centenas de iniciativas em empresas, convívios de dirigentes sindicais antigos e actuais de várias sensibilidades, comícios, espectáculos, debates e provas desportivas.

As comemorações inciam-se segunda-feira com a abertura da exposição que será inaugurada pelo Presidente da República. Para o acto foram convidados todos os órgãos de soberania, a UGT, os líderes de partidos políticos e os grupos parlamentares.

As comemorações terão ponto alto num almoço, em Lisboa, com a presença prevista de mais de cinco centenas de antigos e actuais dirigentes e num comício-festa que decorrerá dia 1 de Outubro, também em Lisboa.

Acesso à profissão

Jornalismo em debate

O Sindicato dos Jornalistas promove, nos dias 6 e 7 de Outubro, em Lisboa, as I Jornadas de Acesso à Profissão de Jornalista. A iniciativa está organizada em quatro painéis, abrangendo os seguintes temas: «O impacte da nova geração nas redacções», «Ensino de jornalismo», «Modelos de acesso à profissão» e «Questões laborais e deontológicas».

Dos profissionais da informação, participam, entre outros, Cândida Pinto (RTP), António Jorge Branco («Rádio F», Guarda), Inês Pedrosa, Joaquim Vieira e José Pedro Castanheira («Expresso»), Adelino Gomes («Público»), Adelino Cardoso, João Paulo Oliveira e Roby Amorim («Diário de Lisboa»), Alexandra Campos («O Jornal»), Maria Flor Pedrosa (TSF), Fernando Cascais (Lusa) e João Viegas Soares («Independente»).

Na área do ensino do jornalismo, destaca-se a presença de Edouard Guibert (Centro de Formação de Jornalistas, Paris), Nelson Traquina (Universidade Nova de Lisboa), Luís Humberto Marcos (Centro de Formação de Jornalistas) e Salvato Trigo (Escola Superior de Jornalismo).

Albino Soares, Secretário de Estado com o pelouro da Comunicação Social, estará presente na sessão inaugural. Encerra as primeiras jornadas de acesso à profissão, João Mesquita, presidente da direcção do Sindicato dos Jornalistas.

Fundação Oriente distingue médico Corino de Andrade

O médico Corino de Andrade vai receber, amanhã, o Grande Prémio da Fundação Oriente de Ciência 1990. O prémio, no valor de cinco mil contos, será entregue pelo Presidente da República, numa cerimónia a realizar, ao fim da manhã, na Torre de Belém.

Corino de Andrade, escolhido por todos os elementos do júri, tem 84 anos e licenciou-se em medicina e cirúrgia pela Faculdade de Medicina de Lisboa, em 1929. Trabalhou como assistente do professor Egas Moniz. Exerceu a profissão no Porto, onde desempenhou vários cargos. Foi nomeado professor catedrático da universidade daquela cidade.

O prémio, atribuído pela primeira vez, será concedido de três em três anos.

5 20
17 28
22 30
CASA CHEIA

CONCURSO
RTP

Nome _____
Morada _____
Localidade _____ Cód. Postal _____
Idade _____ Profissão _____
Freguesia _____ Concelho _____
Tem Televisor? _____ Nº Licença _____
Telefone Nº _____

Importante: Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso **Casa Cheia, Apartado 151 2766 Estoril Codex**

Este Boletim serve sòmente para concorrentes presentes no programa.

O Boletim para o **"Jógo de Casa"** é publicado exclusivamente na **Revista TELE**jogos

O PREÇO CERTO

CONCURSO
RTP

Nome _____
Morada _____
Localidade _____ Cód. Postal _____
Idade _____ Profissão _____
Freguesia _____ Concelho _____
Tem Televisor? _____ Nº Licença _____
Telefone Nº _____

Importante: Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso **O Preço Certo, Apartado 4315 1508 Lisboa Codex.**

QUOTIDIANO

«Bebé XXI» protagoniza simpósio internacional

As perspectivas de uma nova realidade da criança na viragem do século reúne em Lisboa a nata da comunidade científica mundial

Reflectir sobre os quadros da mudança da qualidade de vida que a viragem do século trará, analisando-os na óptica das suas consequências sobre a criança e a família, é o principal objectivo do simpósio internacional que decorre em Lisboa durante a próxima semana e que irá reunir cerca de dois mil e quatrocentos especialistas e profissionais dos mais diversos sectores ligados à infância.

«Bebé XXI - os padrões de mudança para a criança e para a família na viragem do século» foi a designação escolhida para aquele que será, de acordo com os seus organizadores, um dos maiores e mais importantes foruns de debate jamais realizados em Portugal e que consegue congregar, no leque dos seus intervenientes, os especialistas que lideram as investigações mundiais desenvolvidas no quadro da temática deste encontro.

Com a tónica posta numa nova filosofia da saúde, cuja prevenção deverá passar a centrar-se no bem-estar e na qualidade de vida em detrimento da prevenção do patológico, o «Bebé XXI» traz a debate e reflexão os principais aspectos que rodeiam a nova problemática da família, nomeadamente o «ser pai e mãe» no limiar do século.

De acordo com o professor João Gomes-Pedro, presidente da comissão científica e organizadora do simpósio, é imperativo estudar e discutir modelos, estratégias e soluções para «organizar as bases da formação que torne os profisionais que dedicam a sua vida à criança e à família aptos a enfrentar as novas realidades do século XXI».

É assim que médicos, educadores, sociólogos, técnicos de saúde, de serviço social e demais profissionais do sector terão neste encontro a possibilidade de discutir os princípios de uma nova postura face à sua intervenção no domínio social da família.

Segundo Gomes-Pedro, desde a descida dos índices de mortalidade infantil e prénatal, que implicam uma nova realidade do tecido social que a medicina deve acompanhar, até ao problema, crescente, do surgimento da família monoparental - e suas especificidades - todas as vertentes de uma nova qualidade de vida «alteraram o estatuto da família». «É, pois, neste sentido que se torna necessária a clarificação de uma nova filosofia da saúde e, consequentemente, uma capaz preparação dos seus profissionais para a desenvolver e integrar».

A organização do simpósio «Bebé XXI - os padrões de mudança para a criança e para a família na viragem do século» - que vai ter lugar na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa - é da responsabilidade do serviço de pediatria da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa e conta com o apoio, entre outros, dos Ministérios da Educação e da Saúde, Secretarias de Estado da Cultura e da Segurança Social, Fundação Calouste Gulbenkian, Unicef, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, Instituto Nacional de Investigação Científica, Fundação Oriente, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Instituto de Promoção Turística, Direcção-Geral da Família, British Council e Nestlé Portuguesa.

Tribunal sorteia jurados para «caso de D. Branca»

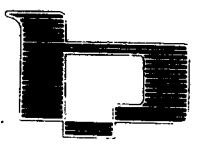
O Tribunal da Boa Hora, em Lisboa, sorteou ontem o nome de dez jurados que integrarão o júri constituído para julgar dois arguidos envolvidos no «caso de D. Branca».

Maria Luzia Madeira Calado e Carlos Silva são acusados de «associação criminosa e burla», por alegado envolvimento na actividade de recebimento de depósitos de clientes pagos a um juro mensal de 10 por cento.

O tribunal presidido pelo juiz Martinho Cardoso leu ainda na audiência de ontem o despacho de pronúncia que relata os factos de que são acusados os dois arguidos.

Maria Luzia Madeira Calado é tida como uma das secretárias da «Banqueira do povo». Estes dois elementos são julgados em separado, na sequência de um recurso interposto sobre a acusação.

O processo de D. Branca terminou no princípio de 1990, depois de dois anos de julgamento, com a condenação da «Banqueira do povo» a 10 anos de prisão. Com ela foram condenados mais de metade dos co-arguidos, embora a penas, na sua maioria já fossem cumpridas. Todos foram absolvidos da acusação de «associação criminosa».



ESPECIAL FÉRIAS/90

no HOTEL DO PARQUE

VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

☆☆☆☆

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		OUT.	SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900$00	18 975$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950$00	22 925$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.

Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

O filho corta-lhe a coleta

Mário Coelho despede-se esta noite das arenas

O matador de toiros português Mário Coelho cortará a coleta na corrida de quinta-feira à noite, no Campo Pequeno (Lisboa), culminando uma carreira de 36 anos assinalados por triunfos nas principais arenas do mundo.

Na corrida da sua despedida oficial das arenas, Mário terá por companheiros de cartaz os cavaleiros Paulo Caetano e os irmãos Ribeiro Telles, o matador Víctor Mendes e o novilheiro espanhol «Chamaco», bem como o grupo de forcados amadores de Alcochete, de António Manuel Cardoso.

Os toiros a lidar - oito - pertencem as ganadarias de António José Teixeira, conde de Cabral, Quinta da Foz, Oliveira e Irmão, José Pedrosa, Rio Frio, Coimbra Barbosa, Simão Malta, António Charrua e Paulo Caetano.

Destas dez ganadarias sairão os oito toiros a lidar, cabendo um a Paulo Caetano, outro aos irmãos Ribeiro Telles, que tourearão a duo e os seis restantes aos matadores.

Todos os toiros foram gentilmente oferecidos pelos respectivos ganaderos.

Nascido a 27 de Março de 1936, em Vila Franca de Xira, Mário Coelho, que muito novo começou a tourear, abraçou o profissionalismo em 1954, ano em que actuou como praticante, tomando a alternativa de bandarilheiro a 13 de Setembro, na praça da Nazaré.

A partir de 1962 fixou-se em Espanha, passando a integrar as quadrilhas dos principais matadores da época como, entre outros, Andres Vazquez e Manuel Benitez «El Cordobes».

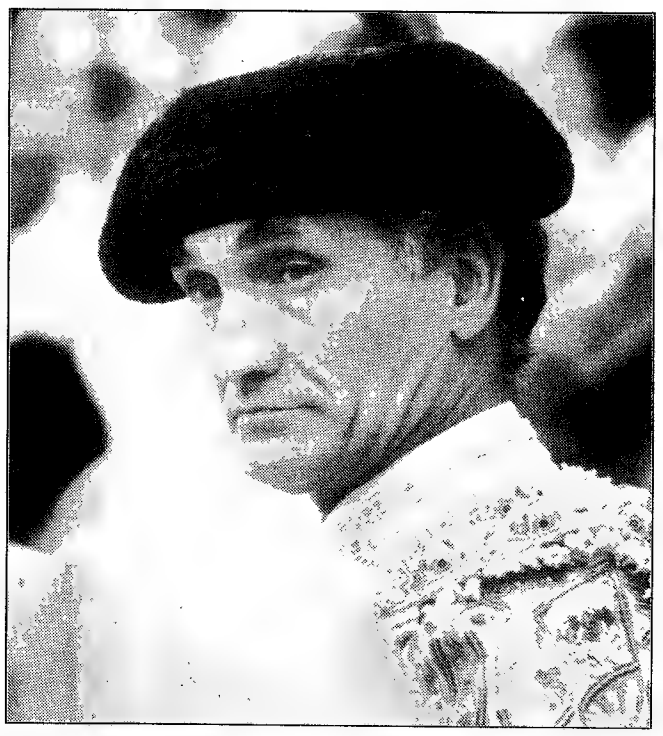
Matador de toiros com alternativa concedida por Júlio Aparício, em 29 de Julho de 1967, em Badajoz, o que viria a ser o décimo-terceiro diestro português era já então considerado o maior bandarilheiro do momento.

Do seu palmarés constam três saídas em ombros da monumental de Madrid onde, em 1965, se quebrou a tradição de a música nem sequer tocar quando o matador bandarilha, interrompendo um silêncio de 23 anos.

«Ao primeiro par, o público exigiu música e o segundo dava vivas a Portugal» - recordou Mário Coelho.

No final da corrida saiu em ombros e assim foi levado até seis quilómetros da praça, numa altura em que a legislação espanhola limitava o passeio triunfal a uma distância de 500 metros da «monumental».

A temporada de 1966 foi triunfal para o artista português que particpou em 19 feiras em que havia disputa de troféu para o melhor bandarilheiro, os quais ganhou na totalidade, saíndo 17 vezes em ombros.



Ao fim de 35 anos de carreira, Mário Coelho lidou mais de 2400 toiros

Além de Portugal, Mário Coelho toureou em Espanha, França, Marrocos, Canadá, Estados Unidos,

México, Colômbia, Venezuela, Equador, Moçambique, Angola, Açores e Madeira e foi amigo de Pablo Picasso e de Orson Wells.

Na temporada de 1984, na Moita do Ribatejo, Mário Coelho matou um toiro de Ernesto de Castro, transgredindo a lei portuguesa, que proíbe a morte dos toiros na arena.

Foi uma tarde triunfal, numa corrida com a intervenção de picadores e alternando com as duas maiores figuras espanholas do momento: «El Nino de La Capea» e Paco Ojeda.

Ao fim de 35 anos de carreira, Mário Coelho lidou mais de 2400 toiros e cerca de 25 000 vacas.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	44$60	50$60
ALEMANHA FED. (marco)	87$70	88$90
ÁUSTRIA (xelim)	12$50	12$70
BÉLGICA (franco)	4$214	4$464
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	119$25	121$75
(notas de 5 a 1000)	119$75	122$25
DINAMARCA (coroa)	23$00	23$40
ESPANHA	1$362	1$482
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	137$80	141$30
(notas de 5 a 1000)	138$30	141$80
FINLÂNDIA (marka)	37$10	37$70
FRANÇA (franco)	26$20	26$90
HOLANDA (florim)	77$80	78$90
IRLANDA (libra)	236$70	240$70
ITÁLIA (lira)	$107	$122
JAPÃO (iene)	$954	1$009
NORUEGA (coroa)	22$65	23$15
REINO UNIDO (libra)	259$90	264$40
SUÉCIA (coroa)	23$85	24$35
SUÍÇA (franco)	105$55	107$05
VENEZUELA (bolívar)	2$392	3$192

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Paulos: o Madeira e o Sousa receberam baptismo uefeiro

Taça UEFA: Roma, 1-Benfica, 0

Nem sim, nem

Neves de Sousa
Enviado especial

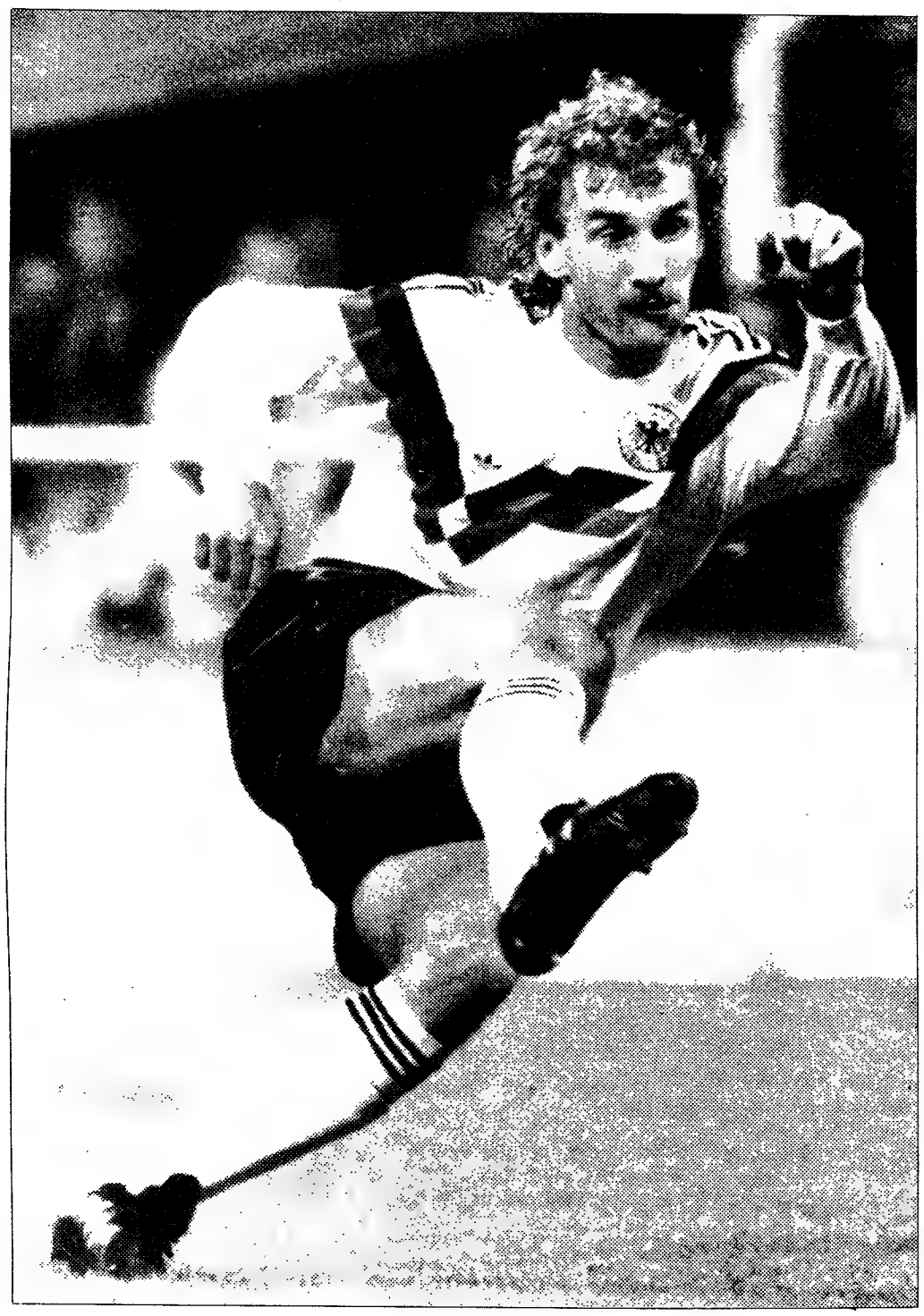
O deslumbrante Estádio Olímpico de Roma exultou, saltou das costuras: um golo aos 45 segundos, ainda mal o pagode conferira número do lugar e talão de bilhete, era coisa para entrar no «Guiness» pois, por aquele andar, o «placard» chegaria a alturas inultrapassáveis. Afinal, que se viu depois no palco italiano?

Bem: abra-se o livro. Muito tempo, larga incógnita, demorou a escalação portuguesa: Eriksson deve ter meditado muito, talvez torcendo o travesseiro, poucos saberão se, com a facilidade de conhecer palmo a palmo o terreno futebolístico italiano, se terá aconselhado com o espelho, já que nem sempre os melhores auxiliares vêem o que se deseja que resulte positivo em termos de ajuda. E, ontem, na capital italiana, foi o que se sabe: a perspicácia do treinador sueco valeu, até desforra na Luz, uma incógnita gritante, com o emblema da águia continuando sem qualquer asa tocada mas, do mesmo modo, interrogando-se ante o que poderá suceder daqui a duas semanas, pois é extremamente enganador o 0-1 transportado esta madrugada para a Portela de Sacavém, onde não estariam mais de uma dezena de amigos do símbolo da Luz, evidentemente com toda a imensa mole da ala dos namorados dormindo e sonhando com melhores e mais saborosas coisas que virar um simples desfecho de jogo de futebol ainda apto a receber, como história próxima, todo o leque de hipóteses possível e justificado.

Aliás, o Benfica, sofrendo um tento quando a turma estava a arregaçar as mangas, ficou atónito e apalermado com a sucessão brusca de um *pontapé de canto* conquistado no instante de subir a cortina, Salsano tocando para Desideri, chuto e, tanto o ainda inexperiente mas prometedor Paulo Madeira como o temperado e qualquer dia bem sabedor William, assarapantados ou boquiabertos, estáticos ou sem qualquer reflexo perante Carnevale que, com a perna, impulsionou a esfera para dentro do saco de nuvens e aventuras que são confiadas à guarda do único homem que não está nunca autorizado a ter a mais pequena falha.

Silvino (disse-nos depois) ficou siderado:

— *Não tive qualquer culpa, não podia fazer nada. O golpe foi tão brusco que quase só dei por ele quando, sem ter antes tocado na bola, fui buscar o meu amargo de boda ao fundo da rede.*



Voeller: festival esperado para a Luz?

Jorge de Brito, incontestavelmente o homem-chave de quem depende ultimamente todo o Benfica, dominador dos meandros mais claros do futebol e (também) do mundo de negócios em que se agitam cifrões e estrelas, igualmente me contava na madrugada de hoje:

— *Garanto: o lançamento lateral que esteve na base do golo era nosso e não dos italianos. O árbitro errou!*

Bem vistas as coisas, recapitulei a memória: não dei por mais nada que não fosse a completa passividade de toda a defesa branca (normalmente rubra), provavelmente em estado de descontracção antes de se compenetrar que tinha começado o trabalho. O certo é que o malvado do bichano saltitante apareceu aninhado no castelo português e, como reflexo, ficou exuberante e feliz a plateia: 99,5 por cento das cores locais, daquela gente que detesta visceralmente Diego Maradona e reserva apenas para Nápoles a honra de ter o melhor jogador mundial no futebol transalpino, mesmo que o antigo «pibe» argentino faça o pino no topo da catedral de Santa Maria Maior em hora de ponta e sem andaimes para amortecer a queda.

Na bancada, na esguelha de público onde prazenteira e ambiciosamente se tinha intrometido um grupo de portugueses, imaginou-se o pior possível, «*quem sabe se estes tipos vão limpar totalmente a vergastada imagem que trouxeram da viagem a Génova, onde apanharam três na pá sem tempo para respirar fundo...*» E verdade se dita, durante dez ou 15 minutos esse clima de endoidecida confiança dominou o anfiteatro. Só que, a mão de Eriksson e a classe de alguns dos seus alunos estabilizou o navio, colocou a fragata no mesmo mar em que viajavam os porta-aviões com bandeira caseira, Valdo (um espectáculo transbordando classe!), Sousa (mocinho em que aposto dobrado contra singelo adiantando o «taco» para a mesa), Veloso (que, pelo tempo fora, apenas teria um deslize quando se estatelou no palco no instante em que o corte era imprescindível para evitar perigo para o nosso castelo) e Vítor Paneira (que nem sequer tivera tempo para notar que o amigo e bom defensor João Rodrigues não estava na plateia) resolveram encabeçar o movimento dos inconformados e levar a água ao seu moinho, que é como quem diz: fustigar o adversário de tal molde que, consoante se avançava para o intervalo, mais se avolumavam as dores de cabeça dos alunos de Ottávio Bianchi, que, a certa altura, deve ter imaginado que o malandro do computador de outro ministério financeiro lhe tinha feito desabar em casa a obrigatoriedade de pagamento de todo o orçamento militar de tom terrestre. E o empregado mais recente do Dino Viola, esse funcionário Ottávio Bianchi, atirou para os céus a súplica: «*parem rapidamente com isto ou morro com uma apoplexia*».

Porque, companheiros de leitura, tinha sucedido o belíssimo *pontapé livre* de Valdo que o elástico menino Peruzzi defendera pelo topo, mais a jogada fascinante em que o brasileirinho de Siderópolis por duas repentinas vezes obrigou o rapaz-aposta romano que atirou para o vale do gatos a fama de Zinetti a mostrar uma classe que, no período complementar, também evitaria à Associazione Sportiva Roma um trambolhão dos diabos.

Como se entenderá: aquele brusco e pouco simpático murro nos queixos antes da apresentação do cartão de visita encontrou pelas barbas um «team» que rapidamente se recompôs de incorrecto astral, passando o Benfica a colocar em sentido o conclave que ficou a ver em Valdo e Sousa as grandes estrelas da itineranmte companhia, a espalhar nos recepcionistas uma tremideira espantosa e, de Credo na boca, se esperar permanentemente o pior para o estandarte da terra.

Quando acabou a pausa para meditação, a soneca tomou conta dos dois exércitos, antes tão vivos e movimentados que não se esperaria terem esgotado o fôlego e a alegria só porque tinham ido afrouxar o cinto aos balneários. E foi (real e veridicamente) quase um enfastiamento de todo o tamanho esses 45 minutos que surgiram na última talhada da melancia. Então, deu para a malta falar de tudo: de como se palpita remodelação do nosso colega «A Bola» lá para o coração de Outubro (nova edição planeada para as 4.ªs feiras?), a respeito da cor do símbolo a que estavam ligados os frasquinhos com líquido orgânico recolhido para controlo em laboratório (e inusitadamente «desaparecidos» por interferência de mãozinhas de veludo»), sobre se estaria ou não certo que William obrigara a desembolsar 85 mil contos para o chefe vimaranense quando trocou de patrão, no tocante ao facto corrente de Valdo continuar pretendido pelo Florença e o clube italiano disposto a bem retribuir aos portugueses a abdicação do centro-campista, caso surja um infausto sinal de percurso uefeiro para o estandarte da águia e seja obrigatório amortizar compromissos financeiros.

Mais ainda: da pouca sorte em que estava António Florêncio, nosso companheiro de lides estabelecido por essa Europa que, na frente de Vítor Serpa, ficou despojado de 40 contos em florins holandeses a 100 metros do tal hotel em que morámos, na incandescente e temerosa «zona quente» de Roma, onde a mais séria das gentes fica entremeada com toda a outra casta de seres viventes da família humana. Eu conto: Florêncio, que se deixou tentar pela hipótese de comprar uma gravação musical de tenor em voga, pegou no companheiro Serpa e foi a caminho da loja, que se avistava entre o bulício da multidão, ali mesmo ao pé de se-

A.M.A.
Auto Monumental do Areeiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

m sopas

nbém
porti-
o dos

quele
pático
s da
e visi-
as um
se re-
astral,
blocar
ue fi-
usa as
raum-
ar nos
lideira
ha bo-
hente-
ndarte

sa pa-
tomou
antes
os que
sgota-
ó por-
o cin-
(real e
m en-
tama-
ie sur-
da da
para a
como
ão do
á para
(nova
as 4.ª
cor do
igados
íquido
a con-
inusi
cidos»
mãozi-
se es-
William
85 mil
imara-
de pa-
to cor-
ar pre-
o clu-
em re-
a abdi-
sta, ca-
inal de
estan-
rigató-
missos

a sorte
o Flo-
eiro de
ssa Eu-
Vítor
de 40
deses a
tel em
candes-
quen-
nais sé-
emeada
de s
huma-
io, que
ipótese
ão mu-
pegou
e foi a
avista-
multi-
de se-

mear. De repente, viu-se envolvido: estava num círculo de cinco garotos de palmo e meio, o mais velho não passou ainda da dúzia de anos, moçada que sem nada lhe pedir delegou no mais pequenito do grupo o «encargo» de lhe meter a mão na algibeira direita das calças para o aliviar do peso. Foi tudo tão tápido que o correspondente de «A Bola» ficou apalermado:

— *Senti uma mãozinha a sacar-me as notas, pegou nos florins e fugiu, deixou cair no chão um masso de notas italianas , levou na molhada o bilhete para o jogo e deu à sola. Quis correr atrás dele mas duas das garotas que faziam parte do circo (não terão mais de dez ou onze anitos) rapidamente levantaram as saias: estavam descascadas, mostraram as maminhas, duas ou três pessoas com que nos estávamos cruzando devem ter pensado que eu estava tentando um atentado ao pudor, quando dei por mim estava aliviado e a contar a um rapagão que se aproximara o que me tinha acontecido.*

«*Sabe: roubaram-me florins, coisa como 500 deles... Aí, certamente sabendo quanto poderia levar de percentagem na acção dos seus «comandos», ele foi numa galopada e deu aos sapatos pelo mesmo percurso em que tinha desparecido o hábil escamoteador das notinhas...*

Poderia este escriba acrescentar que, depois de dificilmente ter convencido os fiscais do olímpico estádio a deixá-lo entrar sem o «ticket» autorizativo, António Florêncio ainda esteve no centro de um furacão quando, na conferência de Imprensa que sucedeu ao embate entre Roma e Benfica, o empresário Manuel Barbosa, representante do brasileiro Aldair, mostrou aborrecimento por o jornalista ter escrito qualquer coisa a respeito do seu artista que não lhe agradou: e foi o bom e o bonito para, ante a geral estupefacção de um círculo de circundantes, se evitar uma confrontação que daria aos transalpinos motivação para reportagem tocada pelo sensacionalismo ou por aproveitamento hábil de mais alguma coisa do que aquele blá-blá-blá que nada adiantou nem atrasou, os técnicos garantindo que a 2.ª volta do cartaz será «muito difícil e aberta para qualquer dos lados, o adversário é de superior valia, a arbitragem não teve interferência no resultado» (ponto de vista lusitano), «a arbitragem desconheceu um penalty» (lance para a mesa atirado pelos italianos).

Valdo, solista em noite romana, deixa nas covas Desideri

Valdo, Sousa, Paneira, Veloso, Silvino, Paulo Madeira, William: palmas graúdas para qualquer deles. Thern e Schwartz: certeza de que Eriksson será o primeiro a desejar que os compatriotas ganhem rapidamente a forma justificativa do seu «cachet». Rui Águas a recuperar de mais uma lesão e Isaías (provavelmente um falso lento) a necessitarem de melhor entendimento em dueto. E, enquanto o sempre esperançoso Pacheco continua chateado da vida porque só entra em cena quando a esponja já vem a caminho de limpar a ardósia e Lima nem sequer teve oportunidade de comemorar com festinha a bordo do avião a passagem dos 28 aninhos, assim se cumpriu um «show» do Benfica que, dividido em dois actos, fica em «suspense» até daqui a 15 dias, ninguém sabendo se a rapriga casa com o cavalo ou o mocinho do olhar fascinante acaba a vida num convento.

Mil contos de provável prémio para cada benfiquista não é coisa que (segundo dizem) esteja fora do planeado pela direcção de João Santos, Jorge de Brito, Marcelo d'Almeida, Luís Tadeu, Gaspar Ramos e outra gente que estende as preces aos santinhos para que Carnevale vá para o olho da rua se, na Luz e logo de rompante, continuar fazendo das suas, tão bom rabulista no futebol, tão excelente *primadona* na ópera do pontapé na bola como mau sujeito que não se importa de colocar arame farpado na ponta da bota ou cresce para os árbitros como se estivesse afugentando um gorila. Que rezam a tudo o que seja protector para que não volte a conhecer-se noite esplendorosa do gaiato guarda-redes Peruzzi (aquelas defesas a disparos de Valdo...) nem que Voeller esteja tão endiabrado como quando reduzia a cisco a muralha que impedia o pleno acesso a Silvino. Já agora, que também Giannini preferisse sombra e água fresca em lugar de andar a pegar em todas as rédeas das quadrigas e obrigar Salsano e Desideri a acompanhá-lo em recitais de embalar a plateia. E, como o treinador romano Bianchi reconhecia para o maralhal, quando a clientela estava a zarpar do romano e olímpico monumento de pedra, que «o Benfica, já com Ricardo, certamente vai dar água pela barba a quem o quiser afastar da Taça UEFA». Oxalá, *signor* Bianchi, oxalá: a fé é que nos vai salvando.

Silvino, Paneira e William: bom comportamento no exame romano

Árbitro: Kurt Rothlisberger (Suíça).

ROMA: Peruzzi; Comi; Piacentini, Berthold, Aldair e Nela; Salsano, Desideri e Giannini (Gerolin, 63 m); Voeller e Carnevale.

BENFICA: Silvino; Vítor Paneira, Veloso, Paulo Madeira, Wiilliam e Schwarz; Thern, Sousa (Pacheco, 72 m) e Valdo; Isaías (Lima, 82 m) e Rui Águas.

Golo: Carnevale (aos 45 segundos!). Cartão amarelo para Comi, Desidderi, Vítor Paneira e Shwarz.

urbicidade
MEDIADORES
ALMADA

TEMOS PARA VENDA

EM LISBOA: LOTES DE TERRENO — PRÉDIOS DEVOLUTOS
COM PROJECTO APROVADO — EM TODAS AS ZONAS DA CIDADE AOS MELHORES PREÇOS

HABITAÇÃO — ESCRITÓRIOS

CENTROS COMERCIAIS — HOTÉIS — APARHOTÉIS

CONTACTE-NOS:

Avenida D. Nuno Álvares Pereira, 46, r/c, Esq. — 2800 ALMADA-PORTUGAL — Telefs.: (01) 274 42 56 - 274 42 57 — Fax 274 36 53 — Telex 61004 TRIALM P — Apartado 33 — ALMADA-PORTUGAL

Taça dos Campeões: FC Porto,5-Portadown, 0

O gigante e o pigmeu

Domingos remata à baliza do Portdown

Francisco Paraíso

Paille rubrica assim o golo 2 do FCP

O FC Porto deu um festival de golos em casa alheia ao receber e vencer o Portodown, da Irlanda do Norte, por 5-0, em jogo da primeira «mão» da primeira eliminatória da Taça dos Campeões Europeus de futebol.

Jogando no Estádio do Bonfim, em Setúbal, por interdição do Estádio das Antas, o FC Porto, mesmo sem praticar um bom futebol, chegou a uma goleada fácil, depois de ao intervalo já vencer por 3-0.

A equipa nortenha nunca teve problemas em penetrar na defesa adversária e o primeiro golo, logo aos sete minutos, por **Geraldão,** na transformação de um livre directo à entrada da área, facilitou e abriu o caminho para uma vitória folgada.

Artur Jorge apresentou uam equipa claramente ofensiva com quatro avançados de raiz, caso de Jorge Couto, Paille, Kostadinov e Domingos, com Semedo no apoio, e cedo começou a pressionar o último reduto dos irlandeses.

Mais por culpa do FC Porto, o resultado não teve uma expressão maior devido a os seus atacantes terem-se mostrado muito perdulários, desperdiçando várias oportunidades de golo.

Mesmo assim, o fraco futebol do Portadown, uma equipa desconhecida no palmarés europeu, sofreu o segundo golo, aos 16 minutos, pelo internacional **Stephan Paille,** de cabeça, depois de um cruzamento do lado direito de Semedo.

Sem grande oposição, o FC Porto continuou a dominar e conseguiu o terceiro tento, aos 32 minutos, por **Kostadinov,** o internacional búlgaro, que, isolado, não teve dificuldades em bater o guarda-redes adversário.

A expressão do futebol de ataque do FC Porto teve como corolário mais um golo, o quarto, no início da segunda parte, aos 49 minutos, quando **Branco** na conversão de um livre directo enviou o esférico ao canto superior direito da baliza de Keenan.

Os adeptos portistas que se deslocaram ao Bonfim assistiram ainda a mais um golo, que confirmou o «pressing» dos «dragões» na tentativa de levar para a segunda «mão» um resultado tranquilizador.

Assim, aos 50 e 54 minutos, Semedo e Domingos obrigaram o guardião irlandês a defesas de recurso, enquanto Vítor Baía teve uma tarde de descanso até aos 61 minutos, quando foi obrigado a intervir pela primeira vez numa defesa mais apertada.

O último golo dos portistas foi marcado por **Paille,** que bisou ao cabecear da melhor forma para o fundo das redes, após um cruzamento da esquerda de Madjer, aos 75 ninutos.

Até final, o FC Porto denotando ainda uma maior frescura física criou alguns embaraços ao último reduto dos irlandeses, mas que não tiveram o melhor seguimento da sua linha avançada.

O internacional francês Stephan Paille, pelos dois golos, e Domingos, pelo seu rigor táctico, foram os melhores na formação de Artur Jorge, enquanto o guardião Keenan foi o único a sair da mediania num encontro onde o árbitro luxemburguês Rene Bindels fez um trabalho positivo.

Estádio do Bonfim, em Setúbal.
Árbitro: René Bindels (Luxemburgo).
FC PORTO: Vítor Baía; João Pinto, Geraldão, Aloísio e Branco: Semedo, Kiki, Kostadinov (Madjer, 52 m) e Jorge Couto; Domingos (Jorge Plácido, 71 m) e Paille.
PORTADOWN: Keenan; Major, Strain, Stewart e Curliss; McCreadie, Doolin, Cunningham e Cowan; Marty MacGee (Fraser, 79 m) e Davidson (McCredle, 56 m).
Marcadores: Geraldão (7 m), Paille (16 e 75m), Kostadinov (32 m) e Keenan (30 m).

Taça UEFA: Fenerbache, 3-V. Guimarães, 0

Falência das previsões

O Fernebahce venceu o Vitória de Guimarães por 3-0 (2-0 ao intervalo), no jogo da primeira «mão» da eliminatória inaugural da Taça UEFA, disputado no Estádio Inonu, em Istambul.

A partida disputada no recinto do Besiktas, cedido ao Fenerbahce em virtude de possuir iluminação e maior capacidade, não correu da maneira mais favorável aos vimaranenses, que no entanto foram os primeiros a criar perigo, em duas oportunidades a que apenas faltou a concertização.

Utilizando um sistema defensivo muito apertado, a equipa de Paulo Autuori partia logo que possível para o contra-ataque, fazendo-o preferencialmente pelos flancos, aproveitando as saídas de Alberto e Basílio.

O Fenerbahce, por seu turno, adoptou uma estratégia muito semelhante à do adversário, defendendo com dureza e saindo para o ataque em velocidade endiabrada, com remates de ângulos nem sempre aconselháveis, beneficiando a acção da defesa minhota.

Germano mostrava-se intransponível no eixo defensivo, mas a sua generosidade na luta seria penalizada pelo árbitro, que aos 21 minutos lhe mostrou o cartão amarelo por alegada irregularidade sobre um avançado turco.

O brasileiro Chiquinho, a quem foi entregue a difícil e esgotante missão de lutar isolado com a defesa da «casa», criou um lance perigoso aos 27 minutos, isolando-se habilmente a caminho da baliza turca, mas o árbitro acabaria por anular o lance, assinalando fora-de-jogo, na verdade inexistente.

O Fenerbahce iniciou então uma forte pressão sobre a baliza vimaranense, tendo da mesma resultado o primeiro golo da partida, aos 33 minutos, por intermédio do jugoslavo *Vokri*, que aproveitou bem um ressalto na área minhota, atirando sem apelo.

Os «centrais» de Guimarães falharam neste, como falhariam noutros lances posteriores, um deles a dar origem ao segundo golo turco, aos 40 minutos, em remate de *Thuran*, que se isolou e não perdoou.

No período complementar, os vimaranenses sentiram ainda maiores dificuldades defensivas, ante uma verdadeira avalanche de ataques dos turcos, que tinham no extremo Hakan um autêntico diabo à solta.

Aos 50 minutos, o camaronês M'Bouh lesionou-se e foi rendido por Basaúla. O zairense começou bem, tendo conseguido escapar-se à defesa contrária e o seu trabalho somente não teve quem lhe desse a necessária sequência. Mas o terceiro golo turco acabaria com as escassas esperanças vimaranenses num desfecho menos pesado. Aconteceu aos 62 minutos, em consequência de uma grande penalidade por carga de Alberto a Thuran, transformada por *Senol Ustaomer*.

Terminara aqui a capacidade de resposta dos minhotos, que ainda tiveram de suportar um último assédio dos turcos, tentando aumentar a diferença, mas sem o conseguirem.

Resultado amargo para as aspirações vimaranenses, equipa que, todavia, possui qualidades capazes de, jogando em «casa» perante o seu público, lhe proporcionar uma resposta adequada.

Arbitragem regular.

Fase do encontro em Instambul entre o Fenerbahce e o Vitória de Guimarães

Jogo no Estádio Inonu, em Istambul (Turquia).
Árbitro: Ivan Gregr (Checoslováquia).
FENERBAHCE: Schummacher; Ercan: Erdin, Gokhan e Semih; Thuran, Oguz e Senol; Hakan, Vokri e Aykut (Uluusavas, 73 m).
GUIMARÃES: Jesus; Alberto, Germano, Jorge, Bené e basílio; N'Dinga (Ziad, 68 m), Soeiro, João Baptista e N'Bouh (Basaula, 53 m); Chiquinho.
Marcadores: Vokri (33 m), Thurran (40 m) e Ustaomer (61 m de «penalty»).
Acção disciplinar: cartão amarelo para Germano (21 m).

Ricky marca, apesar dos protestos do adversário

Francisco Paraíso

Miranda inicia mais um ataque do Estrela

Taça das Taças: Estrela da Amadora, 1-Neuchatel, 1

Calma! Estamos no intervalo

Nada de desâmimo, minha gente! O jogo está empatado e faltam 90 minutos para terminar a «discussão» quanto ao resultado final da eliminatória. É certo que o resultado é desfavorável ao «Estrelinha», apenas porque ao opositor bastará o «zero-zero» para seguir em frente e vai disputar a segunda metade no seu recinto e apoiado pelo público helvético, mas não faltam «argumentos» aos artistas do «Manel dos Sarilhos» para que possam «ensarilhar» o seu antagonista.

Jogou bem o Estrela e muitos foram os golos falhados com repartição do inêxito por Baroti (dois minutos), Abel (20 e 53), Agatão (55) e outros mais. Excelente movimentação da turma da Reboleira com as «pedras» bem arrumadas e a lição bem estudada e em determinados períodos excelentemente interpretada, sendo pena que, particularmente durante o primeiro período e na fase final do jogo, o potencial do futebol desenvolvido não tivesse a desejada materialização.

Ricky: brinde aproveitado

Decorriam 25 minutos quando a plateia do bonito Estádio José Gomes se ergueu. Delírio nas bancadas, bandeiras ao vento, gargantas à prova de rouquidão e tímpanos em perigo. Ricky culminou, com serenidade, um lance iniciado por Miranda (lançamento feito com régua e esquadro) e continuado por Abel, «dribling» a dois contrários e bolinha colocada na frente das botas do nigeriano, que, desfrutando de liberdade plena, teve tempo para «gozar» a finalização.

Um golo bem trabalhado, excelentemente concretizado, ainda que facilitado pelo desacerto na marcação do perigoso dianteiro que o Benfica remeteu para a Reboleira. Tratou-se, na verdade, de um brinde que o trio Miranda, Abel e Ricky soube aproveitar.

Parecia que estava encontrado o «porto de abrigo» e que iria ser construído um resultado que permitisse calma viagem até ao país helvético, mas, com a alça desafinada, os avançados da Amadora iam teimando nos remates sem convicção e sem a direcção ajustada aos objectivos. Pascolo (guarda-redes do Neuchatel) também lá estava e sempre de atalaia, olho vivo e mãos seguras. O tempo ia correndo e o estado psicológico dos jogadores portugueses começava a denotar abaixamento. Pelas bancadas mantinha-se a esperança e os tambores davam disso boa nota. Porque o Estrela era a equipa que melhor jogava e entre os suíços notava-se alguma desorientação, sobretudo na zona nevrálgica. Ao intevalo as bandas animavam a plateia. O optimismo mantinha-se, Nada de esperanças didluídas. Que diabo, o Estrela até estava a vencer!...

Que ralo de golo

Manuel Fernandes e o britânico Roy Hodgoson mantiveram o onze inicial no recomeço do jogo e o ritmo e a dinâmica continuaram como dantes. Estrela a dominar, Neuchatel a defender. Foi essa a constante até que, no minuto 56, o ágil, veloz e perigoso *Sutter* estabeleceu a igualdade. Um golo muito consentido, sobretudo porque Duílio (sempre empenhado no auxílio aos seus colegas da frente) não teve velocidade bastante para a recolocação na sua zona e Vital careceu dos reflexos e visão do lance, para «matar» as intenções do calculista Sutter. Um golo que gelou as bancadas do belo palco do clube de Jaime Salvado. O empate estava feito e com ele o avolumar das dificuldades de Ricky, Baroti (excelente exibição), Pedro Xavier (cremos que deveria ter entrado mais cedo) e demais companheiros, já que os helvéticos iriam, a partir daí, reforçar ainda mais o forte dique montado na frente do magnífico Pascolo. Foi o que sucedeu e o capitão Perret revigorou de força e resistência desempenhando, com pleno acerto, as funções de «pronto socorro», destruindo todas as veleidades dos avançados do Estrela.

Francisco Paraíso

Mais um ataque sem resultado

Muita concentração, impecável segurança defensiva, magnífica desbobinação dos lances, motivação a rodos, cadência marcada pelo rigor táctico, assim ia jogando o Estrela, ainda que muito contrariado pela força atlética e boa disciplina de jogo dos suíços. O golo do triunfo continuava a ser espreitado e as oportunidades foram-se sucedendo, mas Agatão, Abel, Baroti, Pedro Xavier e Ricky viam negadas as sucessivas tentativas. Golo a tardar, nervos a aumentar, descrença a crescer. Afinal, a sintomatologia própria em tais situações, e, sabe-se como este resultado é normalmente traiçoeiro.

Não se perca a esperança, porque a equipa da Reboleira poderá muito bem discutir no campo no Neuchatel o resultado e a continuidade da prova.

Agrado geral

Resta citar algumas palavras acerca do comportamento de Alphonse Constantin e dos seus auxiliares Frank Vermeersch e Willy van Triesch, que o Conselho de Arbitragem da UEFA mandara da Bélgica. Nem um lapso foi anotado por nós e quando arrumou o apito no bolso dos calções, foi rodeado por todos os jogadores em campo, numa manifestação de regozijo pelo acerto de todas as suas decisões. Gosto bonito num estádio sem «arame farpado».

Alves Henriques

Estádio José Gomes, na Reboleira.
Árbitro: Alphonse Constantin, da Bélgica.
ESTRELA D AMADORA: Vital; Rui Neves, Duílio, Valério e Dimas; Miranda (Pedro Xavier 65), Abel Campos e Agatão; Baroti (Paulo Jorge, 75 m), Paulo Bento e Ricky.
NEUCHATEL XAMAX: Pascolo; Rothenbhuler, Fernandez, Lonn e Egli; Perret, Sutter, Jeitziner e Chassot; Gigon (Froidevaux 68) e Bonvin.
Acção disciplinar: amarelos para Jeitziner (30) e Rui Neves (64).
Golos de Ricky (25 m) e Sutter (55).

TOTOBOLA

A chave

FC Porto-Portadown	1
Sparta Praga-Spartak Moscovo	2
Nápoles-Ujpest	1
Estrela Amadora-Neuchatel	X
Montpellier-PSV Eindhoven	?
Kaiserslautern-Sampdoria	1
Roma-Benfica	1
Sporting-Malines	1
Fenerbahce-Guimarães	1
Rapid-Inter	1
Atalanta-Dínamo Zagreb	X
Brondby-Eintracht Frankfurt	1
Roda-Mónaco	2

QUADRO DE RESULTADOS

Taça dos Campeões Europeus

- Estrela Vermelha (Jug)-Grasshopers (Suiç) 1-1
- Olympique Marseille (Fra)-Dínamo Tirana (Alb) 5-1
- FC Tirol (Aust)-Kuusysi Lathi (Finl) 5-0
- Lillestroem (Nor)-FC Brugge (Bel) 1-1
- Sparta Praga (Chec)-Spartak (URSS) 0-2
- Nápoles (Ita)-Ujpest Dozsa (Hung) 3-0
- Malmoe (Sue)-Besiktas Istambul (Turq) 3-2
- Dínamo Bucareste (Rom)-St. Patrick (Eire) 4-0
- US Luxemburgo (Lux)-Dínamo Dresden (RDA) 1-3
- FC Porto (Port)-Portadown FC (Irl. Norte) 5-0
- Odense BK (Din)-Real Madrid (Esp) 1-4
- Lech Pozan (Pol)-Panathinaikos (Gre) 3-0
- La Valeta (Malta) - G Rangers (Esc.) 0-4
- -Apoel (Chipre)-Bayern Munchen (RFA) 2-3
- Knattspyrnufelag Akureyar (Isl)-CSKA (Bulg) 1-0

O AC Milan, actual detentor do troféu está isento da 1.ª eliminatória.

Taça dos Vencedores das Taças

- Légia (Polónia)-Swift Hesperangfe (Lux) 3-0
- Trabzonspor (Turq)-FC Barcelona (Esp) 1-0
- Viking Stavager (Nor)-FC Liége (Bel) 0-2
- FC Silven (Bulg)-Juventus Torino (Ita) 0-2
- Manchester United FC (Ingl)-Pecsi (Hung) 2-0
- Kuopion (Finl)-Dínamo Kiev (URSS) 2-2
- Schwerin (RDA)-Áustria Viena (Aust) 0-2
- Sliema (Malta)-Dukla Praga (Chec) 1-2
- FC Famagusta (Chip)-Abeerden FC (Esc) 0-2
- Montpellier (Fra)-PSV Eindhoven (Hol) ..... (Hoje)
- Olimpiakos Pireu (Gre)-Flamurtari Vlora (Alb) 3-1
- FC Glentoran (Irl. Norte)-Steaua (Rom) 1-1
- Wrexham (Gales)-Lyngby (Dinamarca) 0-0
- Estrela Amadora (Port)-Neuchâtel (Suíça) 1-1
- Fram Reykavik (Isl)-Djungardens (Sue) 3-0
- FC Kaiserslautern (RFA)-Sampdoria (Ita) 1-0

Taça UEFA

- Brondby (Din)-Eintracht Frankfurt (RFA) 5-0
- Dnepr Dnepropetrovsk (URSS)-Hearts (Esc) 1-1
- Derry City FC (Eire)-Vitesse (Hol) 0-1
- MTK Budapeste (Hung)-FC Luzern (Sui) 1-1
- Sporting C.P. (Port)-KV Mechelen (Bel) 1-0
- Lausanne (Suíça)-Real Sociedad (Espanha) 3-2
- Avenir Beggen (Lux)-Inter Bratislava (Che) 2-1
- Borussia Dortmund (RFA)-Chemnitzer (RDA) 2-0
- IFK Norrkoping (Sue)-1 FC Koln (RFA) 0-0
- Hafnfjardar FH (Isl)-Dundee United (Esc) 1-3
- FC Antwerp (Bel)-Ferencvaros (Hung) ..... (Hoje)
- Zaglebie Lubi (Pol)-Bologna (Ita) 0-1
- Glenavon (Irl. Norte)-Gir. Bordeaux (Fra) 0-0
- Torpedo (URSS)-IFK Gotteborg (Sue) 4-1
- Aston Vila FC (Ingl)-Banik Ostrava (Chec) 3-1
- FC Magdburg (RDA)-Rodavaniemi (Finl) 0-0
- Vejle BK (Din)-Admira Wacker (Aust) 0-1
- Bayer Leverkusen (RFA)-FC Twente (Hol) 1-0
- Tchern Odessa (URSS)-Rosenborg (Nor) 3-1
- Katowice (Pol)-Turun Palloseura (Finl) 3-0
- Iraklis Salonica (Gre)-Valencia (Esp) 0-0
- RSC Anderlecht (Bel)-Petrolul (Rom) 2-0
- Atalanta Bergamo (Ita)-Dínamo Zagreb (Jug) 0-0
- Slavia Sofia (Bulg)-Omonia Nicósia (Chip) 2-1
- AS Roma (Ita)-SL Benfica (Port) 1-0
- Roda JC (Hol)-As Mónaco (Fra) 1-3
- Sevilha FC (Esp)-PAOK (Gre) 0-0
- Partizan (Alb)-Universitatea Craiova (Rom) 0-1
- Timissoara (Rom)-Atlético Madrid (Esp) 2-0
- Rapid Viena (Aust)-FC Internazionale (Ita) 2-1
- Fenerbahce (Turq)-Vitoria Sport Clube (Port) 3-0
- Hibernians (Malta)-Partizan Belgrado (Jug) 0-3

Os encontros da segunda mão disputam-se no dia 3 de Outubro.

O Barcelona também regressou da Turquia vergado ao peso da derrota (0-1 frente ao Trabsonspor)

CULTURA

CINEMA

Crónica onde se diz que a melhor estreia da semana é um desenho animado de oito minutos e não o muito falado «Dick Tracy». Só que há quem nasça com sorte e o filme de Warren Beatty nasceu com tanta que até o «Roger Rabbitt na Montanha Russa» lhe passa em complemento. Quanto ao resto, é o óbvio: o acontecimento é Fellini, todo, na Cinemateca. Percam-no e depois queixem-se que não há nada para ver...

Do show à obra de arte

Jogo franco: a concepção destas duas páginas, não é por acaso. Corresponde a uma opção, ao critério de subordinar a crónica ao acontecimento. Ora, qual o acontecimento maior, o acontecimento *tout court*, quando «Dick Tracy» se estreia em três dezenas de salas do país, um terço das quais em Lisboa ? Aparentemente, não há que hesitar: o acontecimento é isso mesmo.

Sucede, porém, que em simultâneo com esta estreia multisalas, passa na Cinemateca a retrospectiva integral de Fellini. E, correndo embora o risco de remar contra algumas marés, o cronista tem para si que a revisão da obra integral de um dos maiores cineastas vivos é que é o acontecimento ou pelo menos aquele que sobreleva a todos os outros.

E eis porque a crónica de hoje é assim e não de outro modo ...ou daquele modo que leva às vezes a Imprensa a destacar uma qualquer vulgaridade, seguindo a lógica do exibidor, enquanto remete para as margens «alternativas» filmes muito mais importantes que passam sem suporte promocional. Como se o melhor é que fosse alternativo...

*

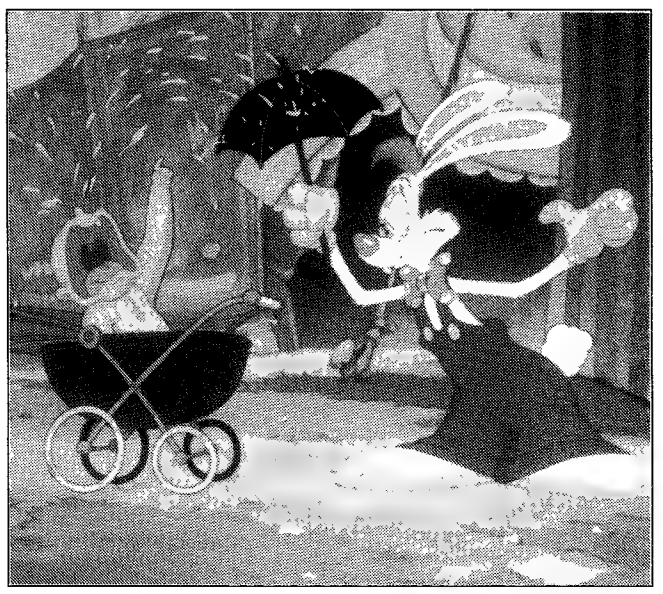
Posto isto, perguntar-se-á: mas «Dick Tracy» é um mau filme ? Resposta: não, não é. É até um bom espectáculo. E para um bom espectáculo nem lhe falta nada. Para o resto é que lhe falta quase tudo, a começar por essa capacidade de risco e de inquietação interiores que distinguem um bom show de uma obra de arte.

«Dick Tracy», como espectáculo, tem todos os ingredientes, desde a correcta assimilação da BD que neste caso serve de suporte ao cinema, até à perfomance dos actores (Madonna, incluída), passando pelo melhor: o décor.

O décor é, aliás, tão bom, tão obviamente bom, que quase nos faz esquecer que este filme é sobretudo isso mesmo: uma bela embalagem, concebida por uma «máquina» que, investindo milhões, nada deixa ao acaso.

O que, a bem dizer, é pena. É que a certa altura do filme, a gente dá por nós a lamentar não haver ali um golpe de asa, um imprevisto, aquele rasgo de imaginação («la folle du logis» -chamam-lhe os franceses) capaz de tudo transfigurar, tudo subverter.

Qualquer coisa, por exemplo, como aqueles oito fabulosos minutos que antecedem «Dick Tracy»: o desenho animado «Roger Rabbitt na Montanha Russa» (com Spielberg entre os produtores). Compare-se (nas devidas proporções) um com o outro e perceber-se-á, decerto, que onde a criatividade anda à rédea solta, onde há força interior para nos divertir e emocionar é muito mais no desenho animado do que no filme de fundo.



«Roger Rabbitt na Montanha Russa»: oito minutos fabulosos

*

Mas falemos de outras estreias. De William Friedkin há dois filmes em cartaz, um deste ano («O Anjo das Sombras»), outro com três anos já («O Dedo da Justiça»). Glosam ambos o chamado cinema de terror, um terror conseguido à custa de efeitos (especiais ou não) e de um pseudo dramatismo com os fios todos à mostra.

Terror por terror, venha o diabo e escolha qual o pior deste dois filmes. «O Anjo das Sombras» parece o menos desinteressante. Pelo menos subverte um bocado os esquemas: a natureza é cruel, a bruxa má é bonita que se farta e a câmara possui alguma ousadia. Já «O Dedo da Justiça», não: a velha história do psicopata e mais o julgamento em tribunal roça o insuportável e ponto final parágrafo.

*

Ponto final parágrafo para falar do mesmo: outro filme insuportável, uma estreia que é uma desilusão. Porquê ? Porque «Rosalie Vai às Compras» é realizado por esse mesmo Percy Adlon que fizera «Café Bagdad», Marianne Sagebrecht é a actriz de ambos os filmes e a sua figura emblemática.

Só que à frescura e natural inventiva de «Café Bagdad» sucede agora, em «Rosalie Vai às Compras», uma constante procura de efeitos, um bonitinho «gráfico» e uma detestável interpretação que deitam tudo a perder. Até pela fragilidade do argumento: uma sátira ao capitalismo que não anda longe da indigência mental.

*

E conclua-se com um filme daqueles que se «vêem bem», bem e distraidamente ...em vídeo, ao sábado à noite, em casa de amigos. Trata-se «Jacknife», uma historiazinha do pós-Vietnam, sem brilho nem fôlego e, já agora, com uns «flash backs» para que não há paciência.

A paciência que resta, em «Jacknife», é para louvar o trabalho dos actores, Robert De Niro e Ed Harris, em especial. É que actores como estes não sabem ir mal. David Jones, o realizador, sabe disso, mas devia saber algo mais: é que uma coisa é aproveitar o trabalho dos actores, outra muito diferente é dos actores ser parasita. Isto para não dizer pior, que o pior era coisa feia e para feio já basta o que basta.

Rodrigues da Silva

Informação COMERCIAL

Grande Prémio de Portugal 90
em Fórmula 1
22 e 23 de Setembro.
Vá ao Autódromo mas...
Vá de Comboio.

A CP e a Rodoviária Nacional organizam serviço combinado especial nos dias 22 e 23 de Setembro, com partidas de Cais do Sodré e outras estações da Linha de Cascais com destino a Estoril e vice-versa;
Para este serviço foram emitidos bilhetes de ida e volta ao preço único de 500$00.
Bilhetes à venda nas estações da CP da Linha de Cascais.

Caminhos de Ferro Portugueses

A Ver

Dos filmes em exibição comercial em Lisboa, eis uma lista elaborada por ordem decrescente de qualidade e interesse, de acordo com um critério obviamente pessoal.

Em estreia
- «E Fez-se Luz», Otar Iosseliani (1989)
- «Gremlins 2 - A Nova Geração», Joe Dante (1990)
- «Dick Tracy», Warren Beatty (1990)
- «Cenas de Lutas de Classes em Beverly Hills», Paul Bartel (1989)
- «Caça ao Outubro Vermelho», John McTiernan (1990)
- «Ata-me», Pedro Almodóvar (1990)
- «Na Corda Bamba», John Badham (1990)
- «Regresso ao Futuro, Parte III», Robert Zemeckis (1990)
- «Jacknife», David Jones (1988)
- «O Anjo das Sombras», William Friedkin (1990)
- «Olha Quem Fala», Amy Heckerling (1989)
- «O Dedo da Justiça», William Friedkin (1987)
- «48 Horas. Parte II», Walter Hill (1990)
- «Rosalie Vai às Compras», Percy Adlon (1989)

Em reposição
- «Jules e Jim», François Truffaut (1961)
- «Cinema Paraíso», Giuseppe Tornatore (1989)
- «Sempre», Steven Spielberg (1989)
- «Clube dos Poetas Mortos», Peter Weir (1989)

R. da S.

Fellini em retrospectiva integral, na Cinemateca

Salvé, feiticeiro !

O acontecimento já vem detrás e prolonga-se por Outubro dentro. É Fellini -ou a sua obra toda, em retrospectiva, na Cinemateca- o acontecimento cinematográfico da «rentrée». E pouco importa que os seus filmes passem em estreia, em reposição ou (como é o caso) em Sessões Especiais. Eles destacam-se sempre, porque Fellini, acima de tudo e antes de mais, é um *criador* ; alguém que projecta na obra feita, mais até que a marca de uma autoria, o halo peculiar e inconfundível de uma inspiração transfigurada e transfiguradora.

Não se trata, com isto, de dizer que Fellini tem um estilo. Não, ele tem muito mais do que isso: um universo inteiro -e que transbordante e cinematográfico universo- só por si capaz de enobrecer esta arte, o cinema.

À parte isto, pode-se não gostar de Fellini. Haverá boas razões para tal e até más razões para o contrário. Mas o que, decerto, não há é um só amante do cinema que lhe desrespeite a obra, que a não reconheça como algo absolutamente singular, único.

E é precisamente neste sentido que, sem risco de errar, se pode garantir de Fellini que ele não teve até agora, nem terá nunca continuadores ou epígonos.

No momento em que -tenhamos coragem para o dizer- o cinema tantas e tantas vezes nos aborrece, Fellini destaca-se, agiganta-se como alguém que nunca, mas nunca, nos deixou indiferentes, qualquer que tenha sido o grau da nossa adesão a um filme seu.

Porque -tenhamos também coragem para dizer isto: este é o tempo obsceno em que se procura reduzir os artistas a fazedores de qualquer coisa com jeito para o negócio; este é o tempo ignóbil em que se tenta sufocar a paixão e subordinar os espectadores (e o espectáculo) a um gosto medíocre, rotineiro e insensível. Mas este é o tempo, também, em que criadores há -como Fellini- que não abdicam do sopro divino da inspiração e da liberdade.

E se, tratando-se de Fellini, este «divino» choca, digamos então que ele é o feiticeiro para quem a arte é o terreno privilegiado de todas as alquimias e de todas as transgressões.

O Fellini desta semana

O arco felliniano desta semana, na Cinemateca, vai de 1954 a 1965, isto é, de «A Estrada» a «Julieta dos Espíritos». Teoricamente, estaríamos, assim, já na segunda fase da obra de Fellini. Mas dizer isto, seria esquecer que «Il Bidone» (O Conto do Vigário), de um ano posterior a «La Strada», é um filme que faz a ponte ainda com os Fellinis dos primeiros anos 50.

De qualquer modo, não nos deixemos cair em tentações esquemáticas: mesmo o Fellini inicial é já Fellini, basta olhar para essa magnífica obra de estreia «O Xeique Branco» (1952), ou mesmo para «Luci del Varietà», co-realizado em 1950 com Lattuada.

Seria, porém, com a criação da personagem interpretada por Giulietta Masina em «La Strada» (e depois em «Noites de Cabíria») que Fellini iria personalisar definitivamente o seu percurso.

Com «La Dolce Vita» (1960) e com «Otto e Mezzo» (1963), é já o esplendor de uma arte totalmente liberta de quaisquer peias, sejam elas éticas ou sociais, tenham-se em vista alguns textos de Fellini.

Textos -como as cartas a um crítico marxista e a um padre jesuita- nas quais, contra-atacando mais do que defendendo-se, Fellini ainda se justifica. Mas isto era em 1955 e em 1957, antes desse outro salto que é «La Dolce Vita», a partir do qual o artista se assume em plenitude, tal como é, sem outras explicações que a própria obra. E, a partir de então, Fellini irá por aí fora até hoje, com uma criação que, no seu conjunto, é o testemunho de uma genialidade.

Um filme da Guiné-Bissau em antestreia

Fellini não esgota as Sessões Especiais desta semana. É que, para além do mais, há os ciclos em curso no Teatro da Malaposta, assinalando o 2º aniversário da «Revista de Cinema». Em exibição vários filmes importantes de cineastas (para só falar dos maiores) como Ford, Mizoguchi, Bergman (e logo com «Morangos Silvestres»...) e Godard (e logo com «Pedro, O Louco»...).

Mas o destaque porventura maior vai para a Cinemateca, onde, pelo meio da retrospectiva Fellini, se antestreia um filme da Guiné-Bissau: «Mortu-Nega», de Flora Gomes.

«Mortu-Nega» data de 1988 e tem no seu currículo vários prémios, a saber: melhor primeira obra e melhor interpretação feminina (a actriz Bia Gomes), no Festival de Ouagadougou (Festaco), em Burkina Fasso; duas menções especiais no Festival de Veneza e o apoio à distribuição dado pela Cinemateca belga. E como de uma antestreia se trata, diga-se que a estreia comercial está já marcada: dia 5 de Outubro, no Quarteto.

É o seguinte o calendário das Sessões Especiais da semana.

Cinemateca

Hoje: «Fortunella», de Eduardo de Filippo (às 18 e 30); e «Il Bidone», de Federico Fellini (às 21 e 30).

Amanhã: «La Strada» (às 18 e 30) e «Le Notti di Cabiria»(às 21 e 30), ambos de Federico Fellini.

Depois de amanhã: «Le Notti di Cabiria» (às 15 e 30), «Il Bidone» (às 18 e 30) e «La Dolce Vita» (às 21 e 30), todos de Federico Fellini.

Segunda, dia 24: «La Dolce Vita», de Federico Fellini (às 18 e 30); e «Mortu-Cega», de Flora Gomes (às 21 e 30).

Terça, dia 25: «Boccaccio 70», de Monicelli, Visconti, De Sica e Fellini (às 18 e 30); e «Otto e Mezzo», de Federico Fellini (às 21 e 30).

Quarta, dia 26: «Otto e Mezzo» (às 18 e 30) e «Julieta dos Espíritos» (às 21 e 30), ambos de Federico Fellini.

Costa da Caparica (Inatel)

Amanhã: «A Honra dos Padrinhos», de John Huston (às 21 e 30).

Depois de amanhã: «Mississipi em Chamas», de Alan Parker (às 21 e 30).

Instituto Franco-Português

Hoje: «Trois Homes et Un Couffin», de Coline Serreau (às 21 horas).

Amanhã: «La Mort en Direct», de Bertrand Tavernier (às 21 horas).

Terça, dia 25: «L'Héritier», de Philippe Labro (às 21 horas).

Instituto Italiano de Cultura

Dia 26: «Casanova», de Mario Monicelli (às 18 horas).

Porto (Noites Duplas do Coliseu)

Hoje: «Mona Lisa», de Neil Jordan; seguido de «Quarto com Vista sobre a Cidade», de James Ivory (às 21 horas).

Teatro da Malaposta (Olival Basto)

Hoje: «A Paixão dos Fortes», de John Ford (às 21 e 30).

Amanhã: «Contos da Lua Vaga», de Kenji Mizoguchi (às 17 horas).

Depois de amanhã: «Morangos Silvestres», de Ingmar Bergman (às 17 horas), e «Viva Zapata», de Elia Kazan (às 21 e 30).

Domingo, dia 23: «Pedro, O Louco», de Jean-Luc Godard (às 17 horas), e «A Guerra das Estrelas», de George Lucas (às21 e 30).

Segunda, dia 24: «Antes A Morte que Tal Sorte», de João Matos Silva (às 17 horas), e «Um S Marginal», de José Sá Caetano (às 21 e 30).

Terça, dia 25: «Tendresse», de José Lã Correia (às 17 horas), e «O Construtor de Anjos», de Luis Noronha da Costa (às 21 e 30).

Quarta, dia 26: «Ciganos», de João Abel Aboim, seguido de «O Prisioneiro», de Sérgio Ferreira (às 17 horas); e «Passagem ou A Meio Caminho», de Jorge Silva Melo (às 21 e 30).

Viseu

Hoje: «Absolutamente Loucos», de Julien Temple (no Auditório da Feira, às 21 e 30; sessão do Cine Clube).

Dias 21 a 26: «Cenas de Luta de Classes em Beverly Hills», de Paul Bartel (no auditório Mirita Casimiro, às 21 e 30; e no dia 23, também às 16 horas).

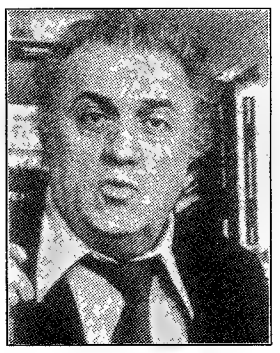
Dia 23: «Oliver e Os Seus Companheiros», de George Schribner (no auditório da Feira, às 11 horas; sessão do Cine Clube).

R. da S.

Marcello Mastroianni em «Otto e Mezzo», terça-feira, às 21 e 30, e quarta-feira, às 18 e 30, na Cinemateca

Fellini por ele próprio

Se há cineasta bem conhecido em Portugal, é Fellini. Praticamente toda a sua obra foi exibida comercialmente entre nós e -o que é raro em relação à maioria dos realizadores- há alguma bibliografia disponível, por acaso toda ela não editada pela Cinemateca. À parte a narrativa «Giulietta» (Bertrand,1990), do realizador italiano há em português dois livros essenciais: «Fellini conta Fellini» (Bertrand, 1982) e «Fellini por Fellini» (Dom Quixote, 1985). O livro da Dom Quixote é uma longa entrevista feita a Fellini em 1983 por Giovanni Grazzini. O livro da Bertrand reune dispersos de Fellini, de 1955 a 1972.



São dois livros de leitura aliciante. Atente-se nas duas citações que se vão reproduzir. Uma a dizer do cineasta, outra do homem de cultura. Como segue:

A luz (1983)

«A luz é a matéria do filme, portanto, no cinema, a luz é ideologia, sentimento, cor, tom, profundidade, atmosfera, narração. Luz é o que acrescenta, que apaga, que reduz, que exalta, que enriquece, esfuma, sublinha, alude, que faz tornar verosímil e aceitável o fantástico, o sonho, ou, ao contrário, torna fantástico o real, dá miragem à quotidianidade mais cinzenta, acrescenta transparências, sugere tensões, vibrações. A luz escava um rosto, ou alisa-o, cria expressões onde não há, dá inteligência à opacidade, sedução à insipiência. A luz desenha a elegância de uma figura, glorifica uma paisagem, inventa-a do nada, dá magia a um fundo. A luz é o primeiro efeito especial, entendido como truque, como engano, oficina de alquimista, máquina do maravilhoso. (...) O filme escreve-se com a luz, o estilo exprime-se com a luz.»

Jorge Luis Borges (1972)

«Borges comunica-me sempre um singular sentimento de paz e exaltação por causa da sua prodigiosa vocação para aprisionar, ainda que seja por um momento apenas, essas entidades tão ambíguas e rarefeitas como o tempo, o destino, a morte, os sonhos, através de operações mentais delicadas e poderosas, de mecanismos conceptuais extraordinariamente simplificados, livres dos ouropéis da lógica ou dos jogos de equilíbrio da dialéctica. Borges é particularmente estimulamte para um homem de cinema, porque o extraordinário da sua escrita é de ser como um sonho, maravilhosamente susceptível de extrair do subconsciente imagens intactas nas quais a coisa e o seu significado coexistem, exactamente como nos filmes. E justamente como nos sonhos, também em Borges o incongruente, o absurdo, o contraditório, o arcaico e o repetitivo conservam toda a sua virulenta carga fantástica e estão iluminados como pormenores rigorosos de um desenho mais amplo e desconhecido, quer dizer, como elementos impecáveis de um mosaico atrozmente perfeito e indiferente. Também a estranha fragmentaridade da produção de Borges me faz pensar num fluxo onírico descontínuo, e a heterogeneidade dessa mesma produção — contos, ensaios, poemas — prefiro imaginá-la não como fruto dos múltiplos fios de um talento ávido e impaciente, mas como o signo indecifrável de uma metamorfose ininterrupta».

CULTURA E ESPECTÁCULOS

De cada vez que - como "Dick Tracy" - um filme tem sucesso previsto, as distribuidoras "empurram-no" para dezenas de cinemas em simultâneo. Tal política está em primeiro lugar, entre as razões do despovoamento das grandes salas. Em Lisboa (encerrados o Eden e o Tivoli), restam poucas. Uma delas é o Condes, o melhor de todos os cinemas onde "Dick Tracy" está em cartaz. Esta é a sua história

Cinema (dos) Condes

O primeiro Teatro da Rua dos Condes surgiu poucos anos após o terramoto, no início da segunda metade do século XVIII. As suas paredes de madeira ouviram ainda a célebre cantora Zamperini, desterrada de Lisboa pelo Marquês de Pombal em 1774, após constatação das enormes quantias que o filho —segundo Conde de Oeiras— despendia com o teatro onde a diva cantava.

No quarteirão que hoje corre do Largo da Anunciada até à Rua dos Condes, existiu antes do terramoto um dos mais faustosos palácios de Lisboa, pertença de Fernão Álvares de Andrada. O fidalgo foi conselheiro de D.João III e tesoureiro-mor do Reino. Planeava a construção de morada condigna, em terrenos recatados, à margem da cidade de então. Adquirindo, em 1539, as hortas que confinavam com Valverde, Fernão Álvares propunha-se, também, restaurar o mosteiro de Santo Antão.

Mosteiro e igreja respectiva, destruídos pelo terramoto, deixaram à cidade futura o legado da velha pedra tumular de Fernão Álvares, hoje exposta no Museu Arqueológico do Carmo. Do palácio, também desaparecido, escreveu João Baptista de Castro no «Mappa de Portugal» que ocupava considerável espaço e possuía notável património: «Cento e vinte casas, dez pátios, jardins e hortas, e lograva mais de duzentas pinturas, muitas delas de Ticiano, Corregio, Rubens; e sobretudo uma excelente livraria».

A neta de Fernão Álvares casou com o segundo Conde da Ericeira. No século XVII, o palácio dos Ericeiras abrigou conferências literárias na sumptuosa biblioteca. Após o suicídio de D.Luiz de Menezes —terceiro conde— em 1690, a família mudou-se para o Palácio do Cunhal das Bolas. A decadência da casa às portas de Santo Antão começou por essa altura, com a mudança da família para o Bairo Alto.

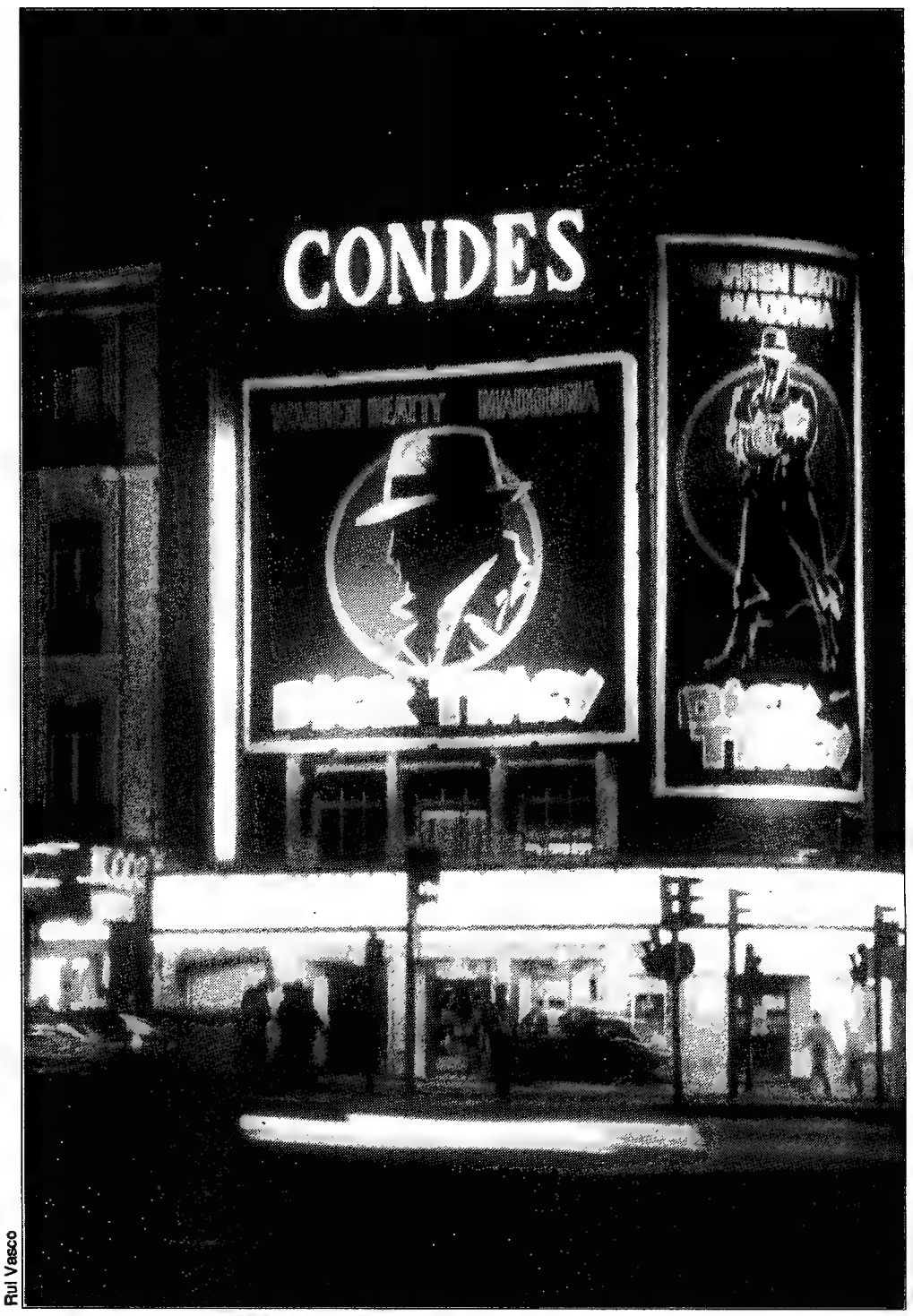
Em terrenos do palácio

O terramoto veio destruir apenas aquilo que o tempo já tinha degradado irreversivelmente. E sobre as ruínas não reclamadas foram-se construindo, ainda antes do Passeio Público, barracões de adelos e casebres de mendigos. O primeiro «pátio das comédias» a funcionar nos terrenos do velho palácio deve ser anterior ao próprio terramoto. Escritos olisiponenses registam a existência de um Pátio dos Condes, onde se exibiam marionetas.

Seja como for, o terramoto determinaria nova era para aquela zona suburbana. Com as perspectivas de expansão para norte, a cidade virava finalmente os olhos para as vizinhanças das antigas saídas da cidade por Santo Antão e pelas hortas de Valverde. Valorizado o local, esboçou-se sobre o traçado antigo aquela que viria a ser a Rua Oriental do Passeio Público (hoje lado oriental da Avenida da Liberdade). Entre 1760 e 1770, nasceu no lugar do actual Cinema Condes o primeiro barracão a que se chamou Theatro da Rua dos Condes. E embora nada reste hoje do sumptuoso palácio dos condes da Ericeira, o topónimo Rua dos Condes continua a recordar-nos a sua nobre presença, tal como o Largo da Anunciada recorda o antigo mosteiro que Fernão Álvares ajudou a construir.

O primeiro Teatro da Rua dos Condes foi projectado por Petronio Mazzoni. Teófilo de Braga refere 1770 como data provável da fundação. João Paulo Freire considera qie o teatro seria anterior a 1760 ou, na hipótese maios remota, a 1765. Em 1770 ter-se-ía dado o início de uma temporada de grandes sucessos, precisamente dirigidos pela célebre Ana Zamperini, soprano veneziana que foi amante do filho do Marquês de Pombal.

Após o reinado de D.José, a polícia de Pina Manique prendeu Henrique da Silva Quintanilha e Paulino José da Silva, respectivamente dono e empresário do teatro por volta de 1780. Isto porque os preços das entradas subiram sem consentimento real. Na época, o teatro —mesmo num barracão— era luxo de



Rui Vasco

ostentar, nos hábitos quotidianos. Um camarote de primeira ordem podia custar 3200 réis, ou seja, quase tanto como uma pequena porção de terreno fora de portas, perto dali.

O barracão da Rua dos Condes

Em 1792, o teatro foi rebaptizado como «Theatro Nacional», iniciando uma temporada dedicada a autores e artistas portugueses (recorde-se que, no século XVIII, as principais companhias de sucesso eram estrangeiras). Cerca de seis anos mais tarde, foi permitida a presença de mulheres em cena, novidade que teria posto os cabelos em pé à austera Senhora D.Maria I e ao seu vigilante servidor intendente Pina Manique. O público de Lisboa tinha-se habituado a ver a doce Julieta lavada em lágrimas e assoando-se às barbas.

Na viragem para o século XIX, voltou uma companhia francesa ao Teatro da Rua dos Condes. Em Janeiro de 1835, estreou-se ali o grupo de Émile Doux, iniciando-se o culto pela nascente estética romântica. A «Descrição Geral de Lisboa em 1839» refere esta fase do teatro: «O Teatro da Rua dos Condes, ainda muito mais pequeno do que o de S.Carlos, é o primeiro teatro nacional. A actual companhia, debaixo da direcção do francês Émile Doux,se acha muito adiantada e dá esperanças de um dia poder rivalizar com as melhores de Paris ou Londres». Após a inauguração de S.Carlos, este pequeno teatro deixara de ser o primeiro lugar da moda. Mas o Governo continuava a apoiá-lo com uma doação (subsídio, diríamos hoje) de seis contos de réis por ano.

Emília das Neves, a mais adorada actriz do seu tempo, estreou-se aqui em 1838, no «Auto de Gil Vicente», de Almeida Garrett. Em 1865, foi o teatro remodelado com novo pano de boca, novos camarotes e nova decoração do átrio. Mas a decadência irreversível começara com o nascimento de um concorrente vizinho, em 1846: o Teatro de D.Maria II.

As últimas representações no velho barracão, decorreram em Maio de 1882, com a peça de sucesso «Os Sinos de Corneville». Entre 1882 e 1883, funcionou no local uma pequena barraca a que puseram o pomposo nome de «Theatro Chalet», Depois, vem a era do novo Theatro da Rua dos Condes.

O último Teatro e o Cinema Condes

Inaugurada no dia 23 de Dezembro de 1888, com uma peça em que entrava o actor Taborda, a nova sala de espectáculos fora projectada pelo desenhador Dias da Silva. Ocupava mais ou menos a área do actual Cinema Condes, com 32 metros de fundo por 15 de largo. Quem custeou as obras de construção foi o comerciante Francisco de Almeida Grandella, fundador dos armazens do mesmo nome.

Após inúmeras temporadas de sucesso, o teatro passou a animatógrafo. Foi o primeiro teatro de Lisboa a sofrer tal adaptação (a ele se seguiriam o Eden, o Gymnasio e o S.Luiz), em 1915. Intreiramente remodelado em 1931, o edifício manteve até ao fim a designação Theatro da Rua dos Condes, na fachada. O público conheciao ultimamente como Cinema Condes.

O primeiro empresário de animatógrafo instalado no teatro foi Leopoldo O'Donnell, dono do vizinho Olympia. Mas em breve entraria em cena José Martins Castello Lopes, ficando à frente dos destinos da sala a partir de 1916. Mandou pendurar sobre o ferro forjado das varandas do primeiro andar dois letreiros: «Cinema « / «Condes». Em 1919, estrearam-se ali alguns clássicos, como o célebre «Charlot na Rua da Paz».

A firma Castello Lopes procedeu à demolição do Teatro da Rua dos Condes em 1951, encomendando ao arquitecto Raul Tojal projecto do novo edifício que viria a ocupar os antigos terrenos dos condes da Ericeira. Nos anos 50 pertenciam ainda estes solos aos herdeiros de Francisco de Almeida Grandella.

O actual Cinema Condes, inaugurado no dia 30 de Outubro de 1951, é o último representante de uma genealogia de salas cuja designação evoca nobre berço. Hoje, como em 1916, os filmes para ali canalizados continuam a ser escolha da distribuidora Castello Lopes.

Numa época em que quase todas as grandes salas foram encerradas ou estão agonizantes, o Condes matém um público relativamente fiel, continuando a registar sucessos de bilheteira. Sofreu, em Outubro de 1967, um incêndio que deixou a plateia calcinada. Rapidamente reestaurado, exibiu pela primeira vez —cerca de dois anos depois— a versão em 70 mm. de «E Tudo O Vento Levou». Uma hábil política de gestão aproveita o já raro «écran gigante» para publicitar melhores condições de projecção, a que o público tem correspondido. Assim tem sido, de há uma semana para cá, com as sessões de "Dick Tracy".

Marina Tavares Dias

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
4.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da segunda e última publicação do anúncio.
Execução de Setença, n.º 6350-A — 3.ª Secção.
Exequentes: Vector Viagens e Turismo, Lda., Executado: EUROJORNAL — Sociedade de Comunicação Social, SA., com sede na Rua de São Bernardo, n.º 15 - 1.º — 1200 LISBOA.
Lisboa, 22 de Maio de 1990

PI: *Escrivão de Direito,*
(assinatura ilegível)
O Juiz de Direito,
(assinatura ilegível)

(DL-20/9/90 — 2.ª Pub)

PRECISA-SE

Jovem c/26 anos deseja um au-pair em Portugal.
Resposta para INGA K. VI-FILSPÓTTIK
FAXABRAUT 2
230 KEFLAVIK
ISLÂNDIA

CANAL DA CRÍTICA

Estamos bem grelhados!

Uma rica época

Vem o livreiro e diz que em Portugal cada vez se lê menos.

Vêm as estatísticas e dizem que cada vez se vai menos ao cinema.

Vem a Florbela Queirós e pergunta: «Para que serve o Conservatório, se em Portugal cada vez há menos teatro?»

Vem o João Gobern e diz que em Portugal se compram menos discos.

Vêm as reportagens do futebol e vemos as bancadas vazias.

Vem o comerciante e diz que o negócio está uma desgraça.

Vem o Casqueiro e casca nos «políticos que nós ajudamos a pôr lá em cima» porque complicam a vida aos agricultores. Vende-se menos hortaliça, menos carne...

Que é que isto significa? Pergunta mais parva! Significa que estamos a viver uma época de desenvolvimento, progresso e bem-estar.

(Calma, leitor. Não sejas malcriado!)

Portugal dos Pequeninos

Telejornal é muito pluralista. Muito, graças a Deus. Essa virtude ninguém lhe nega.

Distribui alguns segundos pelo PS, PSR, UDP, MDP, PRD.

O Telejornal gosta muito de brincar ao Portugal dos Pequeninos.

Mas lá pluralista, isso é...

Afinal, como é?

Vasco Lourinho, no seu dialecto luso-castelhano, dá-nos notícias de Espanha.

Diz-nos que há 2 milhões e 300 mil desempregados — sem contar, é claro, com os que ainda não entraram no mercado de trabalho.

Diz-nos que em Espanha cada vez há mais pobres.

Diz-nos que se avizinham convulsões raciais.

Olha que coisa! E os países do Leste a pensar que a economia do mercado resolve tudo!

De boca aberta

Jaime Gama e Ângelo Correia conversam às boas sobre o Golfo. Estão de acordo aqui, estão de acordo acolá. Não se sabe é em que é que estão em desacordo.

Jaime Gama dá a sensação de falar de compasso e esquadro. É o burocrata perfeito do pragmatismo. Se o não interrompessem, falaria até ao dia do Juízo Final. E não seria mau. Talvez, entretanto, Jeová tivesse adormecido.

Ângelo é um extrovertido. Come uma câmara de televisão como se fosse um franguinho: com ossos e tudo. Gosta de se exibir. De ser admirado. Que digam: «Não se percebe nada do que diz. Meu Deus, como fala bem!»

Fala dos «*arquétipos* que vão influenciar...» E que pode provocar *aleatoriedade*... E não sei quê «os *factores exógenos*...»

Do Algarve ao Minho, o País de boca aberta. Ai que bem, que bem, que bem que este homem fala!

Isto é ele a falar...

Samuel Costa é correspondente da RTP em Paris. Dá-nos em geral conta das oficialices que acontecem por lá.

Ah, mas não pensem que não tem cabecinha, que não entra no jogo, que não sabe o que se passa.

Sabe, sim senhor. Sabe que «a partir de agora, nada parece impedir um conflito no Golfo».

Tremo. Se o Samuel o diz...

O ouro barato

Programa «Ouro Negro». Fala um responsável árabe. Não me lembro do nome dele. Que me desculpe. Fala das energias alternativas. Que há. E que acha bem que os países industriais invistam nisso.

— *Mas* — diz ele — *nunca o farão, enquanto o petróleo for barato...*

Desmintam-no, se puderem.

Florbela, sempre ela

Naquela reunião, Florbela Queirós era cabeça de cartaz. Estavam lá Francisco Nicholson, Magda Cardoso, Soutullo («a salada russa já vai ficando um pouco fora de moda...») e Hélder Costa, o empresário, «o único empresário a sério que há neste País», segundo Florbela.

Outras palavras de Florbela: «Na vida representa-se mais do que no teatro. Os que estão no Governo, então, representam lindamente».

Às vezes, vem à superfície o grãozinho de sal revisteiro: «Cá fora, as pessoas fazem pior do que no teatro. Só que a gente do teatro está numa montra, enquanto cá fora só quem sabe é o vizinho, o pai, a mãe, o marido. Bem, esse às vezes nem sabe...»

Diz-nos que o que ela gostava era de representar drama. Brrrr!, Florbela, já há por aí tanto...

Fazer rir, hoje em dia, é obra de misericórdia.

Por duas vezes, a actriz referiu-se a «um sujeito malcriado», quando falavam do teatro ABC. Tratava-se de Francisco de Sousa Tavares, mas nunca o mencionou.

Fez mal. O direito ao nome é sagrado.

Livros? Só de cheques!

Aquela manhã teve um naipe estupendo ao nível da qualidade telegénica. A naturalidade, a oralidade, o «valer a pena ouvir», a imagem não agressiva, a expressão não ofensiva. Assim estiveram Sérgio Godinho, Arnaldo Saraiva, David Ferreira — este a brincar com o seu nervoso como o gato brinca com o rato mas, ao contrário do que costuma acontecer, o jogo aqui resultou. O gato foi um bicho inteligente.

Tantas vezes entrevistado, Sérgio Godinho já pouco tem a dizer sobre si próprio. Mas as suas considerações sobre o trabalho para as crianças, merecem ser ponderadas.

Quanto a Arnaldo Saraiva, possui o raro condão de transformar a erudição em cultura. Ensina e não chateia. É isto o que a Televisão exige.

Não esqueçamos o seu lamento (o seu protesto, se quiserem) ao facto de não haver na RTP um programa literário digno desse nome.

Por mim, já me cansei de falar do assunto. Pois se até o programinho da Isabel Baía foi ao ar...

Aliás, os responsáveis da RTP têm razão. Livros? Só de cheques. É o que está a dar.

Herman José: mau negócio

Prescindirei do material acumulado durante toda a semana para não deixar passar em vão o primeiro dia da nova grelha. Impressões rápidas que irei rectificando, assim Deus e a RTP me ajudem.

Repare-se que, em termos de produção de ficção portuguesa, apenas nos deram uma repetição: *Gente Fina é Outra Coisa*. Inaugurar a grelha com uma repetição! O que não lembraria ao diabo, lembrou à RTP. Parabéns!

Produção nacional, de facto, parece haver bastante. Vai-se a ver, é tudo conversa. O processo é o processo dos pobres: Chapa ganha, chapa gasta. Desde o *Ponto de Encontro* (que vem substituir o *Às Dez*) até ao *Eterno Feminino*, passando pelo *Ponto por Ponto*, a coisa igual. Alguém pergunta, alguém responde. Os da casa perguntam, os convidados respondem. E como são muito educadinhos, respondem compenetrados, satisfeitíssimos de estarem ali.

Claro que foi bom voltar a ver Simone de Oliveira, apresentadora do programa da manhã. Claro que ser actriz, ajuda. Ser inteligente, nem se fala. Cantou, além de tudo o resto, uma canção numa voz doce e envolvente. Tudo lhe sairá melhor quando não se esforçar tanto. Olhe, Simone, quanto mais a sua canção se aproximar da fala, melhor será.

Mistério do ilusionismo. Como é que as cartas do manipulador pareciam todas pretas?

A novidade do *Jornal da Tarde* foi a presença da Dina Aguiar que veio do Telejornal. *Jornal da Tarde* deve ter pago um balúrdio pela transferência!

Quanto ao *Eterno Feminino* fora criada alguma espectativa à sua volta.

A expressão deve-se a Goethe quando escreve no *Fausto*: «É o eterno feminino que nos arrasta para cima»: Desde então, na boca dos vates menores e de menores machistas, a expressão veio a descer, marquesa — até cair no pueril, no encanto físico, na aparência perfumada, na frivolidade.

O inquérito conduzido por Cristina Arvelos era bom prenúncio. Todas, ou quase todas as pessoas (do masculino ou do feminino) achavam que homens e mulheres eram iguais, com algumas discriminações de ordem sexual ou cultural.

Com a presença de Simoneta Afonso, conservadora do Palácio de Queluz, e de Florbela (não se percebeu o apelido e não houve legenda...) controladora aérea, parece que íamos no sentido apontado pelo inquérito. Mas não tardaram as modas de penteador («aprojecção frontal é um dos pontos de honra da moda...») lá veio a decoração floral, lá vieram os horóscopos e os astrólogos!

Eterno Feminino é, no fundo, «a página feminina» da RTP. E dói-me tanto a memória dos velhos programas femininos da televisão...

Teresa Guilherme, a apresentadora, não tem prática daquilo. Refugia-se na sucessão seca de perguntas-respostas. Processo pouco televisual, ainda que justificado na Imprensa. Em Televisão falha sempre que não se transformar a audiência em conveniência.

O pior estaria para vir com o programa de Herman José. Sabia-se que era concurso, mas estamos sempre à espera que ele dê a volta. Não deu.

Havia, antes, um concurso completamente vazio, baseado nas cartas. Temos agora a *Roda da Sorte*, com a arte da roleta. Então agora a Televisão dedica-se aos jogos de azar? Qualquer dia temos o Casino do Estoril a emitir bacará em UHF.

A presença de Herman foi uma dor de alma. Começa, porque ele não vê o perigo de saturação que a TV exagerada provoca. Depois, porque o espartilho rigoroso do horário não lhe consente campo de humor. Finalmente, o programa é apenas um pouco menos burro do que *Jogo de Cartas*. Nem se mostrou aliciante ao nível dos prémios.

Uma miséria. É certo que também permite um automóvel. Assim: o concorrente pode dizer 5 letras e adivinhar depois uma frase com 18...

Mas, ó Herman! Que tristeza, homem. Andavas ali como que envergonhado. E tinhas razão para isso. Foi mau negócio. Antigamente, os telespectadores ansiavam por que viesses. Passam agora a ansiar por que te vás. O que é que te pagam? O nome. Não tens vergonha?

Mário Castrim

CRÓNICA DE TOUROS

Não houve Gregório

Praça de Touros das Caldas da Rainha. Quarta-feira, 15 de Agosto de 1990. Touros de Rui Gonçalves e de Manuel e Carlos Veiga para Rui Salvador. Luís Rouxinol, forcados amadores de Alcochete (cabo António Manuel Cardoso), Eduardo Oliveira e Enrique Garza.

Muitos anos passaram, melhor não contá-los, sobre aquela data histórica do Campo Pequeno, 20 de Junho de 1943. Às cinco da tarde, oito touros Palhas para Simão da Veiga, João Núncio, os forcados alcochetanos de Artur Garrett, Luis Gomez «El Estudiante»... e Gregório Garcia, um novilheiro mexicano, de San Luis de Potosi, que se apresentava em Lisboa, e de que ninguém ouvira falar. Foi nessa tarde inesquecível que Gregório passou da condição de anónimo, metido a fazer de contrapeso num cartaz de luxo, à de dono e senhor da praça, sacudindo as bancadas, provocando um terramoto que iria estremecer o Portugal taurino, como nenhum antes dele, nem depois dele. Gregório não impressionou pela arte, nem pela técnica, nem pelo sabor. Mas desprendia-se dele um não sei quê, um sortilégio, mistura explosiva de destemor, arrogância e simpatia, que desde os primeiros instantes em que se abriu de capa prenderam as gentes, não mais as largaram. Estou a vê-lo, citando em bandarilhas, descarando-se, com um sacudir arrebatado da cabeça deitar fora a montera. Era como se cada gesto de Gregório contivesse uma pólvora misteriosa que explodia em entusiasmo, acabou em delírio, Gregório Garcia pôs Portugal a falar de um toureiro, nome que toda a gente sabia quem era, bastava dizer Gregório, era com certeza ele, esse mexicano, essa força da natureza, esse tipo inesquecível.

Vem isto a propósito porque quando vejo anunciado num cartaz o nome de algum mexicano desconhecido, como era o caso de Enrique Garza nesta corrida das Caldas, lembro-me do Gregório com uma secreta esperança, quem sabe se irá repetir-se o fenómeno, bem preciso era na paz podre das nossas arenas. Mas Gregório não há maneira de voltar, não voltou na pele deste Garza. Aplausos ouviu sim, e música que às tantas ele próprio pediu, e voltas à arena deu, por fim beijou um punhado da terra das Caldas, agradecido pelos aplausos da gente que afinal o vai esquecer. Umas verónicas asseadas no sétimo, a que Oliveira respondeu com gaoneras, e o mexicano outra vez, por orticinas sem grande ajuste, mas foi ao menos uma amostra dessa coisa quase esquecida que é o tercio de quites; um bandarilhar fácil, com mérito num par de dentro para fora, reunindo com verdade; e nas faenas um ou outro muletazo correndo a mão, remates de joelho em terra, umas gotas de água no oceano de uma desejosa vulgaridade.

De vulgaridades não passou Eduardo Oliveira, com um lote que não dava para floreados, mas permitiu outra entrega, um ar menos deslavado, menos conformado com esse destino triste de acabar matador de touros condenado a Portugal, onde matador se não pode ser, só fingir. Quem não fingiu com as bandarilhas foi o jovem peão Bartissol, dois quarteios cravou, com a fácil segurança que nele se faz costume.

E da parte dita à portuguesa, cumpriram os pegadores de Alcochete; esteve Rui Salvador regular no primeiro, desigual nos compridos e decidido nos curtos, com o senão das reuniões quase sempre à garupa; logrou Luís Rouxinol alguns ferros meritórios no segundo, rematou com um bom par a duas mãos a lide que alguns toques desluziram; e no toureio a duo estiveram os dois cavaleiros em plano galopante, o carácter mansote do touro não o salvou de ser transformado num autêntico paliteiro, onde ainda coube o ferro com que Rouxinol fechou a movimentada cena.

Mais um 15 de Agosto nas Caldas. Não encheu de todo a praça, mas bem boa foi a entrada, coisa para não deixar a tinir o empresário, esse velho Alfredo Ovelha a quem os anos não converteram à norma reinante do exclusivo dos cavaleiros, no seu coração guarda lugar para o toureio apeado, ainda que modesto seja: que esse mérito guarde, apesar da penitência devida, pois entre os touros que foi buscar, ou alguém por ele, para além do jogo vário que deram ficou em dois deles a nota do despropósito. O primeiro da tarde, de Rui Gonçalves, que aliás cumpriu, tinha uma cornamenta descaradamente defeituosa, um corno atirava para cima e o outro para baixo; e o terceiro, dos Veigas, desse não se pode dizer cornamenta defeituosa, pela simples razão que quase não a tinha, era um contra-sentido ver Oliveira tentando compor a figura, acabou por não haver faena, nem podia haver, diante de um animal com duas bananas mal crescidas, desprovido desse elemento básico que são os chavelhos. Já basta que em Portugal eles nos sejam servidos embolados ou serrados, não cheguemos ao apuro de que não existam.

Solilóquio

DESPORTO

BREVES

Ciclismo: Volta a Rioja

Fernando Mota, em 24.º lugar, com o mesmo tempo do vencedor, o holandês Dick Dekker, foi o ciclista português melhor classificado na etapa de ontem, a segunda, da Volta a Rioja, em Espanha.

Dick Dekker percorreu os 167,8 km da etapa, entre La Calzada e Ezcaray, no tempo de 4.23.09 horas.

A classificação geral é também liderada por Dick Dekker, sendo o mesmo Luís Mota, em 34.º lugar, o português melhor posicionado, com o mesmo tempo do camisola amarela.

Xadrez: Campeonato nacional

O mestre internacional António Fernandes, do Boavista, venceu Fernando Ribeiro, do G. X. da Guarda, e continua no comando da classificação do nacional de xadrez, que ontem teve a sua quinta jornada.

A prova, que está a decorrer nas instalações da «Juventude da Galiza», em Lisboa, vai assim na sua quinta jornada, que registou também o quinto triunfo consecutivo de António Fernandes, actual campeão nacional em título.

O líder tem agora um ponto de vantagem sobre os segundos classificados, ao beneficiar do empate entre Rui Almeida (Boavista) e António Frois (Benfica).

Cova da Piedade: «24 Horas a Nadar»

No próximo fim-de-semana, realiza-se na Piscina «25 de Abril» na Cova da Piedade, das 16 horas de sábado às 16 horas de domingo, a já clássica prova denominada «24 Horas a Nadar — SFUAP/90», que este ano se efectua pela 13.ª vez, numa excelente e feliz iniciativa da Centenária Sociedade Filarmónica União Artística Piedense.

Esta prova é uma autêntica maratona de natação, que conta com a participação de mais de mil inscrições, vindas de várias partes do País, de atletas federados e não-federados, veteranos, simples associados e até de bombeiros voluntários e espontâneos, elementos da população, que se não privam de também prestar a sua colaboração a uma realização que já criou raízes na massa anónima das gentes da margem Sul do Tejo.

Durante o certame, a decorrer na piscina estão patentes várias exposições, entre elas 800 anos do Foral de D. Sancho I a Almada, e outra sobre navios em metal e ainda outra sobre pintura e desenho.

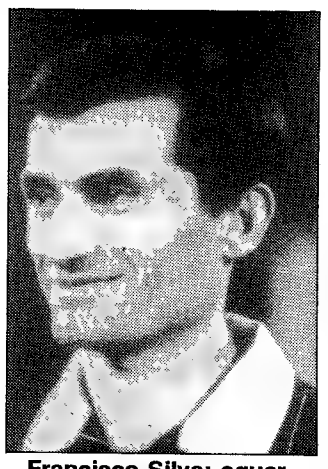
Hipismo: Sintra tem novo campeão

Após uma brilhante e renhida luta, Nuno Caldeira sucede a Francisco Geraldes sagrando-se o novo campeão de Sintra, montando «Timor», em prova disputada na Quinta da Penha Longa em Sintra, onde decorreu o XXVIII Concurso de Saltos Nacional Especial de Sintra, uma iniciativa da Câmara Municipal de Sintra, com o apoio da Hippismus.

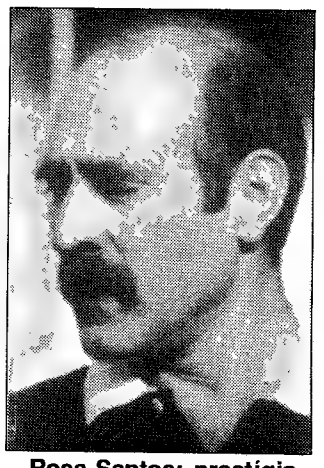
Nesta prova, classificou-se em segundo lugar Francisco Caldeira, montando «Hayuca», logo seguido de Francisco Geraldes.

Francisco Silva vai ter que explicar a aceitação de determinado convite. Rosa Santos continua a merecer a confiança da UEFA, Veiga Trigo «apertado» no Restelo, Sebastião Pássaro com homenagem marcada

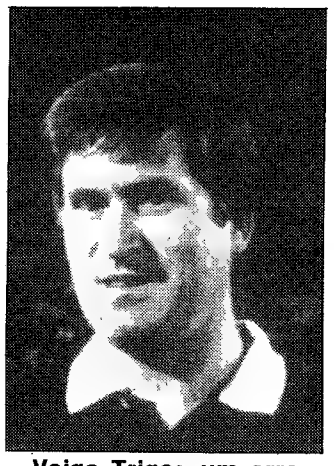
Casos e figuras da arbitragem



Francisco Silva: aguarda-se a sua defesa



Rosa Santos: prestígio sobe em flecha



Veiga Trigo: um erro não justifica tanta ira

Francisco Silva está a ser alvo de um processo de averiguações instaurado pelo Conselho de Arbitragem da Federação Portuguesa de Futebol na sequência de notícias relacionadas com a sua projectada viagem Portimão-Guarda, com escala por Cacia, para dirigir, naquela cidade serrana, o encontro Feirense-União da Madeira, a contar para a «liguilla» de apuramento do 20.º classificado da I Divisão. Não estranhamos a decisão do CA da FPF no que toca a aquilatar das razões que terão sensibilizado o árbitro algarvio para fazer tal desvio geográfico — que não se verificou por motivos pouco esclarecidos — o que nos surpreende é que, sendo o inspirador do convite um dirigente do Conselho de Arbitragem (César Carvalheira), não tenha o dr. Lourenço Pinto (presidente do órgão arbitral) arrolado aquele seu companheiro no processo que dizem estar em curso. Trata-se de um caso que levantou forte suspeição e muito por isso, mas também existem antecedentes nebulosos, importa felicitar o dr. Lourenço Pinto pela decisão tomada. Ficamos à espera que o resultado das averiguações seja tronado público já que a causa da arbitragem terá que fincar a sua actuação em preceitos claros.

•

O árbitro bejense Rosa Santos é, inquestionavelmente, o português mais credenciaqdo junto do Conselho de Arbitragem da UEFA e só por isso não se estranha a sua nomeação para dirigir o confronto Milão-Sampdoria,, a contar para a Supertaça Europeia. Trata-se de uma nomeação que evidencia a elevada craveira de Rosa Santos a nível internacional e, sabendo-se que será acompanhado por Pinto Correia e Fortunato Azevedo (dois árbitros que, igualmente, ostentam as insígnias da FIFA), ninguém ousará duvidar de que aquele encontro terá coordenação fincada na competência, insenção, rigor, sobriedade e idoneidade.

•

Sebastião Pássaro foi árbitro de proa e é dirigente de singular competência e dedicação. Os seus serviços prestados à causa da arbitragem têm sido relevantes e por isso no seu painel das «gratas recordações» terá em lugar de destaque a «Medalha de Mérito ao Ouro» com que recentemente foi agraciado. Por tudo quanto tem feito a favor da valorização da arbitragem e da dignificação da classe, o Conselho de Arbitragem da Associação de Futebol de Setúbal e o Núcleo dos Árbitros do Barreiro vão, no próximo dia 5 de Outubro, prestar-lhe a homenagem que todos os agentes do futebol avalizam.

•

No passado domingo, houve mosquitos por cordas no Estádio do Restelo, com Veiga Trigo a ser retirado das instalações do Belenenses sob escolta policial para escapar à fúria de alguns adeptos do clube de Acácio Rosa. A ira das gentes azuis, advinha da mostragem, da cartolina vermelha a Henri Depireux e a Gonçalves. Quanto à expulsão do futebolista, Veiga Trigo terá cometido erro de percepção castigando a vítima e deixando impune o agressor (João Pinto). Quanto ao treinador, cremos que a decisão do árbitro internacional vindo de Beja, terá obedecido ao que se encontra consubstanciado nas leis de jogo e o facto do sr. Depireux alegar de que nem sabe falar português não colhe em seu abono, porque sabemos que existem ofensas feitas no idioma francês e Depireux ter-se-á esquecido de que os árbitros portugueses não são tão analfabetos como ele pensará.

O técnico belga deverá moderar os gestos e a linguagem por forma a evitar o «acirrar» dos ânimos na bancada com as consequências que daí se adivinham. Ao treinador cabem outras responsabilidades para além de orientar a equipa no seu aspecto táctico e estratégico. O treinador deve ser um educador, um pedagogo. Fica o «recado».

Alves Henriques

ASSIM VAI O totobola

Penalti: 111 2X2 1X1 1111; O Algarve: 111 211 X11 XX1X; Jornal da Beira: 111 X11 111 111X; O Comércio de Leixões: 111 211 1X1 1112; De Tudo Um Pouco: 111 X11 111 X11X; Correio de Coimbra: 111 XX1 1X1 11X2; Correio do Vouga: 111 X11 XX1 111X; A Defesa: 111 XX1 111 XX12; Defesa de Espinho: 111 X11 111 X11X; Diário de Coimbra: 111 X11 XX1 X1XX; Diário de Lisboa: 111 X11 1X1 1X12; Diário de Viseu: 111 2X1 1X1 1111; Folha do Domingo: 111 21X 1X1 X111; Ecos de Cacia: 111 X11 1X1 111X; Eu Sei Tudo: 111 111 X11 X2X2; O Jornal de Felgueiras: 111 X11 1X1 1111; Jornal de Gaia: 111 XX1 XX1 2XX2; Gazeta das Caldas: 111 X11 111 XX11; O Almonda: 111 2X1 1X1 11XX; Rádio Guarda: 11X 11X X11 2X22; Rádio Totobola: 111 211 1X1 111X: Litoral: 111 211 1X1 X112; Maria da Fonte: 111 211 111 111X; No Estúdio e No Estádio: 111 X1X XX1 11X1; Notícias do Douro: 111 X2X 2XX 11X2; Notícias de Felgueiras: 111 X11 1X1 1111; Notícias de Gouveia: 1XX 212 1X1 1212; Jornal 1X2: 111 X11 111 1112; Notícias de Viseu: 111 X11 X11 1111; Quadrante Norte: 111 X11 111 X111; Semanário da Região Bairradina: 111 X11 1X1 X12X; Varanda Matinal: 111 22X 121 212X; Bom Dia: 111 211 1X1 X12X; Notícias de Guimarães: 111 211 1X1 211X; Resenha Desportiva: 111 2X1 1X1 111X; Panorama: 111 211 112 X11X; RR/Desporto: 111 111 1X1 1111; Bola Branca: 111 X11 1X1 11XX; Frente Desportiva: 111 X11 121 11X2; Placard Desportivo: 111 X11 X1X 11X1; Alvo Desportivo: X11 X11 XX1 11X2; Rádio Alvo: 111 211 111 111X; Alvo: 111 111 211 111X; Alvo Suplemento: 111 211 121 X11X; Jornal de Santo Tirso: 111 X1X 111 2111; A Voz do Domingo: 111 XX1 111 111X; Voz de Lamego: 111 2X1 111 X112; Desporto/Rádio Guarda: 11X 11X 2X1 X1XX; Contacto: 111 X1X X21 2122; Meia Tarde: 11X 111 211 1X11; Encontro Com a Manhã: 11X 1X2 11X 1212; Freguesias do Nosso Distrito: X1X 11X X11 2XX2; Primeiro Continente: 111 21X X21 X111; Tarde Desportiva: 111 2X1 111 11XX; Livre e Directo: 111 11X 11X XX11; Crónica Desportiva: 111 2XX XX1 XX11; Música e Desporto: 111 X11 2X1 1X11; Um Caso Por Semana: 111 XX1 XX1 1X11; Foi Notícia: 111 X21 X22 X21X; Desporto e Música/Rádio Covilhã: 111 221 1XX 1X12; Cultura e Recreio: 11X XX1 1X2 12XX; De Tudo Um Pouco: 111 2XX 111 X22X; O Jornal de Amarante: 111 X11 X11 X111; Jornal da Graça: 11X XX1 1X1 11X2; A Voz dos Ridículos: 111 111 111 111X; Jornal de Notícias: 111 X1X 111 X11X.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 38/90 DE 23 DE SETEMBRO

	RESUMO 1	X	2	BOLAS (a) 1	X	2
1. Sporting-Belenenses	64	2	0	11	1	1
2. Porto-E. Amadora	65	1	0	11	1	1
3. Benfica-Boavista	58	8	0	11	1	1
4. G. Vicente-Guimarães	10	33	23	2	6	4
5. Beira Mar-Penafiel	46	16	4	8	3	1
6. Marítimo-Salgueiros	49	14	3	9	2	1
7. Chaves-Nacional	44	17	5	8	3	1
8. Braga-Setúbal	28	32	6	5	6	1
9. Farense-Famalicão	58	5	3	10	1	1
10. Torreense-Estoril	36	23	7	7	4	1
11. Espinho-P. Ferreira	47	13	6	9	2	1
12. U. Leiria-B.C. Branco	44	16	6	8	5	1
13. Freamunde-Louletano	19	28	19	3	6	3

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
111 X11 1X1 111X

AUTOMÓVEL

Febre do Grande Prémio já tomou conta do Estoril

Se o Estoril já vive a agitação provocada pelo Grande Prémio, com hotéis repletos e uma avalanche de visitantes, a verdadeira febre começa amanhã, logo às oito horas, com as pré-qualificações de Fórmula 1, para determinar quem fica de fora, uma vez que apenas são admitidos à partida 26 carros. Uma hora na pista anulará as expectativas de alguns.

AUTO XXI
CONCESSIONÁRIO
SUZUKI

Seguem-se treinos livres e treinos cronometrados e às 14 horas os pilotos de Fórmula 1 deixam a pista livre para os primeiros treinos cronometrados da Fórmula GM Lotus Euroseries, onde se destacam os portugueses Pedro Lamy e Diogo Castro Santos, e para o Troféu AX e Fórmula Ford, provas que complementam o programa do Grande Prémio de Portugal.

No sábado realiza-se nova sessão de treinos livres e cronometrados de de Fórmula 1 e os últimos treinos cronometrados de Fórmula GM Lotus e do Troféu Citroen AX. O programa termina com a corrida de Fórmula Ford, disputada em 12 voltas, na qual participam, os melhores pilotos portugueses e espanhóis desta fórmula de promoção.

O programa de domingo inicia-se com um «warm up» de Fórmula 1, seguindo-se as corridas do Troféu Citroen AX e Fórmula GM Lotus. Às 14.30 será dada a partida para o Grande Prémio de Portugal, disputado num total de 71 voltas.

Este será o décimo Grande Prémio de Portugal e sétimo de Fórmula 1. Para trás fica toda uma história que começa em 1958, no velho circuito da Boavista, no Porto, uma pista em que os carros atravessavam os pisos mais adversos incluindo carris de eléctricos.

Mas, apesar de tudo isso, já nessa época recuada se andava depressa e não podemos esconder a nossa admiração quando pensamos que Stirling Moss, o vencedor do primeiro Grande Prémio de Portugal, ali realizou, num Vanwel, a média de 169,028 km/h.

No ano seguinte, o mesmo Stirling Moss, num Cooper Climax, foi de novo o vencedor, à média de 153,853 km/h.

Em 1960 o Grande Prémio de Portugal disputou-se em Monsanto, num traçado ainda existente e que, apesar de perigoso, entusiasmava os pilotos da época.

Por estes dois circuitos passaram os nomes mais prestigiosos de uma geração de pilotos que marca uma época de ouro da história do automobilismo.

AUTO XXI
CONCESSIONÁRIO
SUZUKI

A partir desta data, Portugal perdeu o seu Grande Prémio e as corridas de automóveis entraram em declínio, ficando limitadas a provas domésticas, sempre motivadoras do público, mas sem expressão internacional.

A construção do Autódromo do Estoril, por iniciativa da Autodril, trouxe novo impulso ao automobilismo mas foram precisos muitos anos e um trabalho persistente do actual presidente do Automóvel Clube de Portugal, Alfredo César Torres, para se conseguir trazer a Fórmula 1 para Portugal.

A nova era começou em 1984, com o francês Alain Prost a vencer, num McLaren MP4/ TAG Porsche. A primeira organização foi um certo risco e envolvia responsabilidades enormes. Mas tudo correu bem. Se o nosso desporto automóvel era atrasado e carecido de meios, os dirigentes e organizadores portugueses mostraram-se sempre competentes e actualizados e a sua contribuição foi valiosa. O tempo, e as muitas corridas que de então para cá se realizaram, proporcionaram-lhes a rodagem necessária.

Ao longo destes anos, um conjunto de circunstâncias tem contribuído para que os Grandes Prémios de Portugal se tenham saldado, de um modo geral, por grandes espectáculos no plano desportivo. Este ano não foge à regra. A prova portuguesa está hoje solidamente implantada no calendário internacional e só factores anormais a poderão desalojar. Por isso se justifica, a curto prazo, uma profunda reflexão sobre estas questões para que não voltem a repetir-se os factos que esta época iam comprometendo tudo.

Alain Prost é até agora o maior ganhador em Portugal, com vitórias em 1984, 1987 e 1988. Ayrton Senna tem igualmente a sua carreira intimamente ligada ao Estoril. Foi aqui verdadeiramente que ela começou, ao vencer o seu primeiro Grande Prémio, em1985, num Lotus 97T/ Renault, embora a pista portuguesa também já lhe tenha proporcionado alguns dissabores, como o inexplicável abalroamento a Nigel Mansell no ano passado.

AUTO XXI
CONCESSIONÁRIO
SUZUKI

Mansell, em Williams/Honda(1986) e Gerhard Berger, em Ferrari (1989), foram os restantes vencedores. A este último pertence o recorde da volta mais rápida, estabelecido também no ano passado, à média de 198,263 km/h.

Augusto Vilela

O essencial sobre a Fórmula 1

Um Fórmula 1 é definido nos regulamentos como um monoposto assente em quatro rodas não alinhadas, das quais duas, pelo menos, asseguram a direcção e apenas as outras duas a propulsão. As rodas devem ser exteriores à carroceria. A largura não deverá ultrapassar os 2,15 m. Com excepção do arco de segurança (roll-bar) nenhuma parte do carro poderá ser superior a 100 cm contados a partir do solo.

Apenas podem ser utilizados motores normalmente aspirados com 3500 cc. São interditos os pistões ovais e o número máximo de cilindros permitido é 12. Os motores são obrigatoriamente de pistões alternativos a quatro tempos, sendo interditos os do tipo Wankel, Diesel, dois tempos ou turbinas.

Os carros deverão ter como peso mínimo 505 kg, podendo ser fixado lastro mas de tal forma que o mesmo só possa ser retirado ou desmontado com ferramentas.

A quantidade total de carburante a bordo do carro é livre. O armazenamento a bordo da viatura deve ser realizado a uma temperatura ambiente.

O reservatório deverá ser do tipo «lâminas de borracha» de acordo com as especificações da FIUSA e proveniente de um construtor recomendado.

Todos os reservatórios de carburante devem estar colocados no interior da estrutura principal do carro e o combustível não deverá estar colocado a mais de 40 cm do eixo longitudinal do carro.

O único carburante autorizado tem um índice de 102 octanas RON com um máximo de 1 por cento de azoto e 2 por cento de oxigénio. O resto será composto exclusivamente por hidrocarbonetos sem álcool, sem qualquer outro aditivo que possa aumentar a potência. O reabastecimento é interdito.

Para o arranque poderá ser utilizado um dispositivo adicional, ligado temporariamente ao carro, para colocar o motor em funcionamento na grelha de partida e nas boxes.

A abertura na carroceria que dá acesso ao habitáculo deve ter como medidas mínimas 60 cm de comprimento e 45 cm de largura. O habitáculo deve ser concebido de modo a que o tempo necessário para a saída do piloto não ultrapasse cinco segundos.

Todos os carros devem estar equipados com dois rectrovisores e o piloto deverá estar protegido por um cinto de segurança, com seis pontos de fixação.

O carro deverá estar equipado com dois extintores: um para o habitáculo com a capacidade de 5 kg e outro para o motor com 2,5 kg, com tempos de descarga de 30 e 10 segundos respectivamente.

Ambos os extintores deverão funcionar em simultâneo através de um dispositivo acessível ao piloto e também do exterior.

Um sistema de «ar medicinal» composto pela respectiva botija e por um tubo resistente ao fogo que a liga ao capacete, deverão fazer parte do sistema de sobrevivência.

Um corta-circuitos deverá ser colocado ao alcance do piloto, bem como idêntico sistema no exterior a ser accionado pelas equipas de socorro e devidamente identificado.

Os regulamentos especificam ainda um mais vasto conjunto de normas relativas ao «cockpit», no sentido de que este funcione como uma célula de sobrevivência.

A distância da corrida terá que ser superior a 300 km e inferior a 320 km, compreendendo a volta de formação. Caso a duração ultrapasse duas horas, a bandeira xadrez assinalará o final da corrida quando estiveram decorridas exactamente duas horas.

O número de resultados que contam para a atribuição do título mundial de pilotos será igual a metade do número de Grandes Prémios realmente efectuados mais três arredondados ao número inteiro superior mais próximo. Para o título de construtores contam todos os resultados obtidos pelo máximo de dois carros por marca.

Para a partida os carros deixam as boxes logo que a pista seja aberta, 30 minutos antes da hora designada para a partida. Os pilotos podem percorrer diversas voltas antes de parar na pré-grelha de partida desde que passem na zona de boxes.

É permitido o reabastecimento até ao limite de 12 litros bem como a mudança de pneus até ao limite de cinco minutos para a hora da partida, que é assinalada com painéis e sinais sonoros nos cinco minutos, três minutos e 30 segundos anteriores. A partir do momento em que o painel os cinco minutos é exposto o acesso à grelha de partida é fechado. Um carro que não tenha ainda ocupado o seu lugar deverá partir do final da grelha de partida ou dos boxes.

Um Apoio TABAQUEIRA

I Série N.º 218
Dia 20 de Setembro

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Presidência do Conselho de Ministros

Declaração:
De ter sido rectificada a Portaria n.º 822/90, do Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação, que estabelece limites de teores máximos de anidrido sulfuroso total em vinhos, com início em 1 de Setembro de 1990, publicada no *Diário da República*, 1.ª série, n.º 211, de 12 de Setembro de 1990.

Ministério das Finanças

Decreto-Lei n.º 288/90:
Possibilita a conferência das declarações de importação por amostragem.

Decreto-Lei n.º 289/90:
Altera o Decreto-Lei n.º 404/82, de 24 de Setembro (pensões de preço de sangue).

Portaria n.º 865/90:
Adopta o ágio e o câmbio médio, que tenham por base o ouro ou moeda estrangeira, para a liquidação de contribuições, impostos e taxas.

Ministério da Justiça

Decreto-Lei n.º 290/90:
Estabelece o regime jurídico da circulação de gado, carne e produtos cárneos no continente.

Ministério da Indústria e Energia

Decreto-Lei n.º 291/90:
Estabelece o regime de controlo metrológico de métodos e instrumentos de medição.

Despacho Normativo n.º 107/90:
Estabelece as condições de acesso das empresas promotoras dos projectos de reestruturação do sector da fundição de ferrosos e de fundição de não ferrosos.

Ministério da Educação

Portaria n.º 872/90:
Reconhece os efeitos correspondentes aos titulares do grau de licenciatura do ensino público aos diplomas de conclusão do curso de Direito ministrado pela Universidade Internacional.

Portaria n.º 873/90:
Autoriza o início de funcionamento do curso superior de Informática, reconhecido pela Portaria n.º 990/89, de 16 de Novembro, nas instalações do Instituto Superior de Tecnologias Avançadas — ISTEC, no Porto, para o ano lectivo de 1990-1991.

Portaria n.º 874/90:
Aprova as regras a adoptar no cálculo da classificação final das licenciaturas em ensino resultantes da conjugação do bacharelato em Ensino Primário com um curso de formação complementar.

Ministérios da Educação e da Saúde

Portaria n.º 875/90:
Altera o plano de estudos do curso do bacharelato em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de Bragança.

Portaria n.º 876/90:
Altera o plano de estudos do curso de bacharelato em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de Calouste Gulbenkian.

Portaria n.º 877/90:
Altera o plano de estudos do curso de bacharelato em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de Faro.

Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 172 757 contos.

Ministério da Saúde

Portaria n.º 878/90:
Inclui na tabela de preços dos serviços prestados pelo Instituto de Genética Médica Doutor Jacinto de Magalhães, aprovada pela Portaria n.º 464/90, de 20 de Junho, a análise tripsina imuno-reactiva.

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 3304 contos.

Ministério do Ambiente e Recursos Naturais

Portaria n.º 879/90:
Estabelece disposições legais sobre a poluição sonora emitida por diversas actividades.

N.º 209
Dia 10 de Setembro

2.º SUPLEMENTO

Ministério da Educação

Despacho Normativo n.º 101-A/90:
Determina que os concursos de professores dos ensinos preparatório e secundário para preenchimento dos horários ainda disponíveis se realizem de acordo com o âmbito geográfico definido para as coordenações de área educativa das direcções regionais de Educação, nos termos do n.º 2 do artigo 29.º do Decreto-Lei n.º 361/89, de 18 de Outubro.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território: Períodos de céu muito nublado. Possibilidade de aguaceiros e trovoadas, em especial durante a tarde e nas regiões do interior Norte e Centro. Vento fraco. Neblinas e nevoeiros matinais.

Mar encrespado com ondulação noroeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e encrespado com ondulação sudoeste inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã

Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco ou moderado do quadrante Oeste. Neblinas ou nevoeiros matinais.

Depois de amanhã

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco do quadrante Oeste. Neblinas ou nevoeiros matinais.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco. Possibilidade de aguaceiros. Mar encrespado com ondulação noroeste de 1 a 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal

Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco. Aguaceiros pouco frequentes.

Amanhã

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de Sul. Possibilidade de aguaceiros.

Depois de amanhã

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de Sul. Possibilidade de aguaceiros.

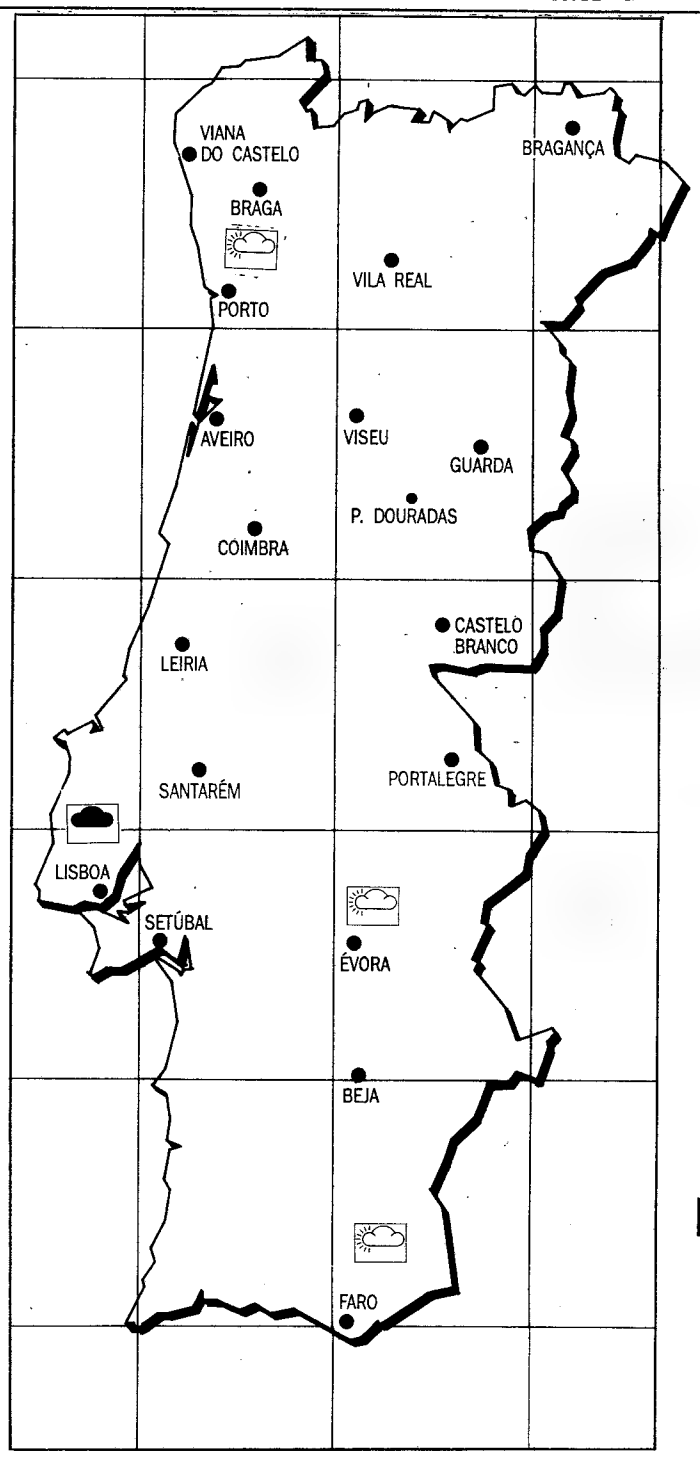
AÇORES

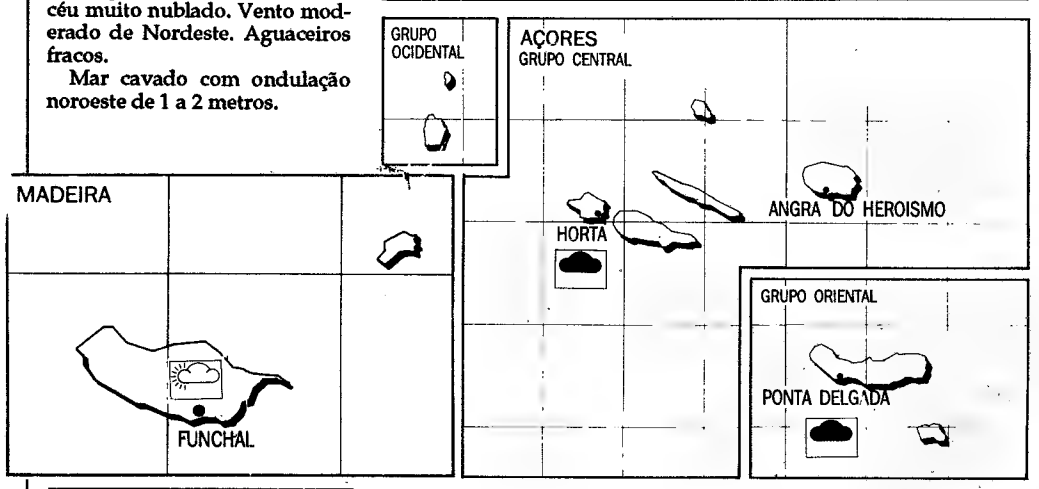
Grupo Ocidental: Períodos de céu muito nublado. Vento fraco.

Grupo Central: Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado de Nordeste.

Grupo Oriental: Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Nordeste. Aguaceiros fracos.

Mar cavado com ondulação noroeste de 1 a 2 metros.





Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
04.34	3,8m	10.07	0,6m
16.51	3,9m	22.27	0,7m

Amanhã

05.07	3,7m	10.38	0,7m
17.24	3,7m	22.56	0,8m

PORTUGAL

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Bragança	13	13	P. nub.
V. Castelo	16	16	M. nub.
Vila Real	12	12	P. nub.
Porto	18	18	Neblina
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	18	18	Neblina
C. Carvoeiro	17	17	Limpo
C. Branco	16	16	Nevoeiro
Portalegre	15	16	Neblina
Lisboa	18	18	Neblina
Évora	16	18	Neblina
Beja	15	16	Neblina
Sines	-	-	-
Faro	17	17	Neblina
Sagres	17	17	Limpo
P. Delgada	16	17	M. nub.
Horta	20	20	M. nub.
Funchal	19	19	Limpo

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 27; Porto, 28; Faro, 25; P. Delgada, 24; Funchal, 25.

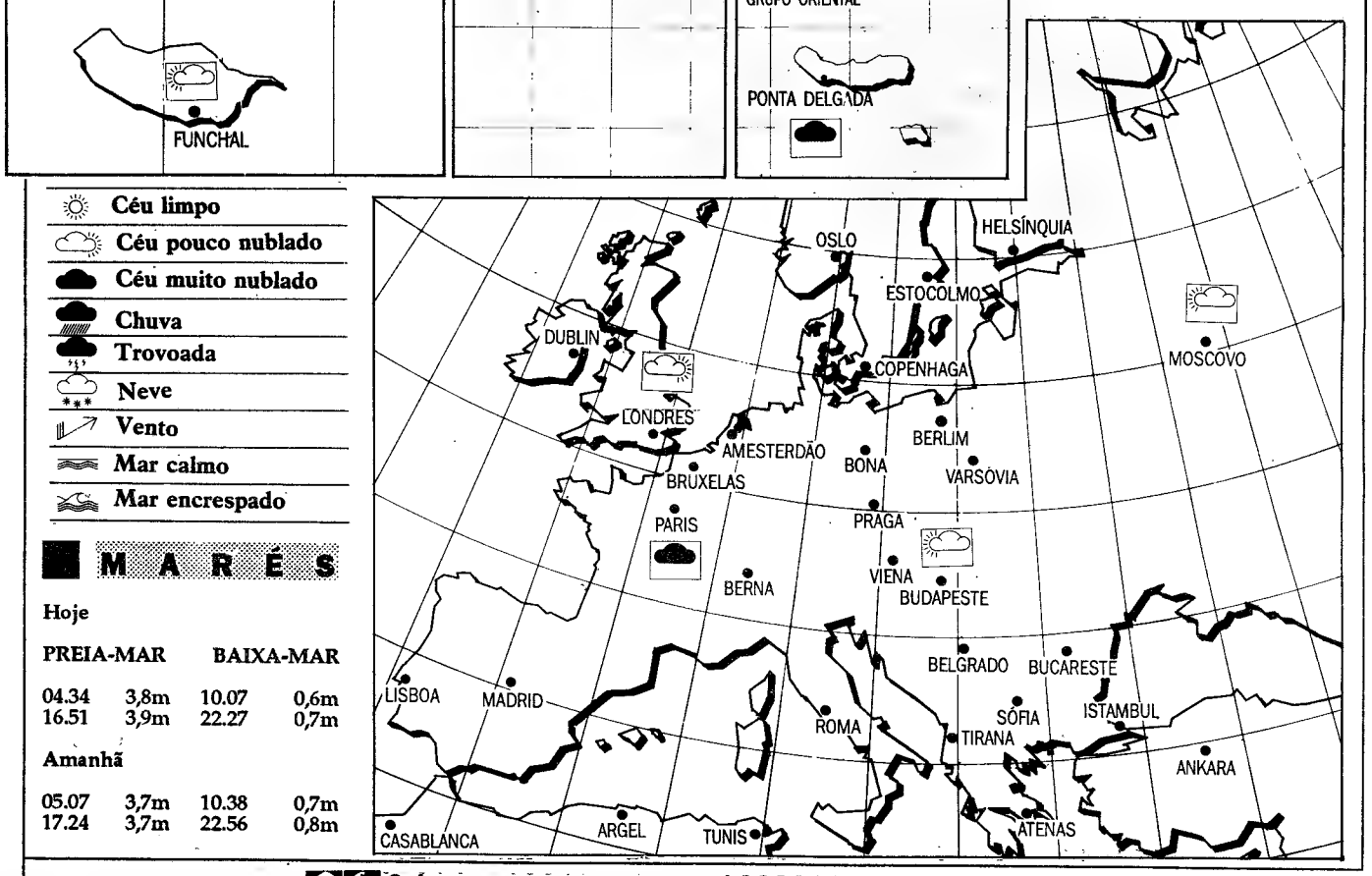
EUROPA

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Madrid	17	18	M. nub.
Londres	9	10	M. nub.
Paris	-	-	-
Bruxelas	6	7	M. nub.
Amesterdão	11	12	M. nub.
Genebra	12	14	M. nub.
Roma	17	18	Neblina
Oslo	5	6	M. nub.
Copenhaga	10	10	M. nub.
Estocolmo	9	9	M. nub.
Berlim	10	10	P. nub.
Viena	13	16	Limpo
Varsóvia	10	11	M. nub.
Atenas	21	22	M. nub.
Moscovo	8	9	Neblina

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Buenos Aires	11	14	Nublado
Caracas	20	29	Nublado
Hong Kong	24	26	Chuva
Joanesburgo	4	13	Nublado
Los Angeles	20	25	Nublado
Montreal	16	19	Nublado
Nova Deli	25	33	Chuva
Nova Iorque	6	19	Nublado
Rio de Janeiro	18	29	Limpo
São Francisco	14	19	Limpo
São Paulo	10	28	Nublado
Tóquio	25	32	Limpo

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO PERMANENTE

Alfama - São Tomé: Ziler, Rua São Tomé, 54-56, Tel. 862835; **Areeiro:** Lusitana, Av. Roma, 18-A, Tel. 885443; **Av. D. Rodrigo da Cunha:** Aeroporto, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D, Tel. 882384; **Benfica - 2.ª Circular:** Benfiluz, Estrada de Benfica, 444-A, Tel. 7141206; **Calvário:** Monge, Rua dos Lusíadas, 30-32, Tel. 3636704; **Campolide - Águas Livres:** Rualto, Lda., Rua Alto Carvalhão, 5, Tel. 651721; **Janelas Verdes:** Reis Garrido, Rua das Janelas Verdes, 90, Tel. 662327; **Jardim Constantino:** Portugal, Rua Rebelo da Silva, 11-13, Tel. 543340; **Jardim dos Anjos:** Jaime Matos, Rua Álvaro Coutinho, 8-10; **Lumiar:** Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93, A-B, Tel. 7591131; **Olivais Sul:** Lemos, Rua Cidade da Beira, 46-C, Tel. 331692; **Saldanha - Hotel Sheraton:** Oliveira Viegas, Rua Viriato, 29, 29-A, Tel. 548966; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Odivelas:** Leitão, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 62, Tel. 9320051; **Pontinha:** Flora, Azinhaga dos Besouros, Lote R8.

REFORÇO

Ajuda: Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222, Tel. 3638256; **Baixa - Largo São Domingos:** Americana, Calçada de Santana, 1-3, Tel. 863984; **Campo Grande - Av. Brasil:** Rainha Santa, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B, Tel. 765262; **Chile - Alto São João:** Veral, Rua Morais Soares, 109-111, Tel. 821732; **Escola Pol. - São Bento:** São Marçal, Rua São Marçal, 100-102, Tel. 325318; **À Av. Estados Unidos N.º 39:** Celta, Rua Mourão Girão, 3-B, Tel. 890621; **Madre Deus - Junto Esc. Verney:** Romana, Rua Actor Augusto Melo, 7-A, Tel. 383800; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Prazeres:** União, Rua Saraiva Carvalho, 145-F, Tel. 3963643; **Rego:** Prates & Mota: Rua da Beneficiência, 91-93, Tel. 773728; **Saldanha:** Avenidas, Av. da República, 27-A, Tel. 533688; **Vale Santo António:** Santo António, Rua Leite Vasconcelos, 72-C, Tel. 862333; **Colina Sol - Brandoa - Amadora:** Vidal Reis, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 35, Tel. 996540; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29, Tel. 2104953. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Pargana, Av. Eng.º Bonneville Franco, Tel. 4435147. Até às 22 h; **Oeiras:** Ribeiro, R. Dr. Flávio Resende, 9 - Quinta Marquês, Tel. 4466066. Permanente; **Parede:** Brandão, Av. República, 77-C, Tel. 2471054. Permanente; **S. João do Estoril:** S. João, Quinta da Carreira, 29-A, Tel. 2681186. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais:** Nova, Est. Alvite, Fontainhas, Tel. 281044. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Solla, Loja D, Lote 65, Tel. 900724. Permanente; Soares Correia, Est. Águas Livres, Carenque, Tel. 965517.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

OUTRA BANDA

Almada: Central, R. Olivença, 11-B, Tel. 2750504. Permanente; **Cova da Piedade:** Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A, Tel. 2764466. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Carlos, Av. Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Almeida Araújo, R. D. Duarte, 7-B, Tel. 2532324. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Avenida, Av. Alfredo Silva, 88, Tel. 2073212. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nunes, R. 1.º Maio, 106-A, Tel. 2043532. Até às 19 h; **Corroios:** Bento Lino, Est. Vale Milhaços, Tel. 253260. Até às 19 h.

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

NEM BENFICA, NEM SPORTING...

Empate (1-1) em Alvalade

MARCELLO CAETANO VISITOU LA GUARDIA VIGO E LA TOGA

TANQUES SÍRIOS NA JORDÂNIA

Empate (1-1) em Alvalade

Afinal, nem Sporting, nem Benfica, conseguiram chamar a si a vitória no jogo de hoje em Alvalade, que terminou com um empate a um golo. Entretanto, o F. C. do Porto destruia o optimismo de Meirim, ao ganhar por 1-0 ao Belenenses, e a Académica conseguia excelente triunfo sobre o Vitória de Setúbal, pelo mesmo resultado.

Tanques sírios na Jordânia

As forças jordanas repeliram, esta manhã, uma força blindada síria que entrou no seu território - anunciou a Rádio Amã. A Rádio (...) afirmou que a força síria atravessou a fronteira jordana às 2 horas da madrugada de hoje.

Marcello Caetano visitou La Guardia, Vigo e La Toga

O prof. Marcello Caetano que, desde ontem à noite, está instalado no *parador* Conde de Gondomar, em Bayona, visitou hoje várias localidades da Província de Pontevedra, nomeadamente La Guardia, Vigo e La Toja. Pernoitando novamente em Bayona regressa a Lisboa, por Tuy, amanhã de manhã.

EFEMÉRIDES

1540

• Efectua-se em Lisboa, com a presença da corte, o primeiro auto de fé da inquisição em Portugal.

1945

• Um congresso indiano, com a presença do Mahatma Gandhi e do Pandita Nehru, rejeita a conciliação com os britânicos e pede a total independência da Índia.

1957

• Morre o compositor finlandês Jean Sibelius.

1960

• A Organização das Nações Unidas admite como estados membros 13 nações africanas, recém-independentes, e a antiga colónia britânica de Chipre.

1965

• Termina a intervenção armada dos Estados Unidos em São Domingos.

1974

• Um furacão devasta as Honduras, provocando a morte de milhares de pessoas.

1976

• Após 44 anos no poder, o Partido Social Democrata sueco é derrotado por uma coligação de conservadores, liberais e centristas.

1977

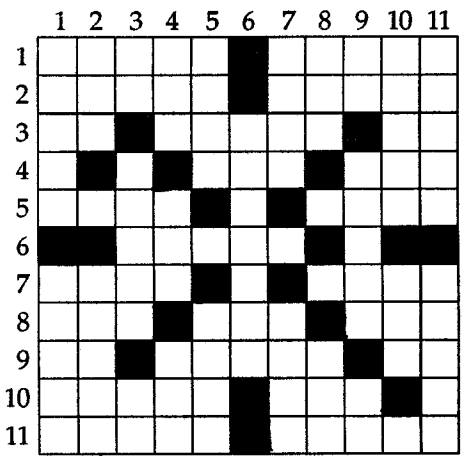
• O Vietname é admitido nas Nações Unidas.

1985

• O Conselho de Gerência da CP revela, em relatório, que o acidente de Alcafache se ficou a dever a falha humana.

• Angola pede ao Conselho de Segurança da ONU que exija a retirada imediata das tropas de Pretória de território angolano e para expulsar a África do Sul da organização.

PALAVRAS CRUZADAS



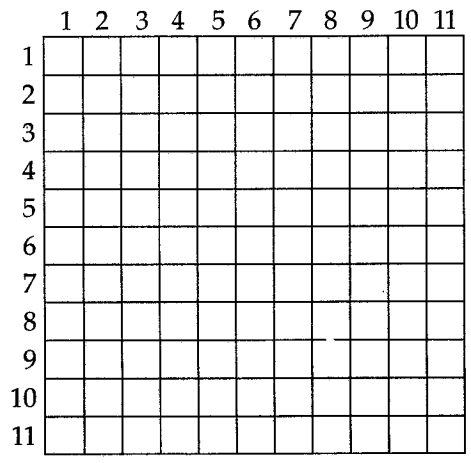
PROBLEMA N.º 18007

HORIZONTAIS:

1 - Equipar. Gemer. (fig.).
2 - Bruma. Não nascida.
3 - Nesse lugar. Socorra. Alumínio (s.q.).
4 - Lavra. Dá aviso de alguma coisa em voz alta.
5 - Prendas. Içar.
6 - Efectivos.
7 - Aquele que. Baú.
8 - Cantão da Suíça. Cabelos brancos. Rate.
9 - Caminhar. Vivendas. Concede.
10 - Flutuam. Lista. Artigo definido.
11 - Bailarina cigana, espanhola, já falecida. Guarnecerias de asas.

VERTICAIS:

1 - Em má hora (ant.). Canto.
2 - Monarca. Dão urros.
3 - Nota musical. Tempo do verbo ser. Oferece.
4 - Estima. Preposição. Tomba.
5 - Casta. Artigo definido. Leito.
6 - Tramaras.
7 - Existência. Nome de mulher.
8 - Rainha de Inglaterra mulher de Henrique VIII. Solitários.
9 - Gálio (s.q.). Prendera com elos. Nota musical.
10 - Uma das ilhas Jónias. Código (abrev.).
11 - Amofinar. Tribo indígena brasileira.



PROBLEMA N.º 16817

HORIZONTAIS:

1 - Capital da Escócia.
2 - Freguesia do concelho de Alcobaça. Arsénio (s.q.)
3 - Erguera. Aqui.
4 - Cidade do Paquistão Oriental. Península a EN da América Setentrional, cedida pela Rússia aos Estados Unidos em 1867.
5 - Da Arábia. Sadia.
6 - Nome de duas constelações boreais. Matemática.
7 - Despido. Ilha pertencente à província de Macau. Seguia.
8 - Ilha do Mediterrâneo.
9 - Pátria de Abraão. Sufixo que designa pequenez. Pronome pessoal.
10 - Amouraras.
11 - Solitários. Senhoras.

VERTICAIS:

1 - Antiga cidade do Epiro. Césio (s.q.).
2 - Capital da África Ocidental Francesa.
3 - Uma das ilhas Jónias. Amanhã (ant.).
4 - Marabu.
5 - Grande árvore da Índia. Tesouro público (pl.).
6 - O mesmo que uma (ant. e pop.). Presenciar.
7 - reis. Desmontara.
8 - Cabelos brancos. Prata (s.q.). Campeão.
9 - Guarnecem de asas. Prefixo que designa ar.
10 - Nesse lugar. Pêlos de certos animais.
11 - Atacaras.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 18 006

HORIZONTAIS: 1 - Cada. CHÃO. 2 - Ala. Ror. Ama. 3 - Se. Modas. Ar. 4 - PISADO. ERVA. 5 - Ataras. Luar. 6 - Amor. Sais. 7 - At. Au. 8 - Im. Pecara. 9 - Siasse. Isar. 10 - NÃO. Agá. Ir. 11 - Essa. Croa.
VERTICAIS: 1 - Caspa. Cisne. 2 - Aleita. Mias. 3 - DÁ. Sama. Aos. 4 - Marotas. 5 - Rodar. Sa. 6 - Modos. Apego. 7 - Ra. Sue. 8 - Sela. CI. 9 - Há. Ruínas. 10 - Amavas. Raio. 11 - Ratão. Parra.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 816

HORIZONTAIS: 1 - Guetim. Fato. 2 - Urraca. Ares. 3 - Ia. Castigas. 4 - Limasses. Re. 5 - In. Cá. 6 - Encharcadas. 7 - Hogue. Or. 8 - Rei. Acudira. 9 - Orgada. Adir. 10 - Rani. Acame. 11 - Cão. Remaram.
VERTICAIS: 1 - Guilheiro. 2 - Uraí. Erra. 3 - Er. Michigão. 4 - Tacanho. An. 5 - Iças. Agadir. 6 - Massaruca. 7 - Te. Céu. Am. 8 - Faísca. daca. 9 - Grã. Adoidar. 10 - Tear. Arrima. 11 - Ósseos. Arem.

PROVÉRBIO: CHÃO PISADO, ERVA NÃO DÁ.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496
DICK TRACY
Filme de Warren Beatty
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
O ANJO DAS SOMBRAS
Filme de William Friedkin
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
48 HORAS - PARTE II
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
OLHA QUEM FALA
Filme de Aimy Heckerling
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
Filme de John Mctiernan
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
Filme de Robert Zemeckis
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
DICK TRACY
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 5
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 6
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 7
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
CENAS DE LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
Filme de Paul Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
O ANJO DAS SOMBRAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10
ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Valman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer - Telf. 372358
Encerrado

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
COMBATE DOS DRAGÕES
Filme de Shang Lang
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30 19.00 e 21.30
DUELO IMORTAL
M/18 anos - Às 24.00

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
O MEU TIO SOLTEIRO
Filme de John Hughs
M/ 12 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA
O JOVEM EINSTEIN
Filme de Yahoo Serions
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
DOUTORA SEXUAL
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
CICLO FEDERICO FELLINI
I FORTUNELLA
Às 18.30
O CONTO DO VIGÁRIO
Às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA I
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.15 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

JULES E JIM
Filme de François Truffaut
M/16 anos - às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2

E FEZ-SE LUZ
Filme de Otar Iosseliani
M/12 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
O DEDO DA JUSTIÇA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GÉMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
(Encerrado temporariamente)

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
FÚRIA SILÊNCIOSA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcantara - T. 3631162
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

«Jules e Jim», um filme de François Truffaut

LAS VEGAS 2
JACKNIFE
Filme de David Jones
M/16 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
JACKINFE
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
O INVENCÍVEL
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
DESEJOS
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
DICK TRACY
M/12 anos - Às 13.45, 16.15, 18.45 e 21.15 e 23.45

PLAZA 2
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.º Antão - T. 326305
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
JACKNIFE
M/12 anos - Às 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 2
ATA-ME
Filme de Pedro Almodover
M/16 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 3
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4
ROSÁLIE VAI ÀS COMPRAS
Filme de Percy Adlon
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.15

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
DICK TRACY
M/12 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
CINEMA PARAÍSO
Filme de Giuseppe Tornatore
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado - T. 2905011
Sala 1
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
OS RENEGADOS SELVAGENS
M/16 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS MIRAMAR
Sala 1
Telef. 2841769
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
JACKNIFE
M/16 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
DICK TRACY
M/12 - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
Sala 1
RENEGADOS SELVAGENS
M/16 anos - às 15.15 e 21.30

Sala 2
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
REGRESSO AO FUTURO PARTE III
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia - T. 4934871
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM ESTÚDIO FLORES
Telef. 9147570
PESADELO EM HELM STREET IV
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
Sala 1
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATROS

LISBOA

CLUBE ESTEFÂNIA
R. Alexandre Braga, 24-A - T. 542249
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
O FADO, A NAVALHA E A GUITARRA, OU A HISTÓRIA DA ROSA ENJEITADA
De Fernando Gomes, pela Companhia Persona

MARIA VITÓRIA
Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

RITZ CLUBE
R. da Glória - T. 325140
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16,00
O BAILE
De Helder Costa

TEATRO NACIONAL D. MARIA II
Praça D. Pedro IV - T. 322210
De 3ª a sáb. às 21.30
Sáb. e Dom. às 16.00
MINETTI
De Thomas Bernhard

IVTEATRO INFANTIL TIL
R. Leão de Oliveira, 1 - T. 3639974
Sáb. e Dom. às 16.00
FELIZ ANIVERSÁRIO
De Fernando Gomes

MONTE ESTORIL TEC
Av. Fausto de Figueiredo - T. 2670320
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
REI LEAR
De William Shakespeare. Encenação de Carlos Avilez

PORTO

AUDITÓRIO CARLOS ALBERTO
R. das Oliveiras - T. 2008659
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
COMBATE DE NEGRO E DE CÃES
De Bernard-Marie Kolfès.

COOPERATIVA DO POVO PORTUENSE
R. Camões, 578 - T. 382131
De 3ª a Sáb. às 21.45
Dom. às 16.00 e 21.45
PLAY STRINDBERG
Pela Companhia Seiva Trupe

SÁ DA BANDEIRA
R. de Sá da Bandeira, 108 - T. 2003595
De 3ª a Dom. às 21.30
Dom. às 16.00 e 21.30
O HOMEM DO VESTIDO LILÁS
De Badaró. Encenação de Moirais e Castro
Interpretações de Badaró, Maria Dulce, Linda Silva, João Rodrigo e Carlos Areias.

SETÚBAL

FORUM MUNICIPAL LUISA TODI
Av. Luisa Todi - T. 522127
15º FESTIVAL DE TEATRO DE SETÚBAL
Às 21.45
BUCHA E ESTICA

RÁDIO

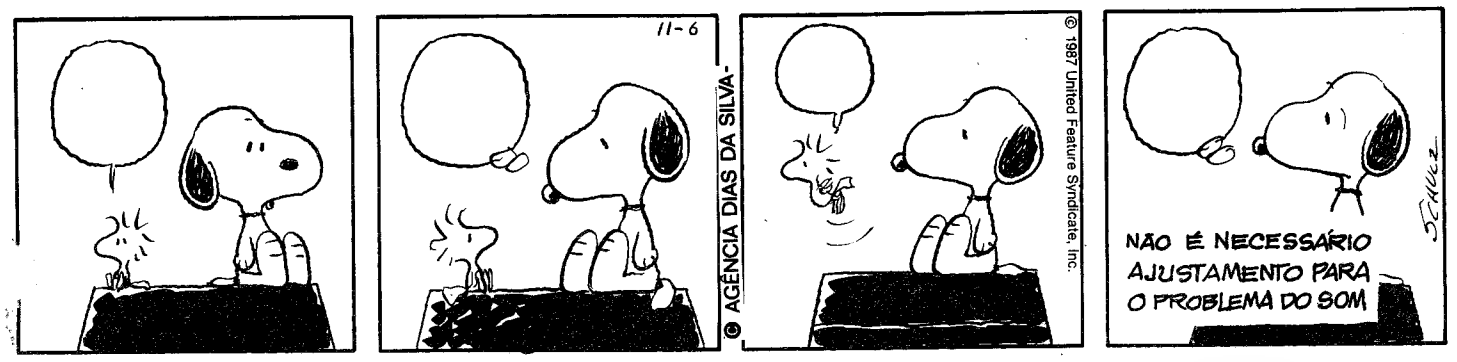
ANTENA 1
Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Praça dos Sons; **17.00:** Antena 1 - Regiões; **17.15:** Porto d'Abrigo.

ANTENA 2
FM 2 - Estéreo

17.00: Sonata Atrio em mi maior, WQ 162 de Carl Phillip; **17.30:** Música Barroca para sopros; **18.15:** Ângulos e Reflexos. **19.00:** Integrais - A Integral dos Quartetos de Cordas de Bela Bartok, pelo quarteto «Alban Berg».; **19.30:** Álbum Musical. Obras de Beethoven, Verdi, Vivaldi, Bach, Schubert; Benjamin Britten e Liszt; **20.10:** Álbum Musical (cont.); **20.45:** Esta Madrugada na Antena 2; **21.00:** Histórias de Música e Outras; **21.30:** Quarteto de cordas em fa maior de Ravel pelo Quarteto Alban Berg; **22.00:** Concerto Sinfónico. Sinfonia n.º 5 em do sustenido maior de Mahler; **23.10:** Destaque: Boris Christoff (baixo); **00.00:** Restauro Musical - música executada em instrumentos originais. Obras do período clássico; **01.20:** Música do Século XX. Obras de Edouard Tubin e Frank Martin; **02.00:** Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

16.10 - PONTO POR PONTO
16.50 - CIDADES COM METRO
1º Episódio
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.20 - RUA SÉSAMO
19.50 - RODA DA SORTE
(4ª Sessão)
19.20 - BOLETIM AGRÁRIO
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.10 - RODA DE FOGO
64º Episódio
21.05 - INFORMAÇÃO
21.10 - DESENHOS ANIMADOS/BOA NOITE
21.20 - EURONICO
«Euronico» marca nova presença de Nicolau Breyner como titular de uma série de programas de humor, ao longo de 12 semanas.
22.15 - CELLINI, UMA VIDA VIOLENTA
Série de três episódios baseada na autobiografia de um dos maiores artistas do Renascimento, Benvenuto Cellini. Dez anos de vida levou o argumentista Vittorio Bonicelli a preparar esta série. Dez anos de convívio com a personalidade fascinante de Cellini, violento e terno, humilde e vaidoso, perverso e ingénuo. Dirigido por Giacomo Battiato, com interpretação de Wadeck Stanczac, Sophie Ward, Ben Kingsley e Max von Sydow.
23.40 - 24 HORAS
00.15 - O TEMPO
00.20 - REMATE

No 1º canal às 21.20, o 1º programa «Euronico»

«Filhos do Deserto», com Stan Laurel e Oliver Hardy, no 2º canal às 23.20

RTP-2

14.30 - AGORA, ESCOLHA!
15.55 - AVENTURA
1º Episódio
16.25 - LICEU DEGRASSI
21º Episódio
16.50 - BRINCA BRINCANDO
Com «Paulus» e «Uma Pequena Maravilha»
17.30 - ETERNO FEMININO
4º Programa
18.30 - O MENINO DOUTOR
13º Episódio
18.55 - TI-TI-TI
24º Episódio
19.20 - CIRCO
19.35 - VIA RÁPIDA
19.45 - REGIÕES MAGAZIN
20.45 - DICK TRACY
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - FÓRMULA 1
21.50 - DRAMAZINE
Jorge Castro Guedes é o responsável por este magazine de actualidade teatral, assinando a autoria e a apresentação. De periocidade quinzenal, e com a duração de 25 minutos, «Dramazine» aposta na variedade e no recreativo, elementos que Castro Guedes afirma ir privilegiar, sem esquecer o informativo e o didáctico.
22.15 - FORA DE JOGO
23.20 - CINECLUBE
«Filhos do Deserto» (Sons of the Desert): é possivelmente um dos melhores e mais hilariantes filmes da dupla de comediantes Stan Laurel e Oliver Hardy que entre nós ficaram conhecidos pelos nomes de Bucha e Estica. Mestres da pantomina Stan e Ollie ficaram célebres na História do Cinema não só como pioneiros da comédia no cinema mas sobretudo pela forma inimitável como articulavam as duas personagens imortais que criaram com um fabuloso e aparentemente inesgotável universo de gags em que este filme é particularmente pródigo. Rever hoje o Bucha e Estica é rir com o esplendor e a inocência perdidas da grande arte da comédia.
Duração: 65 minutos

PARABÓLICAS ALBA
• Antena de 90 cm Off-Set equivalente às tradicionais de 110 cm.
• LNB com polarizador incorporado.
• Receptor esterofónico com 16 canais memorizáveis. • Telecomando infravermelhos com todas as funções.
• Poder de captação:
— Actual: 8 canais
— A partir do final do ano: 24.
Mais os canais do Eutelsat II a ser lançado
AUDIMAX T. 4106275 Algés

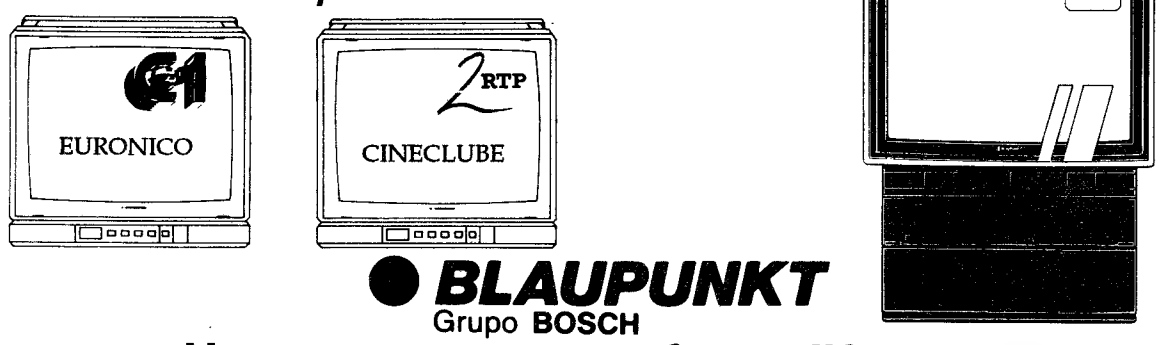
AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - RUA SÉSAMO
10.30 - PONTO DE ENCONTRO
11.45 - CULINÁRIA
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.25 - O TEMPO
13.27 - BOLSA DIA A DIA
13.30 - SEM LEGENDAS
14.40 - PRIMEIRA MATINEE
«O Misterioso Mr. Mackintosh»»
16.20 - PONTO POR PONTO
16.50 - OS GRANDES SENHORES
17.20 - BRINCA BRINCANDO
18.15 - RUA SÉSAMO
18.45 - RODA DA SORTE
19.20 - BOLETIM AGRÁRIO
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.15 - RODA DE FOGO
21.15 - DESENHOS ANIMADOS
21.25 - SESSÃO DA NOITE
«Crocodilo Dundee»
23.25 - CHEFE, MAS POUCO...
23.55 - 24 HORAS
00.00 - O TEMPO
00.30 - REMATE
00.55 - PELA NOITE DENTRO: «SEXTA-FEIRA 13»
1º Episódio

RTP-2

12.02 - O FANTASMA DE FAFFNER HALL
12.25 - FILHOS E FILHAS
12.50 - ARMAÇÃO ILIMITADA
14.00 - PRIMEIRO JORNAL
14.30 - AGORA, ESCOLHA!
15.55 - A GRANDE FENDA
16.50 - BRINCA BRINCANDO
17.30 - ETERNO FEMININO
18.30 - CHARLOT
18.55 - TI-TI-TI
19.25 - CIRCO
19.30 - VIA RÁPIDA
19.45 - NUNCA MAIS É SÁBADO
20.50 - DICK TRACY
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - FORMULA 1
21.50 - A TENDA DOS MILAGRES
22.40 - POP-OFF
23.05 - UM ESPIÃO PERFEITO
00.00 - O TEMPO

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...


BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

GIBEL
O SEU CABELEIREIRO
MAIS RÁPIDO ECONÓMICO
EXTRAÇÃO DE PELOS
ELÉCTRICA SEM DOR E SEM MARCAS E A CERA QUENTE OU FRIA
Das 8 às 20 horas
Calçada do Sacramento, 38

«Vencer é uma droga e eu estou em crise de abstinência».

Eriksson, treinador do Benfica, citado pelo «Público», 20.Setembro.1990

A PERGUNTA DO DIA

Rego Mendes vereador do pelouro da juventude, educação e desporto, da CML

Para quando está prevista a reabertura da piscina do Campo Grande, agora encerrada para obras?

A conclusão da parte mais importante destas obras de recuperação está prevista para o dia 5 de Outubro, a reabertura acontecerá a partir dessa altura. Mas, todas as outras instalações, desde os balneários até aos serviços de apoio que garantem o funcionamento da piscina, vão também ser alvo de beneficiações. Trata-se de uma intervenção, neste caso concreto a ser realizada em conjunto com o Sporting Clube de Portugal, entidade a quem está cedida a maior parte do tempo de usufruto da piscina, que se integra num plano mais vasto e que diz respeito à recuperação das piscinas municipais, em termos de instalações. As piscinas municipais são um património importantíssimo da cidade que está degradado e merece ser reaproveitado. Daí que, uma das primeiras preocupações da Câmara seja, agora, a recuperação de todas estas intalações de forma a prestarem um bom serviço a quem as frequenta. Por outro lado, trata-se também de uma intervenção que se infere num plano de desenvolvimento da natação, como actividade desportiva no concelho de Lisboa, que pretendemos desenvolver com a Federação Portuguesa de Natação e a Associação de Natação de Lisboa, entidades com as quais estamos já a negociar um protocolo nesse sentido.

Sexta-feira no

Diário de Lisboa

Perspectivas do ano vinícula

Montijo: a Feira Nacional do Porco

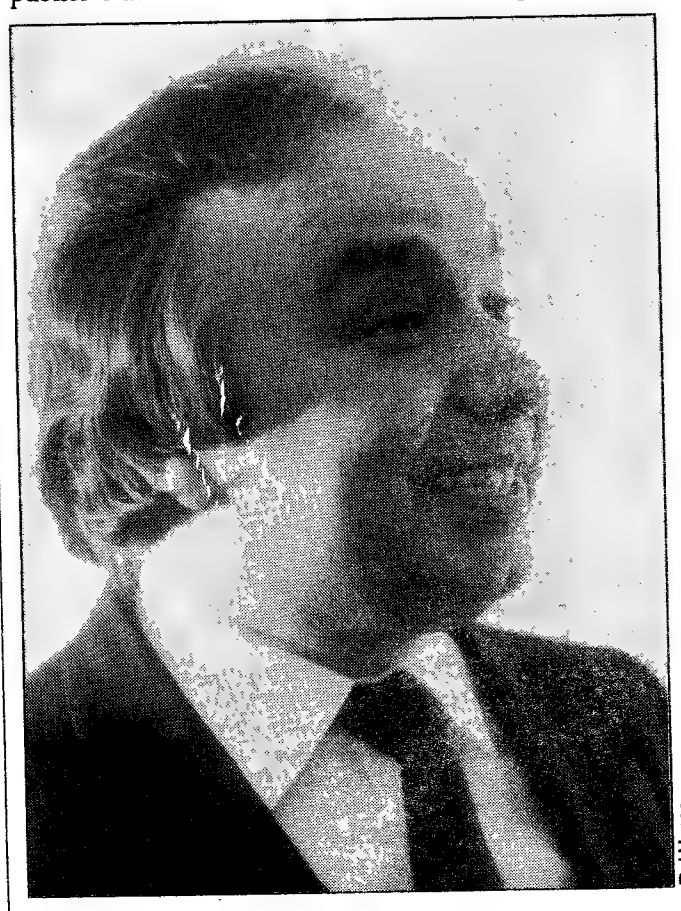
ENTREVISTA

A «Nova Renascença» dedicou um número quádruplo aos simbolismos, editado por Nobar, Grupo Editorial, Lda. O prof. José Augusto Seabra, seu director e embaixador na UNESCO, explicou ao «DL» esta comemoração, falou sobre a sua actividade diplomática, sobre os seus últimos livros — e proclamou: Abaixo a visão miserabilista de nós próprios!

Miserabilistas porquê?

«DL» — Este número quádruplo da «Nova Renascença» é o 38º de uma revista dedicada a uma elite cultural. Como é que se explica o êxito de uma publicação para um público tão restrito?

José Augusto Seabra — A «Nova Renascença» é uma revista que se dirige sobretudo a um público médio, não propriamente a uma elite. Se quisermos, não é uma revista para o grande público, mas para o homem de cultura que se interessa por questões de literatura, de arte, de ciência, de filosofia. O nosso público é diversificado. A revista mantém-se com independência. Sobrevive por si, o que prova que é viável em Portugal uma revista deste tipo.



Rui Vasco

«DL» — Quais os projectos imediatos da revista?

J.A.S. — Temos um projecto de publicação imediata de um número dedicado à diarística, com diários de alguns dos principais escritores portugueses, e de um número comemorativo do 31 de Janeiro, a revolução republicana do Porto de 1889 com que nos identificamos. Temos depois um projecto de publicação de uma série de sobre o Ocidente e um número sobre o Norte. Além disso, temos também intenção de comemorar outras figuras, nomeadamente Teixeira de Pascoaes.

«DL» — Porquê este relevo dado ao simbolismo?

J.A.S. — Porque o movimento simbolista parece-nos paradigmático de uma síntese entre o que poderemos chamar o universalismo e o patriotismo. Foi um movimento internacional em que Portugal esteve representado, nomeadamente com Eugénio de Castro. Foi também um movimento muito enraízado, particularmente no caso português, através de António Nobre e Camilo Pessanha.

«DL» — Há quem aponte esses autores como os epígonos do simbolismo francês...

J.A.S. — Não, há uma grande originalidade em Camilo Pessanha, por exemplo, em António Nobre. O próprio Eugénio de Castro tem alguma originalidade. E temos ainda o António Patrício, um pós-simbolismo muito rico com Mário de Sá-Carneiro, o próprio Fernando Pessoa...

«DL» — Passando agora à sua actividade na UNESCO, sabe-se que vai promover uma exposição sobre a obra de Mário de Sá-Carneiro...

J.A.S. — Uma exposição iconográfica, de 5 a 9 de Novembro, com a colaboração da especialista em Mário de Sá-Carneiro, Marina Tavares Dias, e do prof. François Kastecs, acompanhada de um colóquio em que participarão Eduardo Lourenço, Maria Aliete Galhoz e outros, e da publicação de uma tradução em edição bilingue dos poemas de Mário de Sá-Carneiro do «Orfeu 3» que, aliás, a «Nova Renascença» editou, os chamados poemas de Paris. Teremos ainda um encontro, no Café de La Paix, de escritores e poetas portugueses e franceses.

«DL» — De qualquer maneira, essa comemoração parece pobre se a compararmos com a do centenário de Fernando Pessoa...

J.A.S — Não, penso que as comemorações de Pessoa que tiveram lugar na UNESCO e sob a égide da organização tiveram uma dignidade que nós agora vamos também dar a Mário de Sá-Carneiro. Contamos com a colaboração do Centro Cultural de Paris e da Fundação Gulbenkian.

«DL» — Que principais problemas tem enfrentado para divulgar a cultura portuguesa no estrangeiro?

J.A.S. — Portugal beneficia, no plano internacional, neste momento, de uma certa simpatia. Temos traduzido muitos autores — estou empenhado na publicação de edições bilingues, a ultima das quais foi a dos «Poemas Ibéricos» de Miguel Torga — ,há investigações sobre autores portugueses nas universidades e, na, UNESCO já apresentámos a nossa literatura, a nossa arte... O que temos é de abandonar uma visão marginal e um pouco miserabilista de nós próprios. Possuimos uma cultura de grande envergadura internacional, temos que a promover melhor, e penso que essa promoção deve ser feita também por via diplomática. Para isso são necessários mais recursos financeiros e, sobretudo, imaginação e organização. Precisamos de espírito de iniciativa e à-vontade, sem complexos de inferioridade ou de superioridade.

«DL» — E a sua obra pessoal?

J.A.S. — Acabam de sair dois livros de poemas meus, «Fragmentos do Delírio», nas Edições Signo», e outro em Macau, publicado pelo Instituto do Património Cultural, que se chama «Do Nome de Deus», uma homenagem à cidade.

F.B.S.

CRÓNICA

Que horas são na aldeia...?

Acordou, num repente, ao som do relógio do campanário da igreja: uma só badalada, desfeita por toda a aldeia, um silêncio escuro a cobria da cabeça aos pés.

«Que horas serão...?» - pensou, no descanso das férias, o verde do Minho totalmente escorrido dos seus olhos.

«Bem - continuou intimamente a monologar, tanto pode ser uma hora como meia hora de qualquer hora desta madrugada tão quieta... Ora eu deitei-me era quase meia noite. Será meia-noite e meia hora...?»

Divertido, os pés encavalitados um no outro, a nuca sob as mãos, decidiu-se esperar por nova badalada. E a rir-se muito para dentro de si:

«Bastava acender a luz e pegar no meu relógio de pulso. Mas não! Férias são férias - e assim é que está bem! Sou mesmo doido de todo...»

Esperou, um cigarro nos lábios, o cinzeiro sobre o peito - e, novamente de surpresa, o relógio do campanário atirou com nova badalada pela aldeia fora.

E ele, amachucando o cigarro no cinzeiro:

«Ora vejamos... Se há pouco ouvi uma badalada, e pensei que era meia noite e meia hora, agora ouvindo esta nova badalada, só posso concluir que é uma hora. Mas...»

Sentou-se na cama, arrumando cinzeiro e cigarro na mesinha de cabeceira, os olhos interrogando a escuridão do quarto:

«Mas não! A primeira badalada que ouvi bem poderia ser a da uma hora - e esta última a da uma hora e meia... Pois é: só quando aquele estupor de relógio soar novamente é que saberei, na verdade, que horas são! Esperemos...»

Deitou-se, o lençol pelo peito, os olhos no tecto invisível - e adormeceu, a atenção fatigada, sem ter sabido as horas daquela quieta madrugada.

Pedro Alvim

A.M.A. ® Auto Monumental de Arcuro S.A

CONCESSIONÁRIOS VW Audi

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO
LITERÁRIO
SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO Diário de Lisboa 20 DE SETEMBRO DE 1990. NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

A XI Bienal de São Paulo, vista por Filomena Cabral, e poemas de Odysseas Elytis, traduzidos e apresentados por Vergílio Alberto Vieira, págs. 2 e 3; Livros acabados de chegar, pág. 4

A FILOSOFIA VIVA

Uma filosofia viva exprime as tendências da sociedade da época em que surgiu e é o meio que unifica os indivíduos dessa sociedade e dessa época. A ausência de uma tal filosofia significa que já não existem perspectivas de renovação na sociedade, que todos os seus valores se esgotaram e que o seu fim, portanto, está próximo.

Ao descobrir-se e objectivar-se a si próprio, o filósofo transcende-se e leva ao mesmo tempo os outros homens seus contemporâneos a tomar a consciência possível de si próprios, que é sempre projectada para o futuro (não a do que são, mas a do que poderão ser) e, portanto, não a da classe dominante na sua época, mas a da classe em vias de suplantá-la. Se, como Sartre escreveu (em *Questions de Méthode*), em cada época «só há uma filosofia viva», tal vitalidade depende não só da permanência da prática que a engendrou, da eficácia com que directa ou indirectamente consegue justificar, esclarecer e guiar essa prática, mas também de deter, exclusiva e incontestavelmente, a totalização do saber da época.

Esse saber conhecerá o mesmo destino dos saberes anteriores: será contestado e destruído quando, em vez de acelerar, travar o movimento social; em vez de polarizado pelo futuro se considere concluído, virando-se para o passado; em vez de dinâmico, for inerte, mero elo na cadeia sem fim da história das ideias. É tão verdadeira a identificação de uma filosofia com o momento histórico de que é expressão, que nunca essa filosofia é «ultrapassada», nunca o horizonte cultural deixa de ser balizado por ela, enquanto o próprio movimento histórico não a ultrapassar.

Por isso mesmo que a pretensa «ultrapassagem» do marxismo se tem revelado um absurdo ou, retomando as palavras de Sartre (op. citado), «na pior das hipóteses um regresso ao pré-marxismo, na melhor a redescoberta de um pensamento já contido na filosofia que se julgou ultrapassar».

O marxismo, filosofia da necessidade, só pode ser substituído por uma filosofia da liberdade, mas «o reino da liberdade», di-lo Marx em *O Capital*, «só começará de facto quando acabar o trabalho imposto pela necessidade e pela finalidade exterior; encontra-se, portanto, para além da esfera da produção propriamente dita». Sartre tira a conclusão: «O marxisno chegará ao fim dos seus dias quando existir *para todos* uma margem de liberdade *real* para além da produção da vida. (...) Não dispomos ainda de nenhum meio, nenhum instrumento intelectual, nenhuma experiência concreta que nos permita conceber essa liberdade e essa filosofia» (op. cit.).

Mas uma filosofia não é um catecismo: é um método que evolui e se transforma ao aplicar-se a objectos novos, que dá origens a esquemas transitórios, a atitudes que perdem o sentido de uma geração para outra, a explicações, estratégias, tácticas que, à força de se tornarem impessoais, se tornam equívocas, contraditórias, sem qualquer função real.

Quando os conceitos abertos de uma filosofia se fecham, fetichizando-se, e as sínteses produzidas pelas análises são substituídas por «verdades» *a priori*, quando o idealismo voluntarista substitui os esquemas interpretativos e força ou desnatura o significado dos factos e acontecimentos, o saber torna-se escolástica e deixa de mediatizar a experiência social e histórica. Aconteceu isso aos conceitos burgueses e o mesmo acontecerá ao marxismo se os que dele se proclamam persistirem em instituí-lo como um saber já totalizado, como um todo que não se procura através das partes, mas que as afasta e elimina se o contradizem.

Em *Critique de la Raison Dialéctique*, Sartre explica-nos isto e demonstra-nos também os motivos por que em cada época «só há uma filosofia viva», espécie de húmus que alimenta todas as ideias, quaisquer que sejam, mesmo as que se lhe opõem.

«Os factos particulares», escreveu Sartre, «não significam nada; não são verdadeiros nem falsos enquanto não relacionados, através de diferentes totalidades parciais, com a totalização em curso (totalização que incessantemente se totaliza)».

À sombra da filosofia florescem as ideologias que começam por se lhe opor e depois ou morrem ou se integram nela. Para Sartre, o existencialismo é uma destas ideologias, uma «visão do mundo» enraízada no puro *vivido*, que é de uma opacidade inultrapassável e não se desvanece no saber.

O saber tem, na verdade, limites: é incapaz, por exemplo, de transformar o sentimento ou a paixão. Mas o saber consiste primeiro em perdermo-nos nas coisas, depois em dissolvê-las e, finalmente, em incorporá-las em nós, num processo cujo primeiro tempo é a alienação e o segundo a recuperação enriquecida do que se alienou.

Sabemos e somos sabidos; somos, como diz Sartre, «integrados vivos na totalização suprema». O saber atravessa-nos e situa-nos, antes de nos dissolver.

Ernesto Sampaio

Sartre na «ramona», preso por vender nas ruas de Paris o jornal proibido «La Cause du Peuple». A seu lado, Simone de Beauvoir

literário

XI BIENAL DE S. PAU

UM «EX-LIBRIS

Durante a viagem de regresso, por sobre o oceano, a bordo da nave «Fernando Pessoa», abro a «Folha de S. Paulo», de 4 de Setembro. Numa notícia relativa à XI Bienal do Livro, pode ler-se: «O sucesso do público alcançado — em uma semana, teve cerca de um milhão de visitantes — sugere a necessidade de adequar a estrutura do evento ao interesse que desperta na população. Como é frequente em cidades como São Paulo, parece haver uma inadequação entre os serviços oferecidos e as dimensões do público; estender a duração da Bienal ou transferi-la para lugar mais amplo seriam soluções de que caberia cogitar.

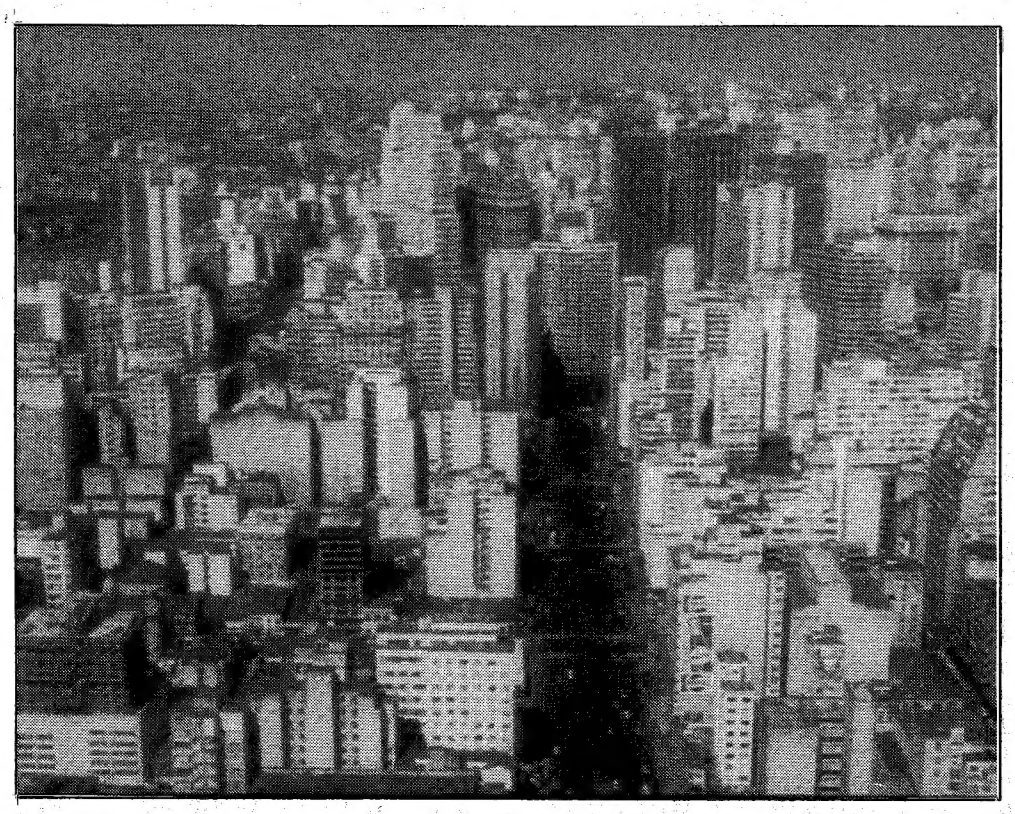
Cumpre apontar, sobretudo, para a existência potencial de um mercado na área da cultura que, tradicionalmente, se tende a minimizar num país com as brutais carências e desigualdades sociais que conhece o Brasil.

Certamente, o número de visitantes à Bienal não corresponde ao contingente de consumidores regulares de livros: a pequena tiragem da maior parte dos lançamentos literários no país não autoriza ilusões quanto a esse ponto. O leitor eventual, o público que se dirige ao evento como uma atitude de lazer, entra contudo em contacto com uma oferta cultural extremamente ampla e diferenciada; o efeito de iniciativas desse tipo, ainda que conheça as resistências de uma realidade de incultura e deficiência educacional, agravado pelo baixo poder aquisitivo de uma parcela dos consumidores, só pode ser visto como positivo, conviria investir mais, portanto, no sentido de multiplicar as potencialidades de acontecimentos culturais que, muitas vezes, ainda estão longe de adequar-se a uma demanda latente, mas significativa, da população.»

Decido que esta notícia seria a introdução ideal para a crónica prometida ao «DL». De facto, a Bienal funcionou como um ex-líbris, a divisa de um certo tipo de resistência, uma afirmação de exigência, de necessidade, de acontecimentos culturais num Brasil em clima de ansiedade crescente e que se recusa a adoptar o desespero. Aliás, nos trópicos, talvez a palmeira simbolize a característica de povos: com ventos ondula, e continua vertical.

Nos primeiros dias, o atordoamento: uma cidade de cerca de 20 milhões de habitantes e tudo o que tal arrastará consigo; entretanto, movimento-me e começo a ver, ignora a imensidão porque já estou nela; respiro, o meu pulsar passou a fazer parte daquele todo. Em S. Paulo, as intensidades, a mistura, excesso, um coração gigantesco a marcar-nos um ritmo, ainda que durante o sono: o rugir de um monstro tentacular apaziguado, em metamorfose contínua, a respiração da *polis*, suas exigências e dádivas.

Tudo se move ou se petrifica na cidade de cimento armado, esplêndida e assustadora (por isso mesmo fascinante), com calote de nuvens poluídas a impedir o Sol. No entanto, o ipê floresce: amarela, solar, delicada a flor disseminada pela sombra dos edifícios, no meio de outras árvores, flores, como as «azalêas». Quando as ouvi assim chamadas, sorri, e pensei se a tónica ao deslocar-se para a penúltima sílaba — nas azáleas — não acabaria por funcionar como sinónimo de dissemelhança (ténues) entre *cá* e *lá* (recordei isto a bordo, em «terra de ninguém», e, sensação estranha, sentime dividida...)



Ando e vejo, há em mim reminiscência de uma cidade assim, e descubro: uma vez mais, cito «Blade Runner». Afinal, os cenários do filme não seriam tão ficcionais como pensei: a multidão anónima, as raças, os anúncios cintilantes, os múltiplos, a neblina... No entanto, não encontrei o androide que, em «Blade Runner», solta uma pomba branca e deixa de existir. Aqui, tudo é humano, vive, e mesmo quando, nos noticiários, se toma conhecimento da violência, é ainda o traço do (des)humano. Em contrapartida, encontrei um menestrel, uma voz vinda do tempo, andrógina e transfiguradora de uma possível realidade musical brasileira, a voz reproduzia e recriava temas medievais levados para o Brasil e cantados ainda no interior, esquecidos já em Portugal. Subitamente, em contraste com os ritmos locais, a voz estabelecia uma ponte no tempo, e, então, ali não era o Brasil nem Portugal, sim uma memória mútua, nossa, rica e estimulante.

Depois da introdução longa, o porquê do deambular. Afinal, o pretexto de tudo foi a XI Bienal Internacional do Livro, em S. Paulo. Descrever? Impossível. Aliás, a informação tem sido ampla nesse sentido e todos saberão já o essencial, para além de filas intermináveis de visitantes horas à espera para adquirirem o «ingresso». Quando me apercebi de que haveria de pagar para entrar, surpreendi-me deveras com a afluência torrencial, cerca de 80.000 pessoas, diariamente. Isto cria uma perplexidade exaltada, pois que o excelente trabalho de divulgação do certame, por parte dos *media*, reafirmou, confirmou, a todas as horas, que ali confluíam raças, culturas, idiomas, linguagens, géneros literários e outros, seja qual for a realidade brasileira. O eco da Bienal Internacional do Livro extravazou, passou fronteiras. Que esperar, afinal, da exuberância de tal povo senão um interesse assim pelas coisas, pelos eventos, atribuindo-lhes grandeza irrefutável?

Recordarei, então:

Na cidade imensa, hiatos breves, espaços de silêncio que se vão fracturando e criam tempos de vertigem. O *longe* transporta consigo a certeza da nostalgia, leva-nos a estar nos acontecimentos, ou na repetição de situações já vividas, de forma totalmente diversa, inesperada. Devassada a própria perplexidade, restam-nos os sentidos despertos para ocorrências que, excluída este condicionante da distância de um ponto, no caso, o país de origem, me faz sentar numa cadeira do auditório da Casa de Portugal para escutar o Coro dos Antigos Orfeonistas do Orfeon Académico de Coimbra. Assaltam-me fragmentos de temas conhecidos, poetas em polifonias, outros autores portugueses presentes assim, na Bienal, veiculados pelo canto. As emoções, num passe de mágica, e debato-me numa memória aparentemente virgem da melodia fluindo de vultos envoltos en negro. Será nestes espaços inesperados que o português ausente da terra onde nasceu, ainda que de passagem, se comove num mar de emoções, comoções onde o canto o faz sossobrar na postura: *tenho barcos, tenho remos/ tenho amor ali de fronte/ tenho navios no mar*...O fado de Coimbra, esse, veicula a tangencialidade de coisas tão fugazes como a passagem de vozes: «vêm em revoadas (os anjos) e cantam aos pés de Deus; depois perdem-se no além», diz o Talmude. De repente, a surpresa: quando canta, atenua a dolência e adopta a postura vizinha da arrogância, ligeiramente provocatória, em cândura e perversidade que pretendem atingir as alturas, num plano onde a realidade, pela ausência, deixa espaço à inquietação e ao indizível. refiro-me a Luís Alcoforado. Com João Manuel Pinheiro, Carlos Costa, Paulo Soares e José Rabaça formam a «Praxis Nova» (que tinha tal como o Orfeão, participado, anteriormente, noutro espectáculo no âmbito da Bienal, no dia dedicado ao nosso país, com Eugénia Mello e Castro).

Em determinado dia, na sala confortável do pavilhão portugu~es, o mais vasto, como tem sido amplamente referido (se conseguisse explicar-vos o oásis que representava...), em fim de tarde, um

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!"

Pretendo assinar a partir do dia ___/___/___ Pelo período de

- 1 ANO — 18 000$00
- 6 MESES — 9 000$00
- 3 MESES — 4 500$00
- 1 MÊS — 1 500$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70$00 cada • Mudança de endereço: 150$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850$00. • **Informação ao assinante:** os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacinal até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade

Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

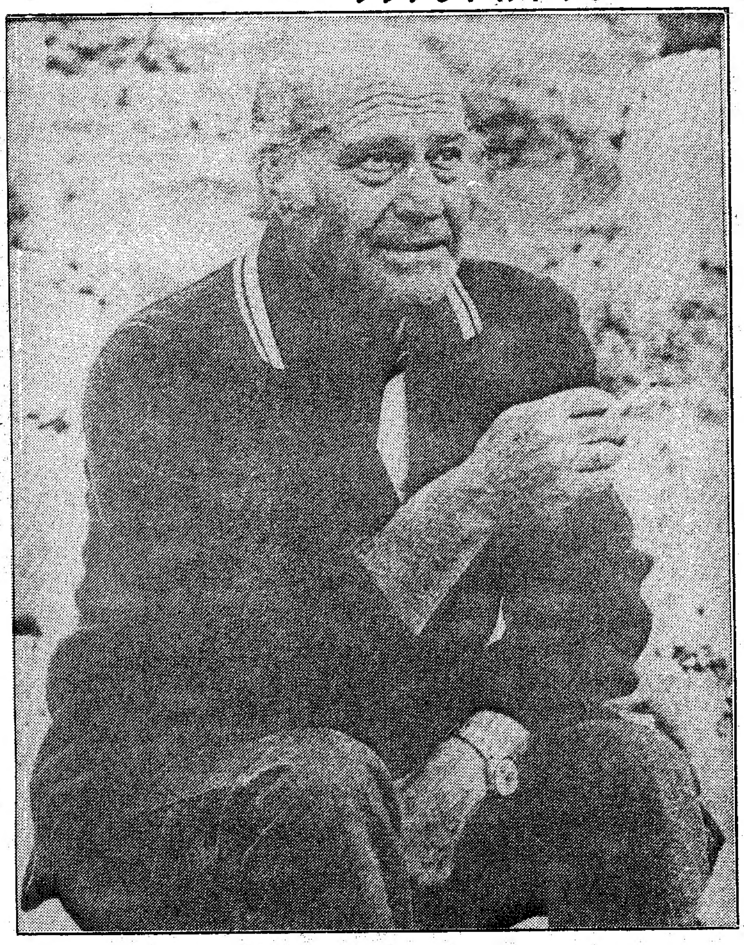
micírculo, uma conversa despretenciosa ;ente ligada à escrita: a Lídia Jorge, a cela Torres, o Marco António de arvalho (também «menestrel» e que introduzi no início da crónica); discutiam-se preocupações várias: a violência, o pavor das manipulações genéticas, o contributo hormonal no comportamento humano; como aprendizes de feiticeiro multiplicamos temas sem nos preocuparmos com a exactidão científica, ou sequência: eram murmúrios, a água clara de um olhar, de Lídia, tranquila e atenta aos que a rodeavam. Nesse mesmo local, aconteciam entrevistas, contactos comerciais, as confidências ou dicências com a ironia suficiente para não serem levadas a sério, num jogo de palavras, exercícios: afinal, estavam rodeados de milhões de caracteres, fonemas, à espera de serem ditos, meros sussurros; ou fantasmagorias incessantemente fugazes, ainda que para os residentes em S. Paulo. E explico: certa noite, a convite de um simpático casal de portugueses, fomos, em grupo, à procura de determinado local, queriam oferecer-nos «chorinho»; aconteceu que com a torrente de trânsito, era sábado, a multiplicidade de locais, réplicas uns dos outros ainda que personalizados, nunca o «sítio», que especialmente queriam mostrar-nos, foi encontrado. Vencido o desapontamento, talvez tudo tenha sido por bem: pudemos circular pela cidade de noite, durante três horas, incessantemente... E regressamos ao hotel esfomeados, envoltos no humor lusófono.

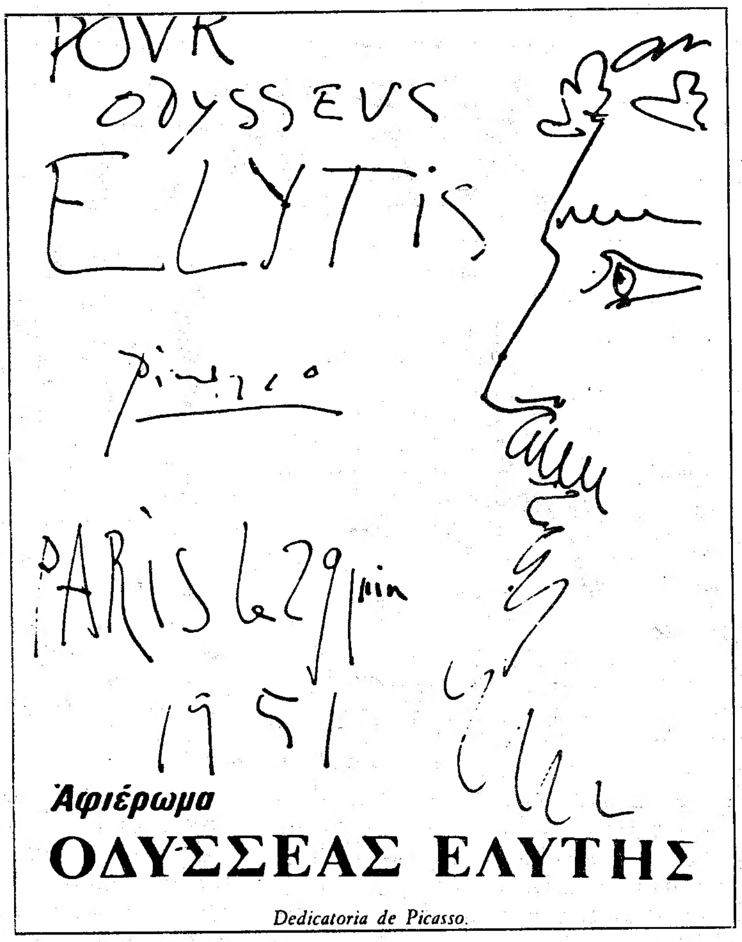
Aliás, em gestos fraternos, os escritores portugueses foram os mais acarinhados nesta Bienal. Poderia a árvore esquecer-se da raíz ou desprezá-la? Por ela se alimentará, ainda que a distância, imensa, contenha, entretanto, um oceano. A raíz, por sua vez, revive no calor de frases simples e estimulantes, de tantos, tanta gente que demonstra alimentar a esperança. Pessoalmente, doeram-me reminiscências, esforcei-me, por deixá-los lá. Há algum tempo, um amigo perdido afirmou, sem hesitação, que sou uma trágica. Certamente, é destino.

José Tinhorão, historiador da música popular brasileira, editado entre nós, de um lado, José Jorge Letria, conhecido por cá, do outro, estivemos de vela e de mostra nos dois últimos dias da Bienal, em sessões de autógrafos. Recebemos atenções incontáveis — Lloyola passou por lá —, dos livreiros até: quem poderá imaginá-los assim? Os resultados deste acontecimento cultural, compensadores, faziam com que, apesar do cansaço por tantos dias de tensão e atenção, nos acomodassemos numa alegria interiorizada, discreta, não enunciada, alegria, que, para mim, se fechou em círculo, quando, por acaso total, encontrei J. J. Veiga pouco antes de embarcar. Ainda lhe perguntei o título do seu livro mais recente: «A Pele da Serpente». Ele, generosamente, relembrou «Muxima», um livro que lhe ofereci há sete anos. Tudo acabou com um abraço luso-brasileiro, apertado, sincero.

Digam lá, não foi um fim feliz?

Filomena Cabral





Dedicatoria de Picasso.

ODYSSEAS ELYTIS

Da instabilidade gerada na Península Balcânica, no início do século, por razões que se prendem com a questão da unificação grega, e com a declaração de guerra à Alemanha e à Bulgária, por Venizelos, em 1916, até ao fim da Ditadura dos Coronéis, em 1974, resultante do golpe militar de extrema-direita, em 1967, a vida cultural na Grécia, florescente a partir da década de 30, deixava para trás a denominada Geração de 1880 ou Nova Escola, assim como os velhos ideais do pan-helenismo confinados aos limites geográficos da Antiguidade, a questão da língua, uma generalizada descrença no futuro a que não conseguiu escapar totalmente a geração dos anos 20.

Para além do controverso conceito de *geração*, é com efeito na década de 30 que, sem abandonar o propósito de firmar as novas tendências estéticas, em curso no Ocidente, na diferente leitura crítica, que se passa a fazer da ideia de tradição, um qualificado número de jovens autores se agrupa à volta da revista «Ta Nea Grammata» («As Novas Letras»), tendo como estrela o Surrealismo, necessário factor de viragem a que não resiste a retórica tradicional, espartilho formalmente posto de parte por poetas tão promissores como Ritsos, Gatsos, Embiricos, Seiferis, Elytis e Andoniu.

À margem do exagero a que levaram certas experiências surrealistas, quer no que se refere à componente ideológica em que se moviam, quer ao automatismo de escrita perfilhado por Breton, a primeira publicação de tendência surrealista aparecida na Grécia tem por título: «No descanso da salvação» e é seu autor Th. Dorros, um ano antes de Dimitri Mentzelos, a viver na Europa (hospitalizado em Lausana, ao que se sabe), ter enviado à revista «O Logos» («A Palavra»), de 1931, um conjunto de artigos sobre esta nova corrente estética.

Como confessará mais tarde, é aí que pela primeira vez Odysseas Elytis toma contacto com a que virá a ser uma das linhas de força da sua poesia e, por certo, o pólo de atracção cultural que, em 1948, o levará a deixar a Grécia e familiarizar-se com nomes do mundo das artes e das letras como: Picasso, Matisse, Chagall e Giacometti, ou Reverdy, Breton, Camus, Éluard, René Char e outros, e a viajar pela França, Espanha, Inglaterra e Itália.

Não fora, porém, o permanente sobressalto político vivido na Grécia, já de si gerador de incertezas, e mal o jovem poeta de *Orientações* (1940), há poucos anos saído da Faculdade de Direiro da Universidade de Atenas, poderia supor o que o esperava: a sua mobilização a 13 de Dezembro de 1940 como subtenente de Infantaria, para a frente da Albânia, entretanto invadida por Mussolini, que não pôde contar com os favores políticos de Metaxas, um homem de formação direitista.

Nascido em Creta pelo ano de 1911, Odysseas Alepuedis (Elytis é nome adoptado) conta agora 30 anos de idade e, em carta a um amigo, dá notícia dos horrores da guerra, convicto de que o fim pode a qualquer momento chegar, e perante a catástrofe o que lhe resta é considerar-se «aquele herói grego» que é agora o subtenente da Albânia, aquele que avança «com o talismã de sua ideia lírica no peito».

É assim que, a poucos dias da Ocupação, é vitimado por doença contagiosa o que o obriga a retirar da Frente e a ser hospitalizado, enfermidade que o coloca entre a vida e a morte. Segundo diria mais tarde, em 1965, numa entrevista a um jornal de universitários do seu país, intitulada: «Vivi o milagre de Albânia», salvou-o a vontade de viver.

Quando em 1942, por toda a Grécia, várias formações políticas se dão as mãos para organizar a resistência, já a fome, as execuções e a ruína económica colocam o país sob uma vaga de profunda desolação e o luto tem invadido a alma helénica para sempre.

Aparecem, por estes anos, três livros: «O Sol Primeiro» (1943), «Canto Heróico e Fúnebre por um Subtenente Caído na Albânia» (1945) e «A Bondade no Covil dos Lobos» (1947), a que se seguirão, entre 1948 e 1951, anos de silêncio e exílio voluntário, vindo a ocupar o cargo de chefe do conselho administrativo do *Teatro da Arte* e, entre 1956 e 1958, do *Ballet Grego*, traduzindo ele-próprio parte do reportório, de Giradoux e Brecht, até ao aparecimento de um dos seus títulos mais importantes: To Axion Esti (És Digno), que data de 1959.

De 1960 à publicação de *Maria Nefeli* (que quer dizer *nívem*, em grego) e precede de um ano o Nobel, atribuído em 1979, não mais deixarão de aparecer novos livros neste inconfundível universo poético, revelação da mais fina pedraria, tanto pela mundividência de teor intimista (e para a qual a sua formação e nascimento contribuem), como pela simbologia, empenhamento histórico e realização estética, sem paralelo, e exemplar do ponto de vista criativo.

Além de outros títulos de poesia de grande nível: «A Árvore da Luz e a Décimaquarta Beleza» (1960), «O Sol Soberano» (1971), «Os Consanguíneos» (1974) e «O Pequeno Nautilus» (1979), Elytis impôs-se como crítico de arte, assinando, no país e no estrangeiro, textos em revista da especialidade e mais tarde reunidos nos seguintes volumes: «O Pintor Teófilo» (1973), «Papéis Abertos» (1974) e «A Magia de Papadiamandis» (1976).

Sob o título: «Segunda Escrita» (1976), reuniu traduções de poesia de: Rimbaud, Lautréamont, Éluard, Pierre Jean Jouve, Ungaretti, Lorca e Maiakovaki.

Embora se trate de um reconhecimento orientado em termos de opinião pública, a Academia Sueca disse ter-lhe o Nobel sido atribuído porque na sua obra se combinam: «(...) a tradição com uma visão moderna da luta do homem pela liberdade e criatividade.»

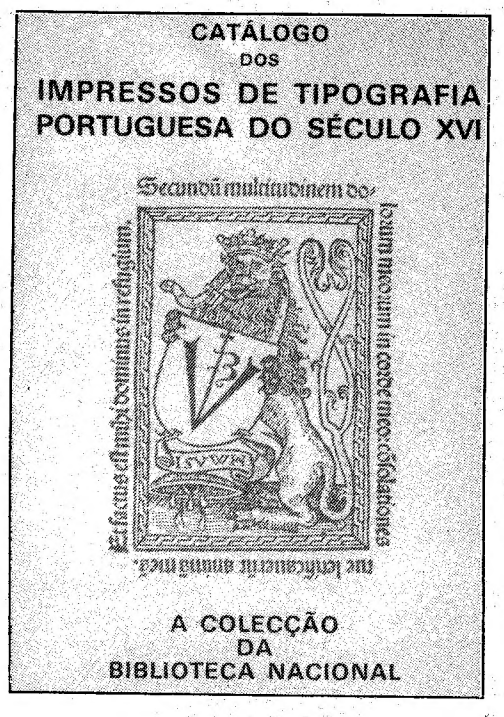
Mais importante será referir aquela espécie de sopro divino que perpassa em toda a poesia de Elytis, impregnando-a de uma essência raramente consentida.

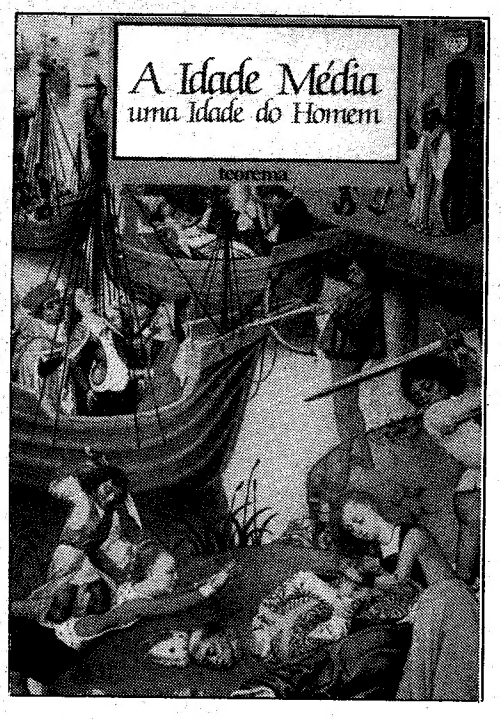
Nota:

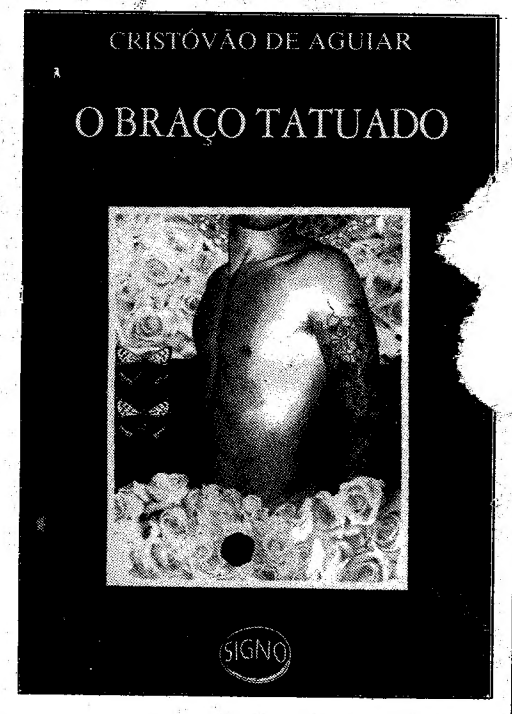
Serviu de base a este trabalho o livro: «Odysseas Elytis», do poeta e especialista em línguas Clássicas, Jose Antonio Moreno Jurado (Prémio Adonais de Poesia, 1973), publicado pelas Ediciones Júcar, Madrid, 1982.

continua na pág.4

literário







ACABADOS DE CHEGAR

Paisagem sem barcos

Maria Judite de Carvalho
Pub. Europa-América

Galardoada com o Prémio Camilo Castelo Branco, atribuído em 1962 pela Sociedade Portuguesa de Autores ao seu livro «As Palavras Poupadas», Maria Judite de Carvalho nasceu em Lisboa, em 1921, licenciando-se em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras de Lisboa. Num tom muito pessoal e com um poder de comunicação pouco vulgar, as suas obras exprimem a solidão e o desencantamento de viver, a impossibilidade de se ser feliz num mundo que se entrechoca perpetuamente. Bem - tais palavras constam de uma breve nota sobre a escritora, inserta nesta reedição de «Paisagem Sem Barcos». Mas, adiantando mais alguma coisa, aqui fica, preto no branco, o que de Maria Judite de Carvalho todos os seus leitores, aliás, já sabem: uma contista e novelista ímpar no nosso panorama literário, com o mesmo génio de Anton Tchekov e o mesmo talento de Catherine Mansfield. E só uma coisa mais dizemos: que se leiam, de enfiada, todos os seus livros. - Capa sobre pintura de Francisco Simões.

Catálogo dos Impressos de Tipografia Portuguesa do Século XVI

Todo o acervo dos impressos da tipografia portuguesa do século XVI reunido na Biblioteca Nacional acaba de ficar registado num catálogo, agora publicado, e que é fruto de dez anos de exaustivo trabalho de pesquisa. Esta inventariação erudita esteve a cargo de Maria Alzira Proença Simões e de uma equipa de especialistas em vários domínios. O presente Catálogo tem uma tiragem de 1500 exemplares e está ordenado pelo nome dos autores e títulos de obras anónimas numa sequência alfabética. A nota de apresentação é de Manuel Villaverde Cabral e a reprodução fotográfica de José Fabião e Silva e João Bernardo dos Santos. Em 1926, a Biblioteca Nacional editara a «Bibliografia Portuguesa das Obras Impressas em Portugal no Século XVI», mas sucessivas investigações, bem como aquisições e ofertas, permitiram identificar, nas últimas décadas, muitos outros títulos desconhecidos. São esses títulos, em parte, que enriquecem a obra agora apresentada, numa edição da Biblioteca Nacional. Um exemplo: assinale-se a incorporação de «Gramática da Língua Portuguesa», «Diálogo da Viciosa Vergonha» e «Diálogo de Preceitos Morais», de João de Barros, impressos em Lisboa em 1540. E há outras preciosidades...

A Idade Média - Uma Idade do Homem

Georges Duby
Teorema

Especializado em História Social da Idade Média, Georges Duby é um dos maiores especialistas daquela era da humanidade. Uma parte importante da sua obra encontra-se publicada entre nós, quer servindo a Universidade, quer interessando aos mais diversos leitores. Alguns títulos editados em português: «Senhores e Camponeses», «A Sociedade Cavaleiresca», «História e Nova História», «o Mediterrâneo - Os Homens e a Herança». No presente livro, Georges Duby demonstra que toda a Idade Média decorre «sob o signo do homem, convencido da superioridade do seu sexo. Esse homem tem medo das mulheres e despreza-as, por isso mesmo. E, no entanto, o seu discurso é, antes de mais, o discurso do desejo - um discurso sobre a mulher.» - Tradução de Maria Assunção Santos.

O Braço Tatuado

Cristóvão de Aguiar
Editora Signo

«Uma significativa problemática da nossa guerra colonial é debatida na parte central desta obra, arrancando-a aos caminhos mais convencionais da ficção narrativa e empurrando-a quase para níveis de uma dialéctica de perfil sociológico ou mesmo ético (...)» - palavras de Eduardo Mayone Dias, Universidade de Califórnia, Los Angeles, *in* "Quatro Vozes Açorianas na Novelística das Guerras Coloniais" (Comunicação ao Congresso de Escritores Açorianos em Dezembro de 1989). Por sua vez, Maria Eduarda Vassalo Pereira, no Colóquio/Letras, emite o seguinte juízo: «É a narrativa da guerra de uma sobriedade quase inquietante. Dela se destaca a história do Niza, ponta temática que a enreda nas outras histórias. Mas destaca-se, sobretudo, a apontada sobriedade.» Entre os títulos de Cristóvão de Aguiar, conta-se o romance «Raiz Comovida I (A Semente e a Seiva)», Prémio Ricardo Malheiros da Academia das Ciências de Lisboa. Sem dúvida que um autor a ler. A tempo: Signo é uma editora açoriana apostada na exigência.

A ÁRVORE DA LUZ E A DÉCIMA QUARTA BELEZA

Continuação da pág. 3

BÓREAS, O VENTO, E A RAPARIGA EM FLOR

Frente à lonjura/pelo aroma da hortelã levado/a pensar até onde me ir me pus/e decidi/não fosse eu cair na solidão/procurar uma ermida pois precisava urgentemente de respirar

Devorado pelo clamor do mar como as negras entranhas à cabra/um rasgão no peito me aproximava cada vez mais da Felicidade/todavia nada/ninguém

Somente ardia à volta a profecia do olival selvagem

E toda a encosta/ao largo da poalha de espuma/Sobre a minha cabeça/adivinhava e essa envolvência consentia/de movimentos mil malvas e querúbeos insectos/Se a pacificação vingava/vingar-se-iam os mares, talvez os mares um dia

E mais além/dessas ruínas fugida/apareceu/tomando altura/formosíssima/ante o ligeiro surto das aves/a rapariga que Bóreas trazia e que eu tanto esperava

E a cada passo seu/deixàya que o ar meio tom subisse no seu peito/e com uma alegria luminosa dentro de mim até às pálpebras se erguia para voar

Ai paixões e loucuras da minha terra!Uma luz invisível levantava-se atrás dela deixando no céu os primeiros sinais do Paraíso

Pude então ver por um momento/como forcado de sombra os pés dela crescendo/e na intimidade/ainda beijada pelo sal do mar/Depois envolveu-me com o perfume dela/a pão fresco cheirava e a regoliz selvagem das montanhas

Forçei a pequena porta de madeira e acendi uma vela/Porque uma ideia muito minha se havia já imortalizado

SOBRE A POLIS

Com quatro pedras apenas e alguma água do mar/ergui um templo e a guardá-lo me sentei

Caía o meio-dia e o que vulgarmente se chama meditação na romãseira escura ameaçava quebrar-se

Alguma coisa estava para acontecer no céu que ninguém em seu corpo sentiu essa espécie de exasperação nocturna

Lentamente um grito entoou sob o magnífico pórtico/o sátiro aproximou-se da prisão e abriu passagem/Esforço de séculos o dele para tão insignificante movimento como o do carcereiro/por e todos desejado por ninguém assumido

Adejaram os véus e o grito da ave ainda primeiro que a imagem dela/chegara mesmo a erguer-se pela cúpula

Derramava-se luz à volta das estátuas e por um momento como vertigem sobre o átrio se detinha/não encostassem já as árvores a face à janela norte e o resplendor se quebrasse/até que

Ei-la/da nudez próxima essa mulher/uma auréola verde nos cabelos e o corpete de fio dourado/chegou e logo sobre as lajes se sentou delicadamente/com as pernas entreabertas

Em sobressalto esse gesto deu-me a ideia de uma flor quando se abre ao perigo logo ao primeiro toque/E depois/do mesmo modo que

No Apocalipse/em fila quatro cavalos passam/o negro/o prateado/o imprudente/e o sonhador/sem cavaleiro nem sela/dando a entender que os excedeu a grandeza

E que a multidão arrasta os que caminham/como uma guarnição que se precipitasse infernalmente pelo Paraíso dentro/como estava previsto

Ante ela o homem despiu-se/e exibiu seu formoso animal até ao limite dos bosques e do sol

Desnuado no ar o corpo da figueira/não rescendessem ainda frescos os unguentos do mar

Acomodei-me sobre ela até docemente despertar/e senti que o seu leite se me ateava entre as pernas

Com loucura continuei escrevendo «Sobre a Polis» com a excedível ternura do azul infinito

E por entre a transparência escura da folhagem/Por um momento revelaram-se as ilhas/e mais acima no céu os inúmeros possíveis em que as aves podiam voar/degrau a degrau até ao infinito

Apresentação e tradução de Vergílio Alberto Vieira